BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

DR. SOUSA VITERBO

MELLO D'AZEVEDO

Editor

HISTORIA

DO

CERCO DE MAZAGÃO

POR

Agostinho de Gavy de Mendonça

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

LISBOA
1890

ADVERTENCIA PRELIMINAR

PROSEGUINDO na nossa empreza, inserimos no segundo volume da nossa collecção a obra que nos deixou Agostinho de Gavy de Mendonça ácerca do celebrado cerco de Mazagão, briosamente defendido pelos nossos antepassados, na regencia da rainha D. Catharina, que governava durante a menoridade de seu neto D. Sebastião.

E' este livro um documento interessante para a historia do nosso dominio nas costas do imperio marroquino, e quer-nos parecer que tem extraordinaria importancia no momento em que tanto se debate e contesta a soberania portugueza na costa oriental d'Africa.

O problema é identico ao que surgiu e teve tão desarrazoada solução no reinado de D. João III. Ainda hoje o abandono de Safim, de Arzilla e de Azamor é considerado como um dos factos mais

desastrosos d'aquelle reinado. Ficamos com Ceuta, com Tanger e com Mazagão, mas Ceuta, por causa do dominio Philippino, está na posse de Hespanha; Tanger demol-a de presente aos inglezes, que a conservaram pouco tempo sem que annuissem ás propostas de restituição; e Mazagão abandonamol-a no tempo do marquez de Pombal. Era uma reliquia que se devia conservar. Não nos parece que fosse dos mais sensatos e patrioticos este acto do ministro de D. José I.

Quem compilasse, n'um volume de historia, as batalhas e cercos sustentados pelos portuguezes na conquista e na defeza das praças d'Africa, teria escripto uma opulentissima *Illiada*. Em nenhuma parte se ostentou tão radiante o heroismo dos nossos soldados. Custa a crêr como um punhado de homens realisava taes milagres de valentia. Não batalhavamos com povos inermes e ignorantes da arte da guerra; era uma lucta accesa e quotidiana com uma raça bellicosa, herdeira d'uma civilisação brilhante. Era a porfia de duas crenças, que tinham jogado na peninsula um duello de morte. Infelizmente o perfume das especiarias orientaes estonteou-nos e a conquista da Mauritania, iniciada por D. João I, proseguida com toda a efficacia pelos seus successores até D. Manuel, foi um mau sonho na cabeça de D. João III.

A historia das praças d'Africa poderia fornecer assumpto de sobra para a imaginação d'um poeta, para a elaboração d'um *romanceiro*. Camões, apesar de militar em Ceuta, fascinou-se tambem de preferencia pela India, e elle, que no seu poema accusava, pela boca do velho do Rastello, os que deixavam criar ás portas o inimigo, não pôde fugir á

idéa predominante da epoca e lá foi, caminho do Oriente, na onda dos aventureiros.

Outros poetas escolheram a Africa para scenario das suas epopeias, mas nenhum d'elles tinha o espirito gigante de Camões, nenhuma d'ellas póde rastrear com os *Lusiadas*. E todavia nada falta para esmaltar a narrativa poetica; os episodios abundam e, desde as scenas mais brilhantes e gloriosas até ás scenas mais tragicas e pateticas, o poeta só teria a difficuldade da escolha.

Não escasseiam, porém, as narrativas historicas, a principiar em Gomes Eannes d'Azurara, testemunha das primeiras conquistas, e cujo estylo, apesar de chão e sincero, não apresenta comtudo as bellezas do phraseado energico e pittoresco do seu contemporaneo Fernão Lopes.

O cerco de Mazagão é uma das nossas grandes proezas africanas, e, como o primeiro cerco de Diu, tem a vantagem de ser contado por um soldado que assistiu á sua defeza. Gavy de Mendonça pertence, por este lado, á familia de Lopo de Sousa Coutinho. Dous guerreiros, que empregam as suas horas vagas em transmittir á posteridade as acções heroicas, que elles presencearam e sentiram, e para as quaes contribuiram tambem com o seu esforço.

Quer-nos parecer que a leitura d'estas narrativas deve ser um estimulante para a nossa alma narcotisada; um tonico vigoroso para a nossa organisação combalida. Havemos de mirar-nos n'estes espelhos e havemos de duvidar que seja esta a physionomia heroica dos portuguezes. Tão distanceados estamos já d'esses periodos de febril actividade conquistadora e maritima!

Não se limita á obra de Gavy a litteratura ácer-

ca de Mazagão; a bibliographia portugueza a este proposito é bastante numerosa. Além das chronicas de Azurara, a que já nos referimos, e que só alcançam as primeiras conquistas, existem diversas relações, que o leitor poderá vêr descriptas na *Bibliographia historica portugueza*, de Figaniere, sob os n.os 1001, 1026, 1030 e desde 1039 a 1048. São narrativas de frequentes ataques, com que aquella praça era assaltada. Mais notavel que todas ellas é todavia a obra de D. Gonçalo Coutinho—*Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho á villa de Mazagão*, impressa em 1629, e digna, pela gravidade e conceituoso do estylo, de figurar a seu tempo na nossa collecção.

A's relações acima mencionadas ha a accrescentar uma outra que existe na Bibliotheca d'Ajuda e que não vem indicada nem em Figaniere nem em Innocencio:

Relação do grande terremoto que houve na praça de Mazagão em o 1.º de novembro de 1755, etc. Lisboa, 1755, 4.º

Simplificamos o titulo da obra de Gavy, como fizemos na obra de Lopo de Sousa. O leitor relevar-nos-ha d'esta mutilação desde que lhe apresentemos o titulo integral. Eil-o:

Historia
do famoso cer
co qve o xarife pos a for
taleza de Mazagam deffendido
pello valeroso capitam mor della Ruy de Sousa de Carvalho
Reynando neste reyno a Serenissima Raynha Dona
Catherina primeira do nome em Por
tugal, no anno de 1562

(Aqui ha uma vinheta, gravura em madeira, representando uma fortaleza; moldurada em um retangulo de 85 millimetros de alto por 95 de largo).

Escripta por Agostinho de Gavy de Mendonça, cidadão da cidade de Lisboa, natural da dita Força.
Dirigida ao muyto illustre senhor Dom Diogo da Silva, conde de Portalegre, Mordomo Mor do Reyno de Portugal.
Impresso com licença da Santa Inquisição, em Lisboa, em casa de Vicente Alvarez, anno 1607.

Uma cousa curiosa se nos offerece n'este livro, mas que nos não deve maravilhar, sendo tão frequentes os segredos bibliographicos d'aquella epoca, e do seculo anterior. O exemplar que acima descrevemos existe na Bibliotheca d'Ajuda, onde existe tambem outro exemplar com o frontispicio assim modificado:

Historia do famoso cerco que o Xarife poz á fortaleza de Mazagam, defendido pelo valeroso capitão mór d'ella Alvaro de Carvalho, governando n'este reino a serenissima rainha D. Catharina no anno de 1562. Escripta, etc.

O mais como no outro.
Não sabemos como explicar plausivelmente esta substituição, quando do corpo da obra se vê effectivamente que o capitão mór da fortaleza era Ruy de Sousa de Carvalho, e não seu irmão.
Os bibliographos esclarecem muito pouco a vida de Gavy de Mendonça, limitando-se a dar-nos as breves indicações que se colhem da sua obra; isto é que elle era natural de Mazagão, d'aquella *força*, como elle se exprime, dando a este termo a significação de fortaleza ou praça, e que assistira ao cer-

co que o Xarife lhe pozera. Ao tempo da publicação da sua narrativa residia em Lisboa, pois se declara cidadão d'ella. Pela nossa parte nada podemos adiantar ácerca dos dados biographicos do homem. Diligenciou-se obter algum documento official, mas as pesquizas na Torre do Tombo foram infructuosas. Nem nas chancellarias de D. João III, D. Sebastião, D. Filippe I e II, nem no registo das ordens militares, nem nas habilitações dos familiares do Santo Officio se encontrou cousa alguma. E' possivel todavia que exista algum documento esparso ou alguma referencia, que o acaso venha a deparar um dia.

Attribue-se tambem a Gavy uma chronica de D. Sebastião, cujo paradouro se ignora. Lográmos a esperança de a obter; tinham-nos até feito o generoso promettimento d'uma còpia d'ella, mas, quando examinámos pessoalmente o manuscripto, verificámos que não passava d'um traslado da chronica de Fr. Bernardo da Cruz, já publicada por Alexandre Herculano.

A estes desenganos anda infelizmente sujeito quem se mette pelos invios atalhos das investigações hisricas.

Del alferes Juan de Torres al Author

SONETO

Dichoso ó Miclas, que en tu barca llevas
Un Cesar Conde Portalegre invicto,
Alegre puerto a tu amor conscripto
Te ofrece la ventura en tales pruevas.

La fama gravará tan altas nuevas
Sobre altos piramides de Egypto,
Pues deste polo al otro, y su distrito
Las vidas de los muertos las renuevas.

Si el dicho con el hecho es bien conforme
En ti conforma el dicho con el hecho,
Pues procedes en todo verdadero.

Seguro vas que nadie te reforme,
No temas la fortuna, y su despecho
Que te ampara un illustre cavallero.

Ao muito illustre senhor D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, mordomo mór do reino de Portugal

Illustrissimo senhor.

ANTO quanto é maior o esforço e valor com que os portuguezes commetteram as arduas emprezas, e valorosos feitos que desde o principio da fundação d'estes reinos teem obrado, tanto e mais parece que se lhes avantaja o descuido que mostram em escrever e mandar á luz suas obras para se não sepultarem nas trevas do esquecimento, cousa que se não póde passar sem notavel magua: quão prejudicial seja esta frieza se vê no esquecimento em que hoje estão as cousas que obraram no cerco de Mazagão, das quaes querendo fazer relação o Maris, vae tão desviado da verdade, quanto se vê nos seus Dialagos, o que fez por não ter quem d'ellas o informasse, e se isto acontece em tempo que não faltam ainda alguns cavalleiros dos que se no dito cerco acharam, que se póde esperar quando o espaço do tempo os tiver

todos consumidos, e gastadas todas as lembranças estimuladas, pois eu d'esta causa que no dito cerco me achei como natural da dita villa, e juntamente com apontamentos que de alguns cavalleiros tive, fiz estas lembranças, assim como no decurso do tempo foram succedendo, tão verdadeiras como desnudas de todo o ornato de palavras, que as podiam formozear. Determinei offerecel-as assim com esta falta a V. S. para que de sua mão se aperfeiçoassem, e aperfeiçoadas se manifestassem aos homens, em tempo em que parece que mais que em todos os outros tem necessidade dos exemplos de seus passadouros para se com elles espertarem aos imitar, esperando a gloria dos vindouros, que os cavalleiros que se n'este cerco acharam, por suas obras aqui tão mal relatadas, merecem dos presentes. Receba V. S. este pequeno serviço em que o faço mór á minha patria, como primicias dos muitos que lhe desejo fazer. Nosso Senhor a illustre pessoa de V. S. guarde, e acrescente a outros mores por largos annos.

PROLOGO AO LEITOR

Diodoro Siculo diz, que quando algum vassalo egypcio queria fallar a seu principe, lhe dizia com humildade antes de fallar-lhe em outra cousa alguma; senhor: se estou em tua graça, te queria fallar certas cousas, e pedir mercês; mas se não estou n'ella, não te quero importunar; e logo segundo no que o principe o terminava, assim declarava sua petição.

Eu, discreto leitor, de desejo inflamado de que na tumba do esquecimento não fiquem feitos, proezas de heroes lusitanos assignalados, que no cerco de Mazagão, com tanto atrevimento, sem temor da multidão dos inimigos e menos furor da morte, e seu bellico rumor armigero, bem quizera antes que communicasse comtigo suas façanhas pelo moderno estilo de meu fragil entendimento, saber de ti como estás comigo, por vêr se me podia aventurar. Mas

tornando sobre mim com a consideração de entender que, quando tu te satisfaças, hei de contentar a muitos e não um só; e que não faltará quem condemne o modo e linguagem de minha narração; darei, se basta por desculpa, que em tudo sou aventureiro, e que o fui nos combates que a fortaleza e seus defensores tiveram, e que como natural da terra, movido do amor do sangue que ali derramaram em sua defensa, fiz este livro como me ajudou o tal amor e verdade do que passou, escusando de outros authores, que para mostrar sciencia buscam effeitos varios de nova rhetorica composta e egual aos casos das historias, que sem haverem passado contam, e menos quiz pôr-me ao estudo para ao presente levar novas curiosidades, que sendo meus livros a espada, lança e adarga, não convinha melhor linguagem que a que o militar ruido me ha ensinado, e o mais deixo para outros, que podem dizer em summa de ouvidas com estylo grave, o que eu de vista, com o meu claro, por extenso aqui escrevo, que verás. E estou confiado estimarás meu trabalho, por te haver dado a saber tão celebradissima e não crida victoria, que de tantos mouros alcançaram os poucos christãos nossos naturaes com gloria e honra sua, ainda que á custa de suas vidas, cuja memoria é bem que tenhas, para que assim correndo de gente em gente se saiba nas partes mais remotas, e por ellas nos sejam affeiçoados, e invejosos, o que não ponho duvida, pois lá nas partes do Oriente, e nas mais do mundo, tem já de alguns bastante experiencia.

Del alferes Juan de Torres Portugal al author d'este livro, y mas alabanças de algunos esforçados cavalleros

La aligera trompa que publica
De Marte el gran furor rizido y fuerte,
Cuyo rumor remueve en sañe implica
El mas covarde ofrezca vida a muerte
Y aquel que de aficion su historia explica
Con clara ranacion tan buena suerte,
Invoco, porque pueda dezir quanto
Me agrada de su estilo el vero canto.

No sè por donde guie el braço y pluma
Que diga quanto mas ser estimado
Deve, si la sangrienta guerra em summa
Si nuestra gran victoria asinalada.
O se en llorar las muertes me resuma
De aquella gente illustre tan gallarda,
Que por su Dios, y rey, y patria fueron
A Mazagan, a do honrados murieron.

2

Mas quien de tal furor precipitado
No va tras la opinion de los guerreros,
Que cada qual en puesto limitado
Assistio recebiendo golpes fieros.
Y quien despues del caso relatado
No desseó alli de los primeros
Ser, y en el campo raso, o estacada
Traer el moro al yugo del espada.

Y vos capitan noble tan famoso
Altivo Ruy de Sosa de Carvallo,
Cuyo osado animo orgulloso
Fue siempre manifiesto a pie e a cavallo.
Pues quando aquel exercito furioso
Del gran Xarife vistes de acavallo,
De vos bien se entendio, pues tal prudencia
Mostrastes en la fuerte resistencia.

Y aquel hermano vuestro en quien avia
Animo, pecho invicto noble y raro,
General del gran fuerte do assistia
Mostrando en defender-se tan perclaro.
Qual siempre en todo Africa hazia
Mostró de su furor com obras claro
Que Alvaro Carvalho solo era
De quien pudo la fama ser parlera.

Mas que señalo yo, si señalados,
Tantos hidalgos fueron, que podia,
De cada uno siglos perlongados
Hablar de su valor y valentia.
Mas bien seguros soys de que olvidados
Ya mas de mi sereis, que la osadia
Es gran prerogativa en el soldado
Para hazello temido, y estimado.

Y vos varones graves, que prudentes
De vuestros esforçados herederos
Las muertes al combate sucequentes
Con paciencia stllevaes muy guerreros.

Y a la vengança presta diligentes
Conforme os mostrastes compañeros,
Tanto, que si mas cedo el golpe dava
Lorenço Sosa, el otro le igualava.

Y vós, noble Ysabela de Avelar,
Matrona insigne, illustre, non igualada,
Que aquel leon paristes, que sin par
Lo fue en esfuerço, y fuerça del espada.
Que a los moros los hizo retirar,
Quedando por reliquia lastimada,
Su cuerpo alli defunto, que estimastes
En mucho, por la honra que ganastes.

Parece-me que a lastima provoco
A mi mismo sentido lo que canto,
Y pues materia tal, sin sciencia toco
Lo que cantar se deve solo en llanto.
Dexo, que no es bien, vaya poco a poco
Con los que han merecido en vida tanto,
Y en la muerte, mas piden que su historia
Sea en cantarle solo la victoria.

Y por que hallo indigno mi talento
De hazer tan celebrada relacion,
Hazerlaha con mas entendimento
Quien dello tiene a cargo dar razon.
El qual presente fue al acaecimento
Cuyo ingenio grave, y discripcion,
En vós Gavy famoso todo se halla,
No menos belicoso en la batalla.

HISTORIA

Do famoso cerco que os mouros puzeram á fortaleza de Mazagão

CAPITULO I

Que trata de como na fortaleza se soube como o Xarife a vinha a cercar, e do aviso que o capitão mór mandou ao reino

Depois que os arabes sahidos de suas terras subjugaram toda a Africa, veiu por decurso do tempo a reinar Almançor, imperador e senhor de toda a Africa, e da maior parte de Hespanha. Este Almançor amou muito as letras, armas e a justiça, de modo, que se acha ser o primeiro que entre os arabes ordenou que todas as cousas se vendessem a pezo; e sem embargo de muitas e boas ordenações que a seus povos deu, dividiu todas as gerações dos arabes por toda a terra de Africa; e como era homem de delgado aviso e grande entendimento, escolheu para sua côrte, e guerras as gentes da geração de Hetigi, que eram os mais esforçados e nobres de todos

os arabes; os quaes assentou e aposentou junto á sua cadeira, que n'aquelle tempo era a cidade de Marrocos, e segundo se acha escripto, tinha mais de cem mil visinhos. Esta gente da geração de Hetigi seriam cem mil homens de guerra; cincoenta mil de cavallo, e os mais de pé, com os quaes o dito Almançor fez grandes guerras, como se mostra nas chronicas dos arabes de Hespanha. Pois andando o tempo revolvendo os estados do mundo, vieram os arabes a perder os bons costumes dos seus antigos, juntamente a maior parte de Hespanha, d'onde veiu dividirem-se em cabildas por a terra de Africa, principalmente por Berberia, Numidia, e grão parte de Libia; estendendo-se pelos campos, destruindo as famosas cidades e fortalezas que dos antigos africanos, romanos e godos foram edificadas; fazendo mais caso de viver isentos, que de seguir a união de um corpo e principado; o que foi causa de haver entre elles muitas cabeças, sem embargo que sempre tiveram principes que governavam em diversos reinos que novamente em Africa fizeram. Havia nos lugares maritimos da Berberia algumas armadas de corsarios arabes, que com o favor dos arabes do reino de Granada faziam roubos na costa de Hespanha; e por esta causa el-rei D. João, o primeiro d'este nome em Portugal, principe bellicoso, que não soffria offensas, molestado d'estes infieis, passou em Africa com quatro filhos legitimos e um bastardo, todos esforçados e virtuosos mancebos, e com o favor de Deus, e a valentia de taes filhos, tomou por força de armas Ceuta, no estreito de Gibraltar; e depois passou duas vezes em Africa el-rei D. Affonso, neto do dito rei, levando comsigo um só filho que tinha; e tomou ou-

tras cidades na Berberia, onde os portuguezes faziam tal guerra aos arabes, que lhe foi forçado despejar muitas terras por dentro do sertão, e outras na costa do mar; e reinando o felicissimo rei D. Manuel se tomaram outras na provincia de Ducala, que agora se chama Duquela, que são Azamor e Safim, das quaes e das outras os bellicosos arabes recebiam grandes damnos das corridas e entradas que os portuguezes faziam. Passados alguns annos, reinando o Serenissimo Rei D. João, o terceiro, por alguns respeitos que não digo, determinou largar Azamor e Safim e outras terras que pareciam escusadas; porque para entrar em Africa pela provincia e reino de Fez bastava Ceuta e Tanger, e para entrar no reino de Marrocos e terra da Duquela contra os valentes cavalleiros da geração de Hetigi, Mazagão era sufficiente porto para desembarcarem os portuguezes, quando cumprisse fazer-lhe guerra; assim que, o Serenissimo Rei D. João III estas tres forças quiz que sustentassem, as quaes mandou fortificar, especialmente Mazagão, que está duas leguas pequenas ao occidente da cidade de Azamor, e tem uma grande bahia capaz de poder n'ella estar uma grossa armada, como os reis de Portugal costumavam mandar contra os infieis. Pois reinando entre os arabes Mole Abdala Xarife, rei de Marrocos, de Fez, de Miquenez, de Sus, de Dara, Tafilete, Trudante e outras provincias, e sendo muito molestado, e injuriado dos portuguezes terem dentro em seus reinos e senhorios cidades e fortalezas, determinou de expugnar e deitar de suas terras gente de que recebia muito má visinhança, tomando-lhe os logares, e praças fortes que em Africa tem, o que diziam ser fôra solicitado de alguns máos chris-

tãos, que sobre este caso lhe escreveram; e assim de certos elches, que a elle se foram, esperando grandes mercês, no que se enganaram, porque mouros são pouco liberaes e nada verdadeiros no que promettem. Tinha o Xarife sabido que estava a fortaleza de Mazagão sem gente de cavallo, e poucos soldados, mortos de fome, que determinavam largal-a, para o qual effeito já tinham um baluarte minado para o derribarem, o que tudo correspondia ao que desejava effectuar, d'onde veiu determinar-se antes com Mazagão, que com nenhuma das outras fortalezas, porque, além das occasiões que se offereciam, tinha por sem duvida que no inverno, em que elle queria vir cercar, não poderia ser soccorrido de Lisboa, que está cento e dez leguas áquem mar ao norte da dita fortaleza; o qual vento no inverno cursa poucas vezes; de modo que, confiado em sua potencia, e tempos contrarios, se dava a entender, que a tomada da fortaleza lhe seria facilima, e havia quatro ou cinco annos que para esta guerra juntava artilheria e munições, sem ninguem entender para que, posto que havia suspeita ser contra christãos. E no anno de 1561, no mez de novembro, chamou suas gentes, uns de Berberia, outros de Numidia e Libia, com dar a entender que se temia dos turcos de Argel; e com esta dissimulação os portuguezes estavam da guerra seguros; mas Ruy de Sousa de Carvalho, que então era capitão mór da fortaleza, com algum receio que do cerco tinha, contractou com o alcaide de Azamor que lhe vendesse vinte mil saveis, o que o alcaide fez como tinha de costume, sem dar a entender que havia alguma novidade, e por mais assegurar o capitão lhe deu os saveis fiados sobre dois arrefens. N'este tempo veiu

de Marrocos um arabe, christão novo, chamado Nicolau da Conceição, que fôra por espia, e vêr se podia furtar certos captivos, o qual disse e affirmou ao capitão que elle tinha entendido, que todo o apparato de guerra que o Xarife fazia era para vir contra christãos; que devia aperceber-se com tanto cuidado, como se sobre elle viesse. Não se dava muita fé a estas palavras por a contratação feita dos saveis com tanta dissimulação; e sem embargo d'esta confiança Ruy de Sousa de Carvalho praticou n'estas cousas como homem de recado, e assim mandou logo com muita brevidade fortificar a porta da villa, e outros logares, porque o capitão Fernão de Castro, soldado velho de experiencia, dando a Nicolau da Conceição com uma companhia de duzentos homens, soldados velhos, se poz em fortificar seu baluarte, que era o mais fraco que na fortaleza havia, por não estar acabado, e minado para o derribarem; e assim o fizeram os capitães dos outros baluartes. De modo que de dia e de noite o capitão mór com toda a gente trabalhava com muito contentamento, sem embargo da fome que padeciam havia muitos dias, não comendo pão, que o não tinham, mas sustentavam-se dos saveis salgados que dos mouros houveram, que n'aquelle tempo foi grão misericordia de Deus tirada das mãos dos inimigos. Não satisfeito o Xarife das informações que tinham, mandou um caciz, negro desprezivel, que viesse á fortaleza, para que fiando-se d'elle os christãos, se informasse do estado em que estava a fortaleza, e tornasse com a certeza do visto; não era mal acertado o que n'isto o Xarife fazia, porque mais fé se deve dar aos naturaes vassallos, que aos estrangeiros. Prefugas, o caciz, que assim se chamava, se veiu

á fortaleza, dizendo queria ser christão, e juntamente trazia como por alvitre a vinda do Xarife ao cerco; e o que mais trazia a carrego era persuadir ao capitão mór mandasse desfazer a ponte por onde os da villa sahiam ao campo; dizendo que por a ponte havia o Xarife acommetter a primeira entrada, e que para o primeiro impeto devia de aperceber-se; que estava certo que se do primeiro acommettimento não tomava a fortaleza, que gastariam as ervas, e logo se tornariam a suas casas. Tinha tanta eloquencia este caciz, e era tão efficaz em suas razões, que acabou o que pretendia que era desfazer a ponte; e com sua maligna audacia se fingia muito devoto, desejoso de entender os mysterios da nossa santa fé, d'onde vinha ser muito continuo na egreja, e aprender com muita diligencia mais o que lhe cumpria, que as orações; sem embargo, que sempre preguntava aos clerigos e outras pessoas, continuando a egreja e os muros. Ora deitando os olhos nos baluartes, ora na artilharia; medindo com os olhos a grossura, a grandeza e altura dos baluartes; tornando sempre a continuar na egreja, onde tomava todo o seu fundamento. E visto de um cavalleiro o cuidado que o mouro tinha de entrar e sair na egreja, pediu ao capitão general lhe desse aquelle devoto mouro, para o ensinar a rezar os mandamentos e os artigos da fé, o que logo lhe foi concedido. Mas como o mouro trazia outro intento, ganhou tanto a vontade a seu amo, que se fiava d'elle como amigo, do que depois se bem arrependeu; posto que alguns invejosos diziam que o cavalleiro, mais com cobiça que com devoção, pedira o mouro; mas como quer que fosse, ninguem se fie do inimigo, porque ás vezes acontece em certos ca-

sos grandes desgostos e perigos: e por este respeito dei tam particular conta d'este mouro, e o que mais aconteceu direi adiante. Passados alguns dias depois da vinda do caciz á fortaleza, mandou o Xarife preguar gazua ([1]) contra os christãos de Mazagão. Este pregão abalou toda a Berberia d'aquem e d'alem dos montes Atlantes, que quasi se despovoavam as montanhas e campos, entrando em Marrocos as gentes das provincias ao Xarife sujeitas, como quando um grande rio sae da madre, que alaga os campos razos, da mesma maneira se cobriam os campos de Marrocos de gente de pé, cavallos, camelos e gado para o serviço do que pretendia; e assim de gente de todas as qualidades: que até as velhas vinham áquella santa jornada, com tanto alvoroço, como se verdadeiramente lhe fôra n'isso a salvação das almas. Mandou logo o Xarife que a gente de guerra caminhasse com a artilharia, e na outra multidão deu ordem que não fossem; salvo as pessoas que podessem trabalhar; e ordenou por capitão geral um filho muito querido seu, mancebo de vinte annos, chamado Mule Amete. Este principe encommendou o Xarife a el-rei de Dara, seu tio, homem de muito entendimento e conselho; o qual havia de correr a posta com as informações do que passasse no cerco, e tornar com a determinação do que ao Xarife e seu conselho parecesse que se devia fazer. Este rei é senhor de uma provincia na Numidia chamada Dara, e porque não havia n'aquella jornada de entender em outra cou-

---

([1]) **Gazua, entre os mouros, expedição militar.**

sa senão no conselho, não trouxe de seu reino mais que cem cavalleiros que o acompanhavam, deixando a mais gente prestes para quando cumprisse virem caminhando ao cerco.

CAPITULO II

Que relata do assento, sitio e fórma da fortaleza

FAREMOS relação da fortaleza e do assento e sitio d'ella, a qual está em fórma quadrada com quatro baluartes correspondentes uns aos outros; convém a saber: um ao oriente, chamado Santiago, todo edificado dentro no mar; outro ao occidente, chamado S. Pedro, fundado na terra; outro ao septentrião, chamado S. Sebastião, que da banda oriental o fortifica a maré cheia; e por todo este lanço que vae ao baluarte Santiago com praiamar se não póde rodear com bateis a maior parte do anno, por causa do escarceo do mar que n'aquelle lanço do muro bate com tão grande impeto, que refina a agua por cima dos muros e baluartes. O ultimo baluarte se chama Santo Espirito, que está de rosto ao meridiano, e com praiamar chega a agua junto com o seu espigão, d'onde começa uma couraça de pedra lavrada que

corre ao longo do mar, e vae entestar com o baluarte Santiago, entre a qual couraça e o muro fica uma cava de cento e cincoenta e seis palmos de largo, conforme a outra que rodea a fortaleza pela parte da terra, e vae entestar no baluarte S. Sebastião; a qual se enche de agua que entra por uma comporta que está pregada ao baluarte Santiago, e serrando esta comporta haverá na cava mais de tres braças d'agua d'altura, onde se faz muita pescaria de canna, que para soldados pobres é um pequeno de remedio; esta agua se sustem dentro n'esta cava, porque no baluarte S. Sebastião se atalha uma couraça, de modo que sendo a maré vazia e serrada a comporta, fica a fortaleza toda rodeada de agua, d'onde podem andar embarcações com artilheria; que não é pequeno favor para uma fortaleza, a qual está fundada sobre pedra viva, e a cava picada e talhada na mesma pedra. No contorno dos muros haverá mil e quinhentos passos, pouco mais ou menos, e a largura tem cincoenta palmos; convém a saber: trinta e sete no grosso dos muros e treze na ameia, ou parapeito, que será doze ou treze palmos de altura. Tem os muros pela banda de dentro cincoenta palmos de altura, e pela de fóra muito mais; os cavalleiros sobre os baluartes terão de alto trinta palmos, e toda a fortaleza em torno tem sessenta e nove bombardeiras, as mais d'ellas com grossa artilharia de bronze; e assim tem muitas seteiras atravessadas por todo o parapeito do muro, que parece impossivel poderem por ellas ferir os homens da fortaleza, mas viu-se por experiencia que se mandavam tapar com pedras, porque por ellas matavam os homens que cuidavam estar seguros á sombra da alta ameia ao longo da cava nos travezes dos

baluartes; ao lume da agua estão bombardeiras, para que se deem por viso n'ella entrarem os inimigos com escadas, sejam castigados de travez com as bombardas. Tem esta fortaleza tres portas: uma d'ellas está entre o baluarte S. Pedro e S. Sebastião, que servia de recolher o gado; esta se não abriu mais do cerco para cá, por lhe derribarem a ponte com a vinda do Xarife. A outra porta está entre o baluarte S. Pedro e Santo Espirito: esta tem uma ponte de madeira levadiça, por onde os cavalleiros e mais gente de terra saiem ao campo e no recebimento da porta está uma grande abobada e sobre ella um baluarte com boa artilharia, que dos seus travezes ajuda a defender os dois baluartes S. Pedro e Santo Espirito. A outra porta está junto ao baluarte Santiago, por onde a villa se serve do mar em semelhantes cercos: esta porta é bem fortificada e tão segura que muito caro custaria a quem por força por ella quizesse entrar. Tem a fortaleza dentro em si uma cisterna mui grande e mui forte a abobada, fundada sobre grossas columnas; e tem de comprimento cento e setenta palmos, e de largo cento cincoenta e cinco, em fórma quadrada; tem uma torre mui alta em cada canto; de maneira que fica entre quatro torres, por onde correm uns muros baixos em contorno de toda a cisterna, como que foi aquelle edificio de algum alcaide ou xeque rico; e no tempo do cerco tinha cinco palmos e meio d'agua, que monta a mil toneladas o palmo, e acabado o cerco, que durou passante de dois mezes, havendo na villa passante de tres mil pessoas, faltou um palmo de agua, o que se teve por grande maravilha, porque se deu sempre a agua liberalissimamente. Tambem tem a fortale-

za um poço de agua que se póde beber com a maré vazia, e vem-lhe esta agua de fóra do campo, por canos por baixo da cava, e por esta causa com a maré cheia está muito salobra, porque por os poros da terra entra a agua do mar dentro no poço. Tem esta villa dois revalins, um junto á cava, outro mais afastado, que dentro na sua praça se póde dar uma batalha; n'estes revalins estão tranqueiras que se fecham, quando os mouros vem a correr, e comer as ervas que vem logo cinco e seis mil lanças; todos estes valos e tranqueiras os mouros romperam por muitas partes, fortificando-se com muros, a cuja sombra estavam bem seguros.

CAPITULO III

Da chegada do Xarife á fortaleza, e de uma embaixada que mandou a Ruy de Sousa de Carvalho, capitão-mór, e do primeiro soccorro

POSTO Mulei Amete em caminho, e caminhando suas jornadas, chegou a Mazagão a quatro dias do mez de março, ás oito horas da noite de 1562, e ao outro dia pela manhã deu mostra da sua gente a meia legua da fortaleza, onde mandou assentar o campo. Mas porque do baluarte Santiago lhe atiravam com uma bombarda chamada aguia, que sobrelevava por cima das tendas, ao outro dia seguinte mandou afastar as tendas muito atraz, e d'alli até Azamor assentou trez arraiaes, de maneira que dentro em tres leguas se alojaram passante de cento e cincoenta mil homens de guerra, com seus gados e camelos que era uma formosa vista, posto que aos cercados espantosa e feia. A dois dias de chegada de Mulei Ame-

te, o mouro negro de que atraz fiz menção, tendo acabado tudo ao que fôra enviado, havendo tempo disposto, uma noite que seu amo estava na vigia, lhe roubou a casa de vestidos e dinheiro, e se foi arriba do muro, d'onde se deitou na cava cheia de agua, e ali deixando uma capa se salvou e se foi aos seus; os da vigia sentindo que se deitára alguma pessoa na cava, viram a capa, á qual atiraram muitas arcabuzadas, mas como amanheceu acharam o mouro menos e conheceram a manha e ardil de que uzou. De que o capitão-mór Ruy de Sousa de Carvalho ficou muito escandalisado, por se haver fiado do inimigo, e muito mais por saber que ao Xarife lhe era manifesto a pouca gente, e muito grande fome que na fortaleza havia. Tinha já d'antes o capitão-mór mandado a Portugal uma caravela, em que fôra Bertholameu Guerreiro pedir mantimentos e polvora, e as demais munições, porque esperavam que viria o Xarife cercar a fortaleza como já se dizia. Mas como se viu cercado, despachou muito á pressa outro navio com a certa nova da chegada a pedir soccorro de gente, mantimentos, polvora e as mais munições, de que na fortaleza havia muito grande falta. Reinava n'estes dias em Portugal o Serenissimo Rei D. Sebastião, primeiro d'este nome, de edade de oito annos, e governava por elle os reinos a Serenissima Rainha D. Catharina, avó do dito rei, mulher de animo varonil; e juntamente era como coadjuctor na governança o cardeal infante D. Henrique, principe muito virtuoso e prudente, filho d'el-rei D. Manuel e cunhado da dita rainha: os quaes, entendida a grandissima necessidade, mandaram que com toda a brevidade se fizesse gente para o soccorro; e emquanto se fazia, man-

dou a rainha chamar os grandes cavalleiros de Mazagão, que na côrte andavam requerendo satisfações de seus serviços: a quem pediu quizessem soccorrer sua patria, que sem elles estava desamparada; e juntamente lhe fez a todos mercês com grandes esperanças de bons despachos quando tornassem. Estes cavalleiros por então foram sessenta, os quaes se embarcaram com muitos mantimentos e munições, e foram os segundos que chegaram a soccorro, porque de antes era chegado Bertholameu Guerreiro; e todos foram recebidos com grande alvoroço e alegria dos que estavam na fortaleza, como em tal tempo se esperava. Como o navio que ia de Mazagão chegou a Lagos, tocaram tambores por el-rei, e de improviso se ajuntaram sessenta soldados com Francisco Portocarrero, o qual se embarcou em um navio com muitos mantimentos, e em dois dias chegou a Mazagão; e após esta caravela, partiu um seu irmão com quarenta homens á sua custa. Tambem partiu Jorge Mendes de Faria, que á sua custa levou sessenta homens, e assim foram alguns fidalgos do Algarve com gente e parentes; de modo que já a fortaleza tinha quem bem a defendesse e gente em bastança. Os mareantes de Tavira, Lagos e Faro juntaram quarenta homens pagos á custa de sua confraria, onde entram os irmãos com certo dinheiro; e de todas as pescarias que fazem, e navios em que navegam, dão a parte de um homem para a confraria, d'onde vem terem uma bolsa de sete e oito mil crusados, de que se ajudam em suas necessidades, e acodem aos rebates de Africa, sendo sempre os primeiros. Basta que estes honrados homens mandaram logo soccorro, debaixo da capitania de um mareante a que não

soube o nome; e levaram uma bandeira de campo de seda de côres com uma nau broslada de uma parte, e da outra as armas reaes, de que elles podem uzar na guerra, por mercê d'El-Rei. Pois como Mulei Amete assentou seu campo, mandou um alfaqueque a Ruy de Sousa de Carvalho com uma embaixada em que dizia que elle consentira ali estar aquella fortaleza até ao prezente, e agora queria que lh'a despejassem: que lhe daria logar que levassem quanto na fortaleza tinham, salvo a artilharia e armas; e quando se não quizessem aproveitar de sua mansidão e benevolencia, que em tal caso lhe tomaria por força de armas a terra que era sua, que para isso trazia toda a potencia de Mulei Abdalá, seu pae e senhor, para que, não querendo elle consentir o partido que lhe fazia, e conceder seu mandado, os metter todos ao fio da espada; e juntamente mandou dizer, como aconselhando o capitão, que elle o podia bem fazer, visto como seu rei era menino debaixo de tutoria, e o reino governado por mulher; que era sufficiente desculpa para um capitão, que por razão da guerra estava tão perdido; e acceitar partido tão seguro era escusar mortes de tão honrados e bons cavalleiros, como elle sabia que eram os d'aquella fortaleza; e tomasse seu conselho, que o aconselhava bem. Ouvidas estas soberbas palavras por Ruy de Sousa de Carvalho, que era toda a brandura e cortezia do mundo, respondeu que dissesse a quem no lá mandava que não era elle nem os cavalleiros que com elle estavam homens que temessem seu poder e ameaças, mas que elles lhe defenderiam a fortaleza d'El-Rei menino, seu senhor, como elle bem veria, porque todos os que estavam no logar eram portuguezes que, quando mor-

riam na guerra vencendo seus inimigos.[1] Passadas estas embaixadas, mandou o mouro que se désse ordem na guerra e morte dos christãos; pois engeitavam a paz que lhe offerecia e as vidas de que lhe fazia graça. Logo aquella noite principiaram uma trincheira da parte de Azamor, contra a villa mil e quinhentos passos dos muros, d'onde deram principio a todas as obras que depois fizeram.

---

(1) Aqui ha evidentemente falta de palavra. Comprehende-se, porem, que o author quiz significar que os portuguezes sabiam morrer na guerra, vencendo os seus inimigos e defendendo a sua bandeira.

CAPITULO IV

Da gente e munições que o Xarife mandou ao cerco

ANTES que se passe adiante com a historia, se deve saber que gente veiu sobre Mazagão; e quanto á conta e numero de mouros houve muitas e varias relações; mas misser Hieronimo Catalão, que entre os mouros andava e se veiu á fortaleza, affirmou e disse que a gente de nomina que viera ao cerco eram os seguintes: o alcaide Mulei Mugalhufo, viso-rei e justiça-mór de Marrocos, trazia mil lanças, e trezentos azuaus arcabuzeiros; o alcaide Lasseinão Buca, capitão do campo e secretario do Xarife, trazia duas mil lanças; o alcaide Mahamet, de Mequines, do conselho do Xarife, trazia duas mil lanças; o alcaide Bengara, de Féz, mestre do campo, trazia duas mil lanças; o alcaide Zaquar, comprador e vedor do campo, trazia mil e quinhentas lanças; o alcaide Barraixa, tio do Xarife, mil e oitocentas lanças;

Mulei Solimão, mil e oitocentas lanças; Mulei Mansor, tio do Xarife, trazia mil e oitocentas lanças; o alcaide Rebadem, elche, que fazia a salva ás iguarias do Xarife, trazia mil lanças; o alcaide Mansor, elche portuguez, caçador-mór do Xarife, trazia oitocentas lanças; o alcaide Hudelmide, elche castelhano, estribeiro-mór do Xarife, mil e duzentas lanças; o alcaide Mamy, elche castelhano, que traz o guião diante do Xarife, oitocentas lanças; o alcaide Mostafa, elche castelhano, vedor de todas as munições do Xarife, trazia mil lanças; o alcaide Icafa, elche castelhano, capitão de artilharia, trazia mil lanças e duzentos arcabuzeiros; o alcaide Carracão, elche portuguez, quinhentas lanças; o alcaide Muça, de Safim, trazia quinhentas lanças; o alcaide Cabus, de Azamor trazia quinhentas lanças e duzentos arcabuzeiros. Vieram mais todos os mancebos nobres das cidades e villas, como aventureiros, por servir o mancebo capitão n'esta primeira empreza, os quaes gastaram muito em vestidos e armas bem guarnecidas, como homens que determinavam assignalar-se em todas as cousas d'aquella empreza arriscadas; estes seriam tres mil cavalleiros. Vieram mais das montanhas e aldeias dos montes Atlantes; outro xeque com onze mil lanças, dos mais esforçados arabes que ainda tinham a opinião de serem da geração de Hetigi; a maior parte d'esta gente de cavallo, vinha muito bem armada com cossoletes e saias de malha, e boas couraças em veludo e brocado, com capacetes dourados que entre os capillares de côres e brancas adargas lustravam bellissimamente; muitos dos cavalleiros eram arcabuzeiros e besteiros que a cavallo pelejam, escaramuçando e atirando aos contrarios, do modo que os tartaros cos-

tumam. Esta cavallaria seriam trinta e sete mil e duzentos, e dizia o dito misser Hieronimo que a gente de pé se não podia numerar, mas que a commum opinião era, que passariam de cento e vinte mil homens; e posto que Pedro de Mariz diz em seus Dialogos que eram quinze mil de cavallo, e setenta mil soldados, que fazem somma de oitenta e cinco mil; não teve boa informação n'este particular, porque sem duvida se deu muita fé a misser Hieronimo, que o seu dito com o de alguns mouros que se depois á fortaleza vieram, e juntamente com a vista que o exercito deu aos cercados, se affirmou que passavam de cento e cincoenta mil homens de pé e de cavallo. Mandou o Xarife tambem parte da sua mazagania, que é a guarda de sua pessoa, os quaes eram os seguintes: o alcaide Seynão, elche grego, veiu com trezentos e setenta turcos arcabuzeiros, grandes atiradores; o alcaide Assencurito, asturiano, veiu com trezentos e oitenta arcabuzeiros; o alcaide Mansor, elche portuguez, trazia quatrocentos arcabuzeiros; o alcaide Logronho, elche castelhano, trazia quatrocentos arcabuzeiros, que diziam ser andaluzes, e eram granadis; o alcaide Iafe, elche castelhano canario, trazia novecentos arcabuzeiros; o alcaide Cara Burny, elche grego, dizia ser lacedemonio, trazia quatrocentos arcabuzeiros; os quaes sommados, são tres mil duzentos e cincoenta; os quaes atiravam os mais d'elles com escopetas de mui grossos pelouros. Vieram tambem os cacizes das provincias, os quaes trouxeram á sua custa muita quantidade de gente de trabalho a que chamam bodreiros; o caciz de Marrocos trouxe quatro mil bodreiros; o caciz de Féz trouxe mil e quinhentos; o caciz de Sus trouxe mil bo-

dreiros; o caciz de Freza trouxe trez mil bodreiros; o caciz de Tafilete quatro mil bodreiros, que fazem de somma treze mil e quinhentos, os quaes eram ajudados de toda a outra multidão, que todos trabalhavam por muito grandissima devoção; por ser pregoado entre elles, que todos os que n'aquella guerra morressem, iam absoltos de todos os peccados, como o dia em que nasceram. A artilharia que elles trouxeram eram vinte e quatro peças; eram dez de bater e as mais camelos e pedreiros de colombrinas que atiravam com pelouros de ferro coado, e as de bater eram mui poderosas, em que havia peça que o seu pelouro tinha na circumferencia cinco palmos e meio. Esta é a informação que da gente, armas e artilharia dos mouros se soube.

CAPITULO V

Do bastião e trinchea que os mouros fizeram pegado ao baluarte Santo Espirito, e de algumas cousas que mais aconteceram

Tanto que os inimigos principiaram sua trinchea (como fica dito), vieram com ella ganhando terra o baluarte Santo Espirito, e como chegaram a quatrocentos passos d'elle, formaram um bastião de tal grandeza que n'elle poderam plantar artilharia que logo assentaram com suas mantas, d'onde batiam o nosso baluarte, e defendiam os seus gastadores, que andassem seguros, o que lhe valia pouco, porque da fortaleza lhos matavam, por andarem no principio trabalhando indiscretamente. E visto pelos mouros que lhe matavam muita gente de trabalho, mudaram a ordem, e de noite com grandissima diligencia trabalhavam todos, assim gastadores como cavallaria; e toda a multidão dando os cavalleiros e soldados vinte caminhos cada um, assim de terra como de pedra, e as mulheres e moços enchiam os

caminhos, e como formigueiros vinham carregados de feixes de lenha, de modo que com grande multidão crescia a sua obra estranhamente. Ordenou logo Ruy de Sousa de Carvalho, contra o ardil dos inimigos, que se fizessem faroes no baluarte que muito claro os mostravam, de maneira que eram mortos em muito mor numero por a grande vantagem que os da fortaleza tinham; e uma noite desampararam os mouros as estancias e artilharia, levando as bandeiras, de maneira que todo o outro dia se não viu nenhum, e ficaram as bombardas no seu bastião. Isto podia ser ardil, e por esta causa não consentiu o general que nenhum soldado saisse fóra, posto que se offereceram muitos. Ao outro dia, que foram vinte de março, tornaram os mouros a seu trabalho, trazendo diante de si uma feiticeira, a que elles chamam santa; que com certas palavras magicas dizia que havia de derribar os muros por terra; mas da fortaleza lhe foi dada uma arcabuzada que ella não tinha adivinhado, com que se feneceram seus encantos, e os inimigos cobraram nova indignação, dando aquella noite uma grande bateria; mas no baluarte nenhum homem perigou; mas antes aquella noite perderam muitos dos seus, porque affirmava com juramento Fernão de Castro, capitão do baluarte, e outras pessoas dignas de fé, que mataram aquella noite mais de quinhentos, porque com a grande claridade do luar que então fazia viam cair os trabalhadores a pares, e os que com caridade queriam levar os mortos antes que a elles chegassem caiam como os demais, de maneira que era uma formosa vista para os que a seu salvo faziam tal estrago e mortandade; e affirmou o dito capitão que aquella noite destribuira por sua

mão um quintal de polvora sómente com os arcabuzeiros, que no seu baluarte pelejavam; no que não deve haver duvida, porque muitas noites aconteceu o mesmo; de maneira que não deixavam os mouros seu continuo trabalho, posto que recebiam da fortaleza grandissimo damno e mortes, antes se mostravam mais desejosos de levar diante sua obra, a qual cresceu de modo que em poucos dias chegaram defronte do baluarte Santo Espirito, onde se detiveram, porque queriam levantar ali um bastião de mór altura que o proprio baluarte, para subjugarem d'ali toda a fortaleza, tolhendo aos christãos o uso d'ella, e de se poderem defender; e como levantaram uma boa altura, fizeram junto d'esta montanha de terra outro bastião onde assentaram duas grossas peças de artilheria, com suas mantas, com que batiam de muito perto o nosso baluarte, e d'ali por diante criaram ao longo da cava uma grossa trinchea com que cercaram a fortaleza de mar a mar, convém a saber: do baluarte Santo Espirito até o de S. Sebastião; e na ponta d'este, junto ao mar, pozeram cinco bandeiras de gente de cavallo, e turcos arcabuzeiros, com que podiam defender que os christãos não saissem fóra pela porta do mar, que com a maré vazia tinham livre ao longo do muro, por onde com facilidade podiam dar nos mouros, e por esta causa faziam n'aquelle logar boa guarda; mas sem embargo da boa vigia dos inimigos se lhe fez uma grande offensa, como aqui se verá.

CAPITULO VI

Que trata de um assalto que deram seis cavalleiros da terra em companhia de Pero Lourenço de Mello

DESEJAVA muito o capitão mór ter alguma informação do estado e determinação dos mouros, e para isso havia muita necessidade de lingua, ao que se offereceu Pero Lourenço de Mello, esforçado fidalgo, com seis cavalleiros da terra, cujos nomes eram: Pero Fernandes de Pontevel, Fernão Vieira, Pero Rodrigues, Domingos Gonçalves, Luiz Fernandes e Balthasar de Purares. E não foram mais por na terra não haver mais cavallos; porque a haver na terra cem cavallos, como Pedro de Mariz relata em seus Dialogos, se fizera uma tal jornada, segundo os mouros descuidados estavam, que cuido verdadeiramente se fizera mais damnificação n'elles do que se fez em todo o decurso do cerco conforme o fizeram estes sete cavalleiros; os quaes sahiram pela porta do mar junto ao muro por irem encobertos, e de improviso

deram na guarda do alcaide Cabus, de Azamor, onde os mais dos mouros fugiram ficando certos arcabuzeiros que se não poderam valer dos arcabuzes por estarem desapercebidos de fogo, os quaes foram alanceados dos sete cavalleiros por seu mau recado, e indo adiante ficou Luiz Fernandes sem outras armas mais que um arcabuz, e como o disparou nos inimigos, arremetteu a elle um mouro, e antes que elle chegasse lhe deu o cavalleiro com ambas as mãos com o arcabuz na cabeça que lh'a quebrou, mas o mouro o subjugou de maneira que ambos vieram ao chão, onde o mouro tirou de uma agomia com que feriu a Luiz Fernandes de tres feridas muito perigosas, deixando-lhe a agomia metida nos lombos, mas o cavalleiro o tratou de modo, que, antes que os companheiros se recolhessem e a elle chegassem, o perro deu o espirito a Mafamede. N'esta conjuncção os outros companheiros andavam seguindo e alanceando os mouros que fugiam, d'onde veiu não verem o companheiro derribado e ferido senão ao recolher. E Fernão Vieira seguiu um turco arcabuzeiro o qual se meteu no mar encarando o arcabuz no cavalleiro, o qual fallando-lhe em arabigo lhe disse que se désse, a que o turco respondeu que não queria, e querendo concertar o arcabuz lhe deu Fernão Vieira uma lançada, e tornou a requerer que se désse, mas o emperrado mouro respondeu que se não daria. Finalmente foi alanceado dentro no mar, e de emperrado se deitou sobre o arcabuz, de maneira que nunca o cavalleiro lh'o poude tomar, tomando-lhe um bedem preto e outras cousas que o turco trazia, acudindo aos cavalleiros companheiros que andavam dando crueis mortes nos inimigos; os quaes depois de terem feito grande estrago, e faze-

rem fugir a uma grande multidão d'elles tornaram ao companheiro ferido que não poderam pôr a cavallo, e ia meio morto, com muito trabalho e perigo o remessaram em um batel que levava de soccorro, e se tornaram á fortaleza sem receberem outro damno, deixando feito muito nos inimigos.

CAPITULO VII

Da chegada de Alvaro de Carvalho ao cerco por general, com outros fidalgos

A VINTE e quatro dias de março, chegou Alvaro de Carvalho, esforçado capitão em Africa, onde mais de cincoenta vezes venceu aos mouros em batalhas e escaramuças de cavallo, o qual ia por general d'esta guerra, e chegando com sua armada desembarcou com muitos fidalgos e criados d'El-Rei e cavalleiros de Mazagão que em Portugal andavam requerendo seus despachos; os quaes desembarcaram com muito perigo por cauza do mar que andava de levadia na bahia, com que alagavam os bateis ao desembarcar acapellando a gente debaixo d'elles, màs ninguem perigou; nem dos tiros que os inimigos atiràvam do primeiro forte onde tinham duas bombardas com que poderam tolher a desembarcação se lhe Deus não cegára os entendimentos, como cegou em outras cousas muitas. Antes da chegada do general

atiravam os mouros com um trabuco que chamavam maimona, que o seu pelouro tinha na circumferencia cinco palmos e meio; d'estes pelouros cahiram alguns na cisterna sem fazerem damno algum, por a grande grossura da abobada; o qual trabuco deu muito espanto na fortaleza, e se perseverara muitos dias, especialmente ás noites, muito damno fizera; mas não matou mais que dois homens, e a um d'elles lhe deu na cabeça indo fugindo, que os ossos e a carne lhe fez tudo n'um bolo ou pasta em fórma espantosa. A defensa que os da fortaleza tinham para não perigarem com este trabuco era, que tanto que se ouvia o estrondo que fazia quando atirava, se appellidavam com uma voz: guarda trabuco, e logo todos tomavam os portaes das portas e janellas por valhacouto, e por este respeito não perigou mais gente; e este trabuco cessou por alguns dias, d'onde veiu cuidarem os da fortaleza que era arrebentado; mas depois atirou alguns tiros com que derribou parte do baluarte. A noite que chegou Alvaro de Carvalho lhe deram os mouros uma salva de arcabuzeria que se julgou em mais de seis mil arcabuzes, e parece que vieram ali de todo o campo com arcabuzes dobrados, por fazer terror aos christãos, que alguns se espantaram e temeram, ouvindo o que não tinham de costume. O dia seguinte se poz por obra entulhar pipas de terra sobre os repairos das estancias, que o general assignou aos fidalgos que com elle foram; e quando os mouros com sua trinchea chegaram defronte do baluarte, acharam na cava alguns barcos do serviço da villa, os quaes ataram ao seu bastião. E vendo o general a mingua que faziam por serem mui necessarios para as desembarcações dos bastimentos que do rei-

no iam, e para o mais serviço da fortaleza, mandou chamar um soldado velho na terra por nome Jeronymo Bello, homem esforçado e de muito engenho, ao qual perguntou se haveria algum remedio para poderem haver os barcos á mão, o qual respondeu que elle faria o possivel para os trazer e tirar d'onde estavam; e logo se determinou a os ir buscar; e uma noite o penduraram do muro abaixo, e chegando á cava se foi a nado com uma faca na bocca, e chegando aos barcos lhe cortou as cordas com que estavam atados, e os trouxe até á porta do mar, sempre nadando diante d'elles, que foi um feito para estimar, e de muito risco e grandissimo perigo, porque se fôra sentido dos mouros sómente Deus lhe podia valer. Pois tornando á historia, no baluarte Santo Espirito estava o muito esforçado e valente capitão Fernão de Castro, que tinha uma companhia de mais de duzentos soldados, os mais d'elles mui mal feridos, pelo qual respeito o capitão general lhe rogou que recolhesse comsigo D. Diogo Manuel, que logo no cavalleiro arvorou muito depressa uma bandeira, que favorecia com muito grandissimo perigo seu, e mortes de seus criados e amigos, e muitas vezes coberto de terra das contrarias bombardadas, do que cabia boa parte ao capitão Fernão de Castro, e aos soldados e cavalleiros que com elle estavam; mas como D. Diogo chegou de refresco, e era mancebo desejoso de em tal lugar ganhar honra, muito se arriscava no cavalleiro, d'onde veiu appellidarem-no de seu nome, o que o capitão soffria com muito grande prudencia, por estarem no serviço d'El-Rei, onde por grande razão em taes tempos não havia de haver lugares, nem proeminencias, que muitas vezes são cau-

sa de muitas infinitas desordens. N'esta conjuncção quizera Nuno Pereira com outros muitos fidalgos arvorar suas bandeiras, estimulados da honra que com grande perigo em tal lugar se ganhava; o que o capitão Fernão de Castro consentiu, [1] nem a D. Diogo Manuel, d'onde procedeu haver entre elles algumas quebras, que o capitão general Alvaro de Carvalho remediou repartindo o muro e baluartes em estancias pelos capitães e fidalgos que traziam gente, e podiam bem reparar e guardar os taes lugares.

(1) Assim está no original, mas deve faltar a particula não antes do verbo.

CAPITULO VIII

Que trata de como o general repartiu o muro e baluartes em estancias pelos capitães e fidalgos que traziam gente á sua custa

VISTO pelo general Alvaro de Carvalho, como entre os fidalgos havia differenças sobre os lugares, que cada um pretendia ter seu lugar onde podesse assignalar sua pessoa, o que era causa de grandes desordens, determinou repartir os baluartes e muros em estancias pelos capitães e fidalgos que levavam gente á sua custa, e foi pela maneira seguinte, convem a saber: a primeira estancia deu a D. Gonçalo de Castello Branco, ao pé do cavalleiro onde estava uma furiosa peça de artilharia chamada aguia, que havia de reparar e defender com sua gente, que então eram oitenta homens; esta estancia estava á mão esquerda do cavalleiro, caminhando ao Occidente, para onde vou contando as estancias até rodear a fortaleza, e tornar ao mesmo baluarte da parte do Oriente, d'onde fenece. Como D. Gonçalo se encarregou

da estancia, trabalhou muito por fazer quebrar uma bombarda dos inimigos, a qual foi quebrada pelo condestavel que estava na sua estancia; o qual fez um tiro com a forte bombarda que na sua estancia estava, que logo fez a dos inimigos em pedaços, do qual tiro deu vinte cruzados ao dito condestavel, o que fazia a todos os bons tiros que este bombardeiro na sua estancia fazia, a quem dava além do dinheiro outras peças, pelo ter contente e fazer coração em parte de tanto perigo. N'este logar houve alguns homens feridos, porque ordinariamente batiam os mouros aquella bombardeira, de que recebiam os que ali estavam muito grande damno, e D. Gonçalo corria muito risco ao levantar da manta, por onde entravam muitos pelouros de arcabuzes. Finalmente tantas vezes quebraram os mouros a manta da bombardeira, que não havendo já madeira para se reparar cessou o perigo, e gasto de D. Gonçalo, cerrando-se a bombardeira deixou a estancia, dizem que aconselhado de alguns amigos que lhe diziam que já que lh'a não deram no cavalleiro, que a não devia acceitar no baluarte, e assim ficou de sobreexcedente vigiando e trabalhando avantajadamente de alguns que lhe parecia fazel-o muito bem ali. Aconteceu que estando um carpinteiro pregando uma manta da bombardeira lhe deu um pelouro de arcabuz no olho do camartelo ficando a metade no pau e a outra metade no ferro. Outro pelouro deu nos peitos de um homem desarmado que lhe fez um grande polmão sem mais damno; outro pelouro vi dar a um mancebo n'um braço, que lhe não fez mais que uma pequena nodoa preta; este o tomava a muito bom tempo, porque lhe deu este pelouro que vinha perdido, em

sahindo da egreja, que vinha de se confessar. Foi depois aquella estancia pedida de Nuno Fernandes de Magalhães, onde elle com seu irmão Affonso de Torres com sua gente e amigos trabalhavam honradamente todo o tempo do cerco, de que muitos houveram inveja por ser a estancia mais boa ao cavalleiro que outra alguma; e ali arvorou uma bandeira de campo de seda verde e aleonada, a qual em poucos dias foi tão desfeita das arcabuzadas dos contrarios, que lhe não ficou mais que uns retalhos pegados na haste, e no mesmo logar arvorou um guião de damasco pardo com que perseverou até fim do cerco. A Vasco Fernandes Homem se deu no baluarte a segunda estancia, onde com sua gente e amigos trabalhou e vigiou honradamente, dormindo sempre no numero [1] com suas armas; e arvorou uma grandissima bandeira de campo de côres vermelha, azul, branca e amarella com uma cruz da ordem de Aviz no meio, da qual ordem elle era cavalleiro. Esta bandeira mandou elle espedaçada a Portugal, para que vissem como os inimigos as tratavam, e como eram certeiros que em arvorando qualquer haste, logo com os arcabuzes a derribavam, dando mui grandes gritas, e mui grandissimos alaridos, com os quaes lhe parecia que enfadavam os da fortaleza. A terceira estancia junto ao baluarte no muro, deu a D. Antonio Lobo, que elle defendia com sua gente, amigos e companheiros dormindo n'ella com suas armas prestes, todo o tempo que o cerco durou. Por o muro adiante, a quarta estancia deu a Luiz de Castro, um mercador rico

---

(1) Assim está no original, mas deve ser *no muro*.

que levou cem homens com seu tambor á sua custa, e com elles entulhou duas casas de bombardeiros em cima do muro, e sobre o entulho fez umas seteiras atravessadas abertas em grossas traves, e por reparo da gente levantou sobre a ameia do muro pipas de terra plenadas, postas de modo que nunca pelas seteiras os inimigos poderam ferir nenhum homem, sendo d'ali muito molestados com feridas e mortes; arvorou n'esta estancia uma bandeira de campo de seda branca e roxa com que enfadou os mouros, que de noite blasfemavam das taes bandeiras, dizendo porque não punham as bandeiras d'El-Rei como d'antes estavam. N'isto mostravam quanta vigilancia tinham sobre a gente de soccorro na conta, da qual nunca no numero á razão de cem homens,[1] por onde se via quão espertos e vigilantes eram, que não tão sómente tinham conta com suas gentes, mas com as dos contrarios. Isto se sabia, porque de noite nas matracas que de uma e da outra parte se davam, diziam os mouros: vós outros ratinhos fallaes muito, porque tendes agora tantos homens mais, e comeis muitas marmeladas, e bebeis bom vinho branco, e porém vós pagareis, que nem isso vos hade valer; ao que lhe respondiam de dentro, que por isso lhe deviam a elles muito, que foram causa de terem muitos mantimentos e dinheiro; que lhe rogavam se não fossem do cerco, que emquanto ali estivessem estariam ricos e abastados, que havia ali fidalgos que davam a cada soldado

---

[1] Aqui falta palavra. Parece-me que se completa o sentido dizendo—na conta da qual nunca *se enganaram* no numero, á razão de cem homens, etc.

que derribava um mouro trinta a quarenta onças, e pelos que faltam de vós outros podereis julgar quão ricos podemos estar, e estas palavras e praticas de cima dos muros são dignas de mui grandissimo castigo, porque muitas vezes por ignorancia se descobrem segredos que já em algum tempo custaram caro aos cercados; esta foi uma grandissima desordem, e não pouco prejudicial; a causa porque os mouros fallavam em marmeladas, foi porque perdendo-se um navio de Sebastião de Brito, que deu a travez, foram todas as cousas perdidas a terra onde acharam os mouros muitas caixas de marmelada, e barris de conserva, e pipas de muito bom vinho branco, que elles não duvidavam tanto como os presuntos e pipas de carne. Assim acharam muita roupa e calças reclamadas dos soldados e criados d'El-Rei de cincoenta e sessenta cruzados de feitio, que para tal jornada pareciam bem desnecessarias, mas n'aquelle tempo foi bom acharem-se, por verem os mouros com quanta largueza e gastos vão os portuguezes á guerra, e soccorros, e quantos mantimentos lhe acudiam em tempo que padeciam tantas fomes. Fallavam tambem nas marmeladas, porque muitas vezes estando no cavalleiro e baluarte comendo os nossos, lhe deitavam abaixo caixas de marmelada, e bolos de assucar, o que elles com grandissima furia tornavam a deitar a cima como se foram de resalgar. Um favor deu Deus aos cercados, que foi vir aquelle navio a travez e deital-o a tormenta junto á porta do mar, de que se salvou a madeira, que para os repairos foi muito necessaria, porque não havia outra na fortaleza, e estavam determinados para desmanchar a egreja, mas Nosso Senhor que soccorre nas mores presas foi

servido dar tão grande remedio á custa de tão pequena perda. E tornando ás estancias, passando a de Luiz de Castro estava a dos mareantes de Tavira, que eram os quarenta arcabuzeiros que já disse, os quaes por industria de Pero Paulo, cavalleiro esforçado, capitão de uma galé, levantaram junto da ameia do muro um travez de pipas plenadas, d'onde matavam nos inimigos a tiros certos. Passando a estancia d'estes honrados homens, estava o travez ou baluarte da porta da villa, onde estava Antonio de Carvalho que tinha uma grande tenda feita de velas de navios em que se recolhia muita gente sua, e do capitão mór Ruy de Sousa de Carvalho, e assim do general por ser junto ás suas casas, e ali tinha as trombetas e bandeiras de sêda verde e branca, com dois estandartes em dois mastros, a que os mouros atiravam tantas bombardadas com que derribaram um d'elles; tambem n'esta estancia estava o capitão Antonio Coelho com gente d'El-Rei. Adiante está o baluarte S. Pedro, que o tinha o capitão Domingos Alves Leite com uma companhia de soldados velhos e uma bandeira verde e branca. Tambem aqui estava Luiz de Faria com sua gente, e bandeira de sêda de côres. Passando este baluarte corre o muro para septentrião contra o baluarte chamado S. Sebastião; n'este muro tinha sua gente João de Teive, e na estancia um guião de damasco carmezim e branco com uma aguia broslada de cada parte. Em todo este lanço do muro estava outra muita gente dos capitães Domingos Alves Leite e João de Mendonça com que bem se vigiava, e pelejavam com alguma artilharia que no muro estava, d'onde faziam guerra ao alcaide Cabus de Azamor, que ali estava com cinco bandeiras de gente de pé e de ca-

vallo. Adiante estava o capitão João de Mendonça, esforçado cavalleiro que tinha o baluarte S. Sebastião, e n'elle sua bandeira com uma companhia de soldados muito destros na guerra de Africa, por haver muito tempo que residiam em Mazagão. E juntamente estava Lourenço de Caceres, que tinha uma companhia que Jorge da Silva mandou ao soccorro, de oitenta soldados, e tinha uma tenda de velas em que se recolhiam, e tinha na sua estancia seis bandeiras de damasco verde e branco com um leão broslado, das armas de Jorge da Silva de uma parte, e da outra a cruz da ordem de Christo. Do baluarte S. Sebastião ao de Santiago, caminhando ao oriente, no tempo da maré vazia havia boa guarda, a qual fazia Jorge Mendes de Faria, do Algarve, que tinha sua estancia sobre a porta do mar, que elle guardava com sessenta homens que levou á sua custa. E no baluarte Santiago estava o capitão João Fernandes de Grada, com uma companhia de soldados praticos, valentes homens; adiante estava Francisco da Cunha, esforçado fidalgo do Algarve, com sua gente, com que bem vigiava sua estancia e as alheias, rondando de noite os muros com muita diligencia. Do baluarte Santiago para o de Santo Espirito estava a estancia de Affonso Zuzarte, com gente e bandeiras das armas reaes. Logo adiante tinha a estancia Fernão Cabral com cem homens que levou á sua custa, com tambor, e bandeira de campo de sêda amarella e branca; e passando adiante estava João Rodrigues de Torres, que levou cem homens á sua custa, e quatro trombetas com um tambor, e bandeira de campo, de seda branca aleonada. Tambem mandou Antonio Gonçalves, mercador, um seu filho muito moço, com gente, o qual se

chamava Damião Gonçalves, e posto que era de pouca edade tinha espirito de grande recado, e gastou com sua gente e amigos muito largo, em especial com os feridos e pobres. Adiante da estancia de João Rodrigres de Torres estava a estancia da gente do Algarve, que foi a soldo d'El-Rei com o capitão Francisco Portocarrero, cavalleiro de muito grandissimo esforço, e grande diligencia, o qual fez sobre a ameia do muro um travez de pipas de terraplenadas como as tinha João Rodrigues de Torres, d'onde se fazia muito notavel e grandissimo damno aos mouros. Logo diante tinha Pero de Goes uma mui furiosa peça de artilharia, chamada selvagem, que de muito perto do baluarte Santo Espirito defendia mui bem seu espigão, e por cada tiro que fazia damno aos inimigos dava o dito Pero de Goes mil réis ao bombardeiro; porque receavam muito os bombardeiros fazer um tiro por causa do grande perigo que corriam; porque em levantando a manta da bombardeira para atirar uma peça, choviam os pelouros dos inimigos sobre elles, mas o interesse do dinheiro que lhe os fidalgos davam lhe fazia fazerem alguns bons tiros que faziam muito damno nos inimigos, e esta liberalidade dos fidalgos se deve muito louvar, porque faziam os homens espertos em seus officios, e elles ficavam servidos e contentes. Cabe n'este logar contar o que aconteceu a Antonio Lobo com um seu hospede bombardeiro ao qual prometteu trinta cruzados se quebrasse uma bombarda dos inimigos, o qual respondeu que já lhe Gomes Freire dava cincoenta, e o não faria menos de cento; n'isto se vê quanto perigo corriam os bombardeiros, e quão liberaes são os fidalgos portuguezes no serviço d'El-

Rei. Adiante está o baluarte Santo Espirito d'onde comecei a repartir as estancias, o qual carecia de praça por não estar acabado, o qual mandou o general fortificar sobre mastros e vigas apontadas, e sobre ellas taboado coberto de terra; e ficou tão firme como se fôra de abobada, que foi grande remedio para os trabalhos que houve no decurso do cerco. Todos estes capitães que ficam nomeados que levaram gente á sua custa, e assim os mais todos trabalhavam nas estancias, reparando-as e fortificando-as, e tambem ajudavam aos do baluarte, vigiando aos quartos no cavalleiro de dia e de noite, onde soffreram com grandissimo esforço muitas bombardas; e algumas pessoas de suas companhias mortas, gastando muitos sua fazenda com grandissima liberalidade e contentamento. Finalmente fizeram tanto, que no mundo gente de nenhuma nação se acha, que livre e voluntariamente por seu rei e republica com tanto amor taes cousas fizessem.

CAPITULO IX

Da gente que os cidadãos e mais gente do povo da cidade de Lisboa mandou ao cerco á sua custa, e do mais que aconteceu

ORA declarada a ordem que na fortaleza para sua defensão se deu, será razão que se diga o grandissimo amor com que os portuguezes, assim fidalgos como cavalleiros e todo o mais povo serviram seu Rei em tempo de tal necessidade que é muito para estimar, e remunerar com grandes mercês; supposto que os portuguezes o tem por natureza, ou dom de Deus concedido a seus reis, que além de serem muito leaes e esforçados assim os amam, que o menos que por seu serviço aventuram são os bens da fortuna, os quaes gastam liberalissimamente na paz e na guerra em tanto extremo, que em cousas de seu serviço, como são festas ou guerras, não sómente se empenham, mas vendem os patrimonios até ficarem sem cousa alguma; pois das vidas não são menos prodigos que da fazenda, e d'aqui vem

que poucos portuguezes nas guerras de seu rei fazem móres façanhas em feitos de armas, de que farão milhares de homens e soldados estrangeiros, posto que sejam muito esforçados, como claro se viu n'este cerco para onde não sómente corriam os homens de guerra, mas os meninos de quatorze e quinze annos, morgados de grandes casas, muito mimosos de seus paes e mães. Isto fazem os portuguezes contra a opinião de todas as outras nações do mundo, que trazem por ditado que do cerco se ha de fugir, e á batalha se deve ir; o qual estes moços faziam ao contrario, que fugiam de seus pais para o cerco, embarcando-se em pequenos barcos sem temor de tormentas, e golfão do mar, e sem mantimentos nem vestidos, quasi mortos de fome e sede, chegavam ao cerco, e quanto mais lhe representavam as mortes de seus parentes e amigos, tanto com mór fervor e grande animo se embarcavam; e não é de maravilhar d'estes moços fidalgos irem ao soccorro, mas de velhos de oitenta annos que tinham experimentado quão trabalhosos e perigosos eram os cercos; um d'estes foi Simão Sodré, fidalgo criado na India, que se tinha achado em alguns cercos, onde com fome ajudou a comer muitas correias e adargas. Este fidalgo por costume ou natureza tinha o coração tão honrado e belicoso, que posto que lhe foi mandado da parte d'El-Rei que se não embarcasse, o não deixou de fazer, e perdera antes toda a sua fazenda que aquella jornada; o qual fidalgo foi mui necessario no cerco, porque sem embargo de trabalhar mais de que a sua edade requeria, foi mui notavel exemplo para alguns homens, que de vergonha de tão honradas cãs se dispunham ao trabalho. E estando certos

fidalgos em uma pousada em grandissimas differenças, já vencidos da colera para fazerem algum mau recado, os reprehendeu este fidalgo com asperas palavras, de que elles envergonhados se foram; tendo mais respeito a suas cãs, que a honra que cada um tinha posta em balança, para a aventurar a qualquer máo successo que succedesse; este e outros velhos trabalharam nas obras e vigias com tão vivos espiritos que se lhe podia haver inveja. Isto se escreveu aqui para se provar e saber o amor dos portuguezes para com seu Rei; e porque ainda não fico satisfeito, passarei mais adiante postoque alargue a historia, o que se me levará em conta, pois fallo verdade, cousa que a toda a pessoa é aprazivel; e é que se mostrou assim mesmo o grande amor que os cidadãos da cidade de Lisboa tem a seu Rei; porque de improviso fizeram mil homens de guerra para o soccorro que logo mandaram, e outros tantos fizeram os officiaes mecanicos da dita cidade, os quaes davam o dinheiro com muito grande alvoroço e contentamento, dizendo que deixariam suas casas e officios, mulheres e filhos, por irem servir e pelejar contra os mouros, ao cerco, por amor d'El-Rei que era menino; e quanto dinheiro para isso fosse pedido dariam; e para isso venderiam os filhos se fosse possivel quando outra cousa não tivessem. D'esta sorte o fizeram os moedeiros da cidade de Lisboa, gente muito libertada por privilegios e liberdades dos reis antigos, que aconselhados do licenciado Antonio Dias, seu conservador, voluntariamente fizeram finta entre si, e mandaram ao dito cêrco á sua custa oitenta soldados pagos por dois mezes adiantados, e deram muito mais se a guerra mais tempo durára. Ditoso e feliz

se pode chamar o rei de taes vassallos, como disse o sultão de Cambaia a Martim Affonso de Sousa quando com elle andava na guerra contra os mogores, que foi dizer-lhe: se eu tivera alguns cavalleiros taes como vós, posto que fossem poucos eu castigara estes mogores, com que nunca mais tornaram a esta terra, e diria mais, que bemaventurado se podia chamar o rei que taes vassallos tinha, que tantos milhares de leguas afastados d'elle lhe ganhavam tantos reinos e senhorios. Cousa maravilhosa era vêr os meninos de Lisboa de sete annos para cima como ordenavam esquadrões com bandeiras, e tiros de polvora, e como pelejavam uns contra outros; de modo que pozeram fogo a uma tendeira que vendia polvora, e se queimaram mais quatro tendas, e dois soldados que compravam polvora, e sete ou oito meninos que os menos escaparam com as vidas; e dia de S. Jorge, que foi vespera do primeiro assalto, ou combate que os mouros deram á fortaleza, appellidaram as regateiras e meninos de Lisboa: victoria! victoria! que S. Jorge venceu os mouros, e como a Escriptura diga que a voz do povo é voz de Deus, bem se cumpriu, porque passado o dia de S. Jorge, que na fortaleza fizeram uma solemne procissão, o dia seguinte foram os mouros vencidos com muitos mortos, e queimados; e assim se disse nas egrejas de Lisboa ao domingo seguinte, depois do segundo combate, que o dia de maio que foi á sexta feira antes, foram os inimigos segunda vez vencidos. Isto se não podia saber em dois dias, salvo por ordem divina. Ora visto o grande amor do povo para com seu Rei, vejamos o mesmo Rei como trata seu povo. Tem os reis de Portugal uma muito particular virtude, que os obriga a

amar seus vassallos, não como principe e senhor d'elles, mas como pae, porque não ha nenhum fidalgo nos seus reinos que d'elle não receba estipendio ou moradia, de modo que não sómente elles recebem estas mercês d'El-Rei, mas todos seus filhos, como são de edade para irem ao paço, logo tem parte das moradias de seus paes, e como passam de vinte annos são acrescentados a toda a moradia que seus paes tem, sem embargo que alem d'estas mercês recebem outros muitos favores tomando-lhe El-Rei seus criados, e dando-lhes grandes cargos, com que se fazem ricos, e por esta causa toda a mór parte do reino se mantem das mercês d'El-Rei, d'onde vem os reis de Portugal serem os mais trabalhados e importunados de todo o mundo por respeito dos muitos serviços e negocios de seus criados e fidalgos; pois por causa das justiças tem outro immenso trabalho, por que está obrigado a ouvir e despachar todos seus vassallos, de modo que não ha pobre nem velha do mais remoto lugar de seu reino que não venha a El-Rei, não sómente com qualquer aggravo, mas a pedir mercês para si e para seus filhos, e d'aqui vem que nos reis de Portugal juntamente cabe o titulo de pae da patria, por que nenhum pae foi assim piedoso com seus mui amados filhos como os reis de Portugal o são com seus vassallos; e assim se não pode determinar quem tem mais obrigação, se os povos a seus reis, ou elles a seus povos. Pois tornando onde deixei a gente nas estancias, proseguirei a historia como melhor me fôr lembrando os acontecimentos. A trinta dias de março batiam os inimigos com tanta pressa o baluarte e bombardeira de D. Gonçalo de Castello Branco, que em poucos dias foi cega (como fica dito), e dada logo a

Nuno Fernandes de Magalhães, onde se mostrou assás diligente, porque com a gente que levou e alguns amigos, em poucos dias e parte das noites, entulhou uma parte que tinha sobre o muro com que a engrossou, ficando muito fortificada. N'estes dias Vasco Fernandes Homem com sua gente e amigos, fez outro tal entulho, tendo já d'antes a ameia do muro levantadas pipas de terra plenadas, que lhe custou muito trabalho e dinheiro, tanto que com palavras não poderei encarecer com quanto contentamento n'este cerco serviu a El-Rei, gastando sua fazenda tão liberalmente que quasi foi havido por prodigo, tanto que escrevendo-lhe a rainha ficasse em Mazagão depois dos mouros idos, lhe encommendava muito não gastasse tanto de sua fazenda, o que elle fazia dando mesa aos fidalgos amigos, e criados d'El-Rei e cavalleiros de Mazagão, que na fortaleza não tinham gazalhado nem comer; a quem não tão sómente dava duas mezas larguissimas cada dia, mas mandando elles e outros muitos pedir a sua casa tudo o que haviam mistér se lhe dava com larguissima vontade; e sem embargo do que tenho dito, dava vestidos a quem os havia mistér e emprestava dinheiro aos fidalgos e criados d'El-Rei quando lh'o pediam; e assim a outros que elle sabia que nunca lhe haviam de tornar o emprestado, e sobre tudo não esperdiçou dinheiro jogando, nem em vestidos de sua pessoa; mas com muita moderação andou sempre no cerco, onde fez tudo o que a bom fidalgo devia; e esta ordem teve D. Gonçalo de Castello Branco que gastou muito em dar mesa a muitos fidalgos e creados d'El-Rei; e assim o fez Ambrozio de Aguiar, Luiz de Faria, Gomes Freire, e outros muitos que seria largo querel-os contar; e passando os trabalhos

ordinarios, que era cavar e acarretar terra e pedra, alevantar as estancias, derribar as casas para lhes tirar a pedra, mudar artilheria de uma parte para outra, fazer minas, e juntamente acudir aos repiques. Uma quinta feira, nove dias do mez de abril, diziam os inimigos que havia de ser o dia que nos haviam de degolar a todos e captivar, e cuido que já entre elles haveria dado signal da venda de alguns, como tambem os nossos faziam, dizendo que deixassem chegar os mouros pelejando mão a mão veriam quem eram os portuguezes; estes mesmos se viram depois em tal estado que deram todas suas esperanças por muito pouco dinheiro. Não sei por que os homens que tem alguma criação e honra em tal tempo soltam palavras de que não sómente são notados, mas qualquer pequena desgraça que lhe acontece é causa de grande zombaria; a estes taes os antigos capitães castigavam da sorte que Scipião o fez com dois cavalleiros que no cerco de Carthago espedaçaram entre as mãos um bolo, dizendo que saqueavam Carthago; o que o celebre capitão castigou, despedindo de seu campo os taes fanfarrões, porque os mais d'estes palavreiros cumprem com palavras as obras que em taes tempos são necessarias.

CAPITULO X

De um reparo, e estrada que os mouros fizeram no revelim, e do fogo que pozeram á porta da villa, e do que mais succedeu

Muitos dias havia que os mouros entulhavam a cava até chegar ao baluarte, e por que determinavam minal-o para o derribarem, fizeram uma trincheira ou reparo atravessado do revelim pequeno que estava pegado com a cava que elles tinham fortificado da sua parte, d'onde atravessaram a trincheira que digo, até o canto do nosso baluarte; este reparo levantaram em tanta altura, que sufficientemente amparava os que chegavam a picar o muro; e quando cavavam a mina juntamente faziam uma subida para o baluarte; porque se a mina não houvesse effeito, subissem acima a pelejar mão a mão; e fizeram a estrada tão larga, que cabiam por ella cento e vinte homens em uma fileira, e o reparo era tão largo e forte, que nenhuma bombarda das nossas o podia romper; e depois que perderam a esperança da mina, levantaram o

reparo e estrada em tanta altura, que subiam por ella muito brevemente a combater o cavalleiro, como em seu logar se dirá. A sexta feira seguinte deram os inimigos uma grande bateria com toda a sua artilheria, com que derribaram grande parte do baluarte, e uma guarita, d'onde elles recebiam muito damno; e pozeram aquella noite fogo á porta da villa, a que se deu repique com muita pressa, onde acudiu muita gente, e houve horrivel peleja de arcabuzadas e bombardadas, que durou muita parte da noite, e por ser em tal tempo era mais espantosa e de perigo, por que se sentiam os pelouros de arcabuzes e bombardas passar zonindo e assobiando muito junto dos homens sem ousar ninguem tomar outro logar, nem afastar-se do perigo que em todas as partes era presente; houve pareceres que se devia ter a porta da villa aberta para que vissem todos os mouros muito bem, quão pouco se nos dava de a queimarem, e a meu juizo fôra muito bem acertado, ao menos de dia, porque era um muito grande desprezo seguro; mas o general mandou que d'ali por diante estivessem de toda a sorte de gente, fidalgos, cavalleiros e soldados de dia e de noite vigiando aos quartos, o que se fazia com muito grandissimo recado. Ao sabbado seguinte atiraram com os seus trabucos nove tiros, que não fizeram mais damno que derribar uma casa. Mas a seguinte segunda feira atiraram muitos infinitos em grande numero sem comparação, que foram causa de muito grandissima admiração; como foi um pelouro que caiu na pousada de Luiz de Faria, muito esforçado fidalgo, que deu em um tacho que o proprio seu cozinheiro tinha na mão, e lh'o quebrou sem nenhum perigo do cosinheiro, o qual foi causa

de grandissimo espanto e admiração do tal successo. Outro pelouro caiu na pouzada de Nuno Pereira muito honrado e esforçado fidalgo, e dandolhe em um braço lhe atormentou todo o seu corpo, do qual dentro em muito poucos dias falleceu. Este fidalgo, sendo muito grandissimo cavalleiro, seria dos que se guardavam muito em grande extremo dos trabucos, e os tinham por muito cobardes em grande maneira, mas nem por esta razão elle era mais merecedor da morte que o cozinheiro, mas são juizos de Deus em que se não pode dar outra nenhuma sentença, senão a do mesmo Deus, que disse pelo bemaventurado S. Lucas, que nem na morte dos galileos, nem na cahida da torre de Siloe foram muito mais culpados em grande maneira os mortos que ali morreram que os vivos que estavam em Jerusalem. Isto aleguei, porque na morte d'aquelle fidalgo chamado Nuno Pereira se fallou com muita inconsiderada liberdade, dizendo que por sua culpa ou soberba lhe dera o pelouro. São alguns tão soltos em deitar juizos, e confirmar sentenças, que nem os mortos se podem salvar de suas desenfreadas linguas; de uma cousa se póde aqui louvar Nuno Pereira, que era na vida muito esforçado cavalleiro, e na morte se mostrou muito catholico christão. A terça feira seguinte atiraram os mouros muitos tiros de trabucos, que fizeram golpes de admiração, como foi um que caiu na sachristia da egreja, que deu em uma arca em que estavam as vestimentas sagradas com que diziam as missas, sem tocar n'ellas, nem em um santo Crucifixo e um menino Jesus que estavam dentro na dita arca, sobre a qual estava dormindo um moço que ajudava ás missas, que acordou a grande grita, com que a

gente appellidou o grande estrondo do trabuco; e em se mettendo debaixo do portal da sacristia, que estaria quatro ou cinco passos da arca d'onde deu o pelouro, ficando o moço meio pasmado, e dizia elle que sentira o vento do pelouro levantar-lhe os cabellos da cabeça. Este caso vi eu, que estava dentro na egreja, e havia mui pouco espaço que tinha tirado pelo moço que dormindo estava, e assim se teve na fortaleza este caso por milagroso. E outro pelouro caiu em uma pousada onde então chegava Jorge Mendes de Faria, que estava assentado sobre uma arca, e d'ella se levantou aos brados, e appellido do trabuco chamando o nome de Jesus; e caindo o pelouro lhe deu em uma rodella que na mão tinha, quebrando-lhe uma parte, e fazendo em pedaços a arca em que estava assentado levando a roupa que dentro tinha por dentro do sobrado, onde a cravou na loja dois palmos mettida pela terra. Este caso fez o milagre da arca das vestimentas mais conhecido, porque as salvou Deus, e a roupa profana se perdeu, livrando Nosso Senhor o homem que a elle se encommendou. Deram os trabucos tanto espanto na fortaleza, que toda a pessoa que em casa estava procurava metter-se debaixo de algum portal, onde estivesse seguro. A este tão grande perigo deu muito bom remedio Isidro de Almeida levantando quatro meios camellos a modo de trabucos, com que atirou taes tiros dentro no arraial dos inimigos que tiveram por bem de cessar com seus trabucos por muitos dias; o mesmo se fez na fortaleza, e houve treguas de trabucos por que viram os inimigos com quanta vantagem lhe pagavam os pelouros que na fortaleza nos mettiam, que eram da mesma grandeza dos nossos; e ás vezes atiravam

com os proprios que da fortaleza lhe atiravam, tirado um trabuco que elles tinham, que chamavam maimona que deitava um pelouro mui disforme.

CAPITULO XI

De alguns fidalgos que chegaram a soccorro, e uma bombarda que os da fortaleza quebraram aos inimigos, e do fogo que se lhe poz á lenha

A ESTE tempo chegou Antonio Moniz Barreto, fidalgo esforçado e experimentado nas guerras da India, debaixo cuja capitania se podia fiar a fortaleza; tambem chegou Pero de Goes, valente cavalleiro, e em sua companhia outros de muita experiencia que a rainha mandava, por que entendeu o grande perigo que no cerco havia; e a quatorze de abril chegou o capitão Gaspar de Magalhães, muito esforçado e esperimentado cavalleiro assim nas guerras de Italia e França, como nas de Africa, o qual levou uma companhia de duzentos e cincoenta soldados d'El-Rei, e por o tempo ser fortuito arribaram a Calis as caravellas em que levava a gente, mas com seu navio trabalhou contra os tempos, e marés a fazer viagem por chegar com soccorro tão necessario; por que além da gente que levava embarcou vinte e quatro barris de pol-

vora, de que na fortaleza havia muito grandissima falta. Este primor tem os portuguezes, que quando lhes cumpre á sua honra contrastam os elementos, e por debaixo do mar navegam; pode-se dizer por debaixo do mar, porque quando um navio latino vae contra a maré e vento, quasi vae por baixo do mar. Pois chegando este capitão logo se desembarcou com seus officiaes, e polvora, com oitenta homens e tambor e sua bandeira, se foi á egreja onde lhe disseram missa, e lhe benzeram a bandeira que era de seda azul e amarella em barras, e atravessados por cima d'ellas dois bastiões, que nos ferros tinham esta letra: *O qui travalh ne peut sufrir a grão honor ne peu venyr.* O que n'elle se bem cumpriu, porque em chegando que subiu ao cavalleiro com a nova bandeira, lhe deram tantas bombardadas que o cobriram de terra, e pedra ferindo-lhe alguns homens; e logo o general partiu o cavalleiro entre elle e o capitão Fernão de Castro que d'antes ali estava; e porem Gaspar de Magalhães poz mão em fortificar sua estancia com madeira atravessada e pregada sobre grossas estacas, entulhando tudo que cumpria para sua defensa. N'este trabalho lhe deram muitas pedradas, e duas pedras que saltaram da muralha o pizaram de modo que se não podia bolir, nem mandar dos braços, e por esta causa andava todo emplastrado, com grandes dôres, com que elle justificou a letra da sua bandeira. Achou-se em todos estes trabalhos junto a elle Fernão Rodrigues, feitor que foi de S. Thomé, um dos esforçados cavalleiros d'aquelle tempo, o qual nos trabalhos, vigias e pelejas se mostrou homem de muito grande animo. Pois andando elle sobre o capitão occupado no reparo e defensão do cavalleiro, entendeu que uma bom-

barda que estava de rosto ao mar não fazia ali cousa alguma, havendo outros lugares d'onde podia damnificar os inimigos, do que deu conta ao general, e logo fez com sua gente passar a bombarda a um travez que estava junto ao baluarte Santo Espirito, d'onde defendia seu espigão, e atirava ao bastião dos mouros fazendo-lhe grande damno; esta foi a bombarda que se deu a Pero de Goes, como fica dito. N'este tempo atiravam os inimigos ao cavalleiro tantas bombardadas, que os que estavam na defensão as não podiam soffrer; mas Gaspar de Magalhães quiz arriscar a vida por segurar a dos companheiros, e subido sobre o parapeito viu onde estava a bombarda que o molestava; foi-se logo á estancia de D. Antonio Lobo, e prometteu ao bombardeiro que ali estava um vestido se quebrasse a bombarda dos inimigos que de rosto tinha, que era a que fazia o damno; o bombardeiro cobiçoso do vestido, e de quinze cruzados que D. Antonio já de antes por este mesmo caso lhe tinha promettido, se arriscou e esmerou tanto no atirar, e apontar a bombarda, que metteu o pelouro dentro na bombarda contraria com que não sómente matou alguns mouros que andavam rodeando a bombarda, mas assim lha quebrou, com que nunca mais serviu. N'estes dias Pero Paulo, esforçado e venturoso capitão de uma galé, ordenou uns arcos com umas setas de fogo para queimar a lenha dos inimigos, com a qual se reparavam para levantar com brevidade suas trincheiras; e ordenadas as setas elle as lançava nos reparos dos inimigos, e algumas vezes ardiam pouco; e um dia que ventava fresco norte, João Riscado, elle e outros cavalleiros, deitando as setas, panellas e alcanzias de polvora, pegou o fogo, de modo,

que toda a lenha que nas trincheiras tinham ardeu, sem lhe poderem valer, e de tal maneira prendeu por baixo que nunca jámais se apagou, de que veiu não se fiarem nunca os mouros da montanha de terra que trouxeram contra nosso baluarte, nem ousaram plantar sobre elle artilharia, temendo-se que arruinaria por se queimar a lenha por baixo que era a maior parte de seu fundamento; e aconteceu que quatro mouros determinados se deitaram por cima da sua trincheira para a parte do nosso muro sem nenhum temor dos nossos arcabuzeiros, e ali juntos trabalhavam por apagar o fogo, mas os seus proprios os cobriam com a terra que deitavam para apagar a labareda, e juntamente lhe fez Luiz de Faria atirar uma bombardada, que os metteu feitos pedaços dentro na sua trincheira, onde ficaram seus ossos cravados.

CAPITULO XII

Que relata da mina que os mouros fizeram no baluarte, e da contramina que os da fortaleza fizeram, e certos fidalgos que a rainha mandou para conselho, e do que mais aconteceu

TANTO que os mouros principiavam sua trincheira, logo a guarneciam com muita gente, arcabuzeiros, grandes atiradores, os quaes eram tão certeiros, que por qualquer fresta ou luzerna que os nossos queriam atirar ou vigiar, os matavam, e estavam tanto a ponto, que vendo que a luzerna ou buraco se escurecia, logo o que a tinha a seu cargo fazia seu tiro, que de ventura erravam, principalmente na gente bizonha que do reino ia a soccorro, por se não saberem resguardar do perigo de que não eram sabedores; e muitas vezes aconteceu alguns travessos pôrem-lhe chapeus nas frestas ou buracos, e tanto que as viam escuras improviso eram passados dos pelouros; e ia isto em tanto crescimento que não ousava pessoa alguma levantar a cabeça para vêr o campo, que logo o não derribassem pela testa ou cabeça; e aconteceu

que indo a soccorro alguma gente, a primeira pessoa que chegou ao muro em desembarcando foi um clerigo fidalgo da ilha da Madeira, por nome Balthasar de Mendonça, que já estivera na terra por algumas vezes antes do cerco, e em chegando ao muro, quiz vêr o campo e tendas do arraial dos mouros, e em descobrindo a cabeça, n'um pensamento lhe deram uma arcabuzada pela testa, que improviso caiu sobre o logar em que tinha os pés, o que metteu em confusão aos companheiros que com elle desembarcaram, por onde houve tanto cuidado em se resguardarem que já não havia pessoa que ousasse apparecer, d'onde veiu os elches nas matracas que de noite davam aos do muro dizerem: «vós outros que fazeis que não ousais apparecer? muito grande cuidado pondes em guardar as cabeças, e parece-vos que tendes os pés seguros!» por onde se entendeu que os mouros minavam o baluarte, porque como elles tinham seu intento de derribarem o baluarte Santo Espirito, para entrarem por elle a cavallo, como tinham promettido a seu rei, começaram a fazer a mina não entendida dos cercados, porque minavam de dia, que com trafego da gente se não entendia, nem ouvia, e de noite estavam quietos, e se não fôra o aviso não esperado, corria a fortaleza muito risco; e tambem se disse que fôra achado um caparão de um gavião na fortaleza, e dentro n'elle se achara um escripto em que davam o proprio aviso; e entendido o dito ardil, Izidro d'Almeida com muita diligencia poz por cima do baluarte certas vasilhas com ovos dentro para saber por que parte vinham os inimigos minando, e em chegando sobre o logar onde se picava o muro em pondo a vasilha começou o ovo a tremer

com as pancadas que debaixo se davam, por onde foi logo entendido a parte e logar, por onde vinham minando, onde logo com muito grandissima brevidade e vigilancia Izidro d'Almeida e João da Silva pozeram por obra contraminar a mina dos inimigos, o qual se fez com grandissima diligencia e brevidade, a qual foi dar com a dos mouros, os quaes tinham entrado dez palmos dentro no nosso baluarte; e porque a nossa contramina foi por cima da sua cinco palmos, João Riscado, esforçado cavalleiro de Mazagão, e Pedro Lourenço de Mello trabalharam endireital-a, o que não custou pouco trabalho, e levava cada um dos cavouqueiros a mil réis por dia, e era pouco, segundo o trabalho e perigo que nas taes minas se passa; pois como se vieram a encontrar as minas, e conheceram os mouros estarem muito perto dos christãos, fingiram picar em outra parte para segurarem seu desenho. Isto entendeu muito bem João Riscado que andava dentro na mina, e era dos vinte deputados que se ordenaram para a romperem. Como viu que os inimigos dissimulavam, disse que logo se rompesse a mina, o que Diogo de Vasconcellos começou a fazer, mettendo uma alavanca, e cuidando que já a tinha aberta, disparou por o logar da alavanca um arcabuz que não fez effeito, mas João Riscado bradou que logo se abrisse a mina, pois os mouros tinham entendido que se queria abrir, e dando um cavouqueiro com uma alavanca um grande golpe abriu um buraco, por onde João Riscado fez metter o arcabuz a Pero Lourenço de Mello que o disparou dentro na mina, com que fez algum damno, o que se entendeu, porque os mouros deram uma grande grita, e acudiram ao buraco com lanças e dardos onde por razão

de guerra houveram de trazer arcabuzes e lanças de fogo, mas mouros em logares tão perigosos tudo que fazem é mais por cumprimento, que por obrigação e honra; e assim que como João Riscado que era um dos primeiros viu as lanças mettidas pelo buraco, metteu por entre ellas seu arcabuz, o qual lhe não quiz tomar fogo. Disse então a Simão de Goes que atirasse com o seu, o qual disparou nos inimigos que perseveraram na grita e no buraco. Logo deram a João Riscado outro arcabuz carregado com perdigotos, e n'este tempo por elle estar diante lhe tocavam os mouros com as lanças em um cosselete que tinha vestido sobre uma coura de anta, e meteu o arcabuz por cima das lanças, e como ia carregado de perdigotos e pelouros lhe fez largar o buraco, e d'ali começaram a dar os arcabuzes de mão em mão a elle e a Pero Lourenço de Mello, que eram os dianteiros, com que fizeram largar a mina aos mouros com mortes de muitos dos seus, que elles tiraram arrastando. N'este bravo conflicto se acabou de abrir a mina, e foram os nossos ao cabo, tomando a ferramenta aos mouros, reparando-se com os colchões molhados não cessando de atirar com arcabuzes dados de mão em mão, porque na mina não cabiam mais que dois homens emparelhados de rosto aos inimigos. N'este tempo vieram os mouros com muita lenha secca, a qual pozeram na boca da mina para deitar d'ali os arcabuzeiros, que por entre a lenha faziam grandes tiros, porém João Riscado que ia sempre diante se affirmou sobre uma rodella no colchão sobre que elle estava soffrendo a tempestade de fumo que entrava pela boca da mina que não estava reparada, por onde de mais longe os nossos arcabuzeiros atiravam aos inimigos.

E verdadeiramente esteve João Riscado muitas vezes afogado da grande força de fumo, mas a honra o deteve em tanto perigo que os mouros entenderam que com aquelle genero de ardil não deixavam os nossos portuguezes a mina, de que veiu tornaremse á furia dos arcabuzes, atirando de travez, porque de rosto não ousavam por os matarem de dentro; e sem embargo de tal perigo um turco muito principal veiu de rosto ao buraco, e encarando um arcabuz, João Riscado que estava prestes, lhe deu uma arcabuzada que deu com elle de pernas arriba dentro na cava, e d'ali por diante estavam de dia e de noite soldados aos quartos atirando arcabuzadas aos inimigos, e os inimigos a elles sem matarem ninguem, ferindo muitos das pedras que quebravam do muro onde davam os pelouros. N'esta vigia de mina entravam os fidalgos e cavalleiros que de noite velavam aos quartos; entre estes foi Gaspar da Cunha que algumas noites vigiava seu quarto com seis homens seus, que estava diante d'elles mettido na agua até os joelhos, e posto que estava na frialdade da agua, muito mór tormento lhe dava o grande suor que do logar afogadiço e estreito lhe causava, que a frialdade, assim que em um mesmo tempo padecia frio e calma. Da mesma sorte passavam todos os mais fidalgos e cavalleiros que nas minas vigiavam; e verdadeiramente que se viam os soldados velhos de Mazagão algumas manhãs sahir tão feridos nos rostos, e tremendo ao frio que era muito para d'elles haver dó; porque se lhe ajuntava ao trabalho a pobreza que é mór que todos os males. Algumas vezes os levava Vasco Fernandes Homem a sua casa, e os mandava curar dando-lhe dinheiro e hospedagem de mesa emquanto durou o

cerco, e muitos dias depois, os quaes o queria receber, que foi causa de ser tão bemquisto, e todos os cavalleiros pobres o tinham por pae e amparo em suas necessidades. N'esta mina pelejaram o primeiro dia Pero Lourenço de Mello, João Riscado, Simão Goes, Diogo de Vasconcellos, Gaspar de Mendonça, João Pires de Gavy, Duarte Luiz, Simão Pires e Domingos Gonçalves, todos cavalleiros da terra, e outros muitos que não soube os nomes, dignos de muito grandes honras e mercês. A este tempo pareceu á rainha que em caso de tanta importancia em que se aventurava a honra do reino e as vidas de tantos fidalgos devia de mandar a Mazagão alguns fidalgos experimentados na guerra, os quaes foram Vasco da Cunha, e Christovão da Cunha, seu irmão, para que não sómente pelejassem, mas no negocio do conselho fossem eguaes ao capitão general, o qual não determinasse cousa alguma sem tomar conselho com elles, e sobre este caso lhe escreveu a rainha uma carta, da qual o general tomou alguma desconfiança, o que se entendeu no decurso do tempo adiante, porque nos conselhos se não tomava nunca resolução, porque se davam razões evidentes, assim no mando da guerra como nos reparos d'ella. Estes fidalgos eram cavalleiros de muito grande experiencia, porque Vasco da Cunha se creou e envelheceu na guerra da India, que ao presente é a mais encarecida e perigosa de todo o mundo, onde teve experiencia de muitos actos de guerra, em que ganhou fama de bom capitão e esforçado cavalleiro; e Christovão da Cunha era tão antigo na guerra, que sendo moço esteve no cerco e tomada de Rhodes, criando-se depois nas galés da ordem de S. João, pelejando sempre no mar e na

terra valorosamente: e por esta causa o grão mestre lhe encommendou casos de muita importancia, e o punha nos mais honrados e preeminentes cargos, que na ordem havia; e sendo estes que digo, andavam na fortaleza como soldados extravagantes trabalhando e vigiando mais do que sua edade requeria. Estes fidalgos chegaram a dezeseis dias de abril, onde com sua chegada toda a gente da fortaleza recebeu novos espiritos, segurando-se muito com a vinda de taes cavalleiros; por que na guerra muito mais animo dão os poucos cavalleiros de experiencia, que as muitas armas e os muitos homens sem ella, e d'aqui vem alegrarem-se os cavalleiros com a vinda de tão experimentados velhos; os quaes subiram ao muro armados de muito formozissimas armas, que, juntas com as veneraveis cãs, verdadeiramente ficavam tão bellas que levavam traz si os olhos de todos os que os viam; porque Christovão da Cunha trazia sobre uma armilha queimada e dourada, uma sobrevista de setim carmezim, e n'ella uma grão cruz de S. João, que lhe tomava todos os peitos, e outra tal nas costas que lustrava bellissimamente entre todas as armas que na fortaleza havia. Fallei tão largo n'estes fidalgos velhos, porque nenhuma batalha pode ser formosa e bem ornada, salvo aquella que entre os robustos e fortes mancebos, tem entre si tão veneraveis cãs; e quando Quinto Curcio queria mostrar a boa ordem e belleza das batalhas de Alexandre Magno, pintava nas primeiras fileiras um senado de valentes e experimentados velhos. Mandou tambem a rainha D. Catharina para este feito de conselho Antonio Moniz e Pedro Vaz de Sequeira, fidalgos velhos de muito grandissima experiencia e valentia, os quaes

na India fizeram assignalados feitos em armas. Estes fidalgos, e os sobreditos entravam em conselhos de que nunca se viu effeito; foi assim mesmo enviado n'esta companhia um italiano que diziam ser grande artifice de engenhos e invenções de guerra, que por ser estrangeiro era muito estimado e remunerado de grandissimas mercês, o qual se podera escusar onde estavam os cavalleiros sobreditos, e outros portuguezes experimentados nas guerras de Italia, e da India, como eram Francisco da Silva, Gaspar de Magalhães e Isidro d'Almeida, pessoas de gentil engenho, e grandes invenções e aparelhos de guerra; mas é tanta a affeição que em todas as partes se tem ao estrangeiro, que posto que com muita vantagem se conheça o natural, sempre o peregrino lhe é anteposto.

CAPITULO XIII

Do aviso que o capitão general Álvaro de Carvalho teve dos mouros quererem dar o primeiro assalto, e outras cousas que mais succederam

VINTE dias de abril subiu um mouro ao baluarte a horas de meio dia, e esteve olhando a gente que estava descançando na praça do baluarte, e rindo-se se deixou estar emquanto se não affirmaram ser mouro, mas, como foi conhecido, arremetteram a elle os da guarda, e o mouro se tornou a sua estancia, que era debaixo do muro onde tinham cavado, logar em que cabiam muitos que vigiavam de dia e de noite. Logo tocaram a repique, onde acudiu gente com tanta pressa que se houvera de abater a praça feita sobre madeira, que logo se mandou apontoar com grossas vigas, e estando muita gente em logar estreito se revolveu uma muito perigosa briga entre uns mancebos da villa e outros dos que foram ao soccorro, e foi tal a contenda, que se teve por muito mais perigosa que se fôra com inimigos, por ser em tem-

po que, se os mouros subiram, se fizera uma má jornada para os da fortaleza, mas Vasco Fernandes Homem, e Gomes Freire com outros fidalgos apaziguaram a briga sem se castigarem os aggressores d'ella. Assim aconteceu em outro repique outra briga não menos perigosa que a passada. N'estes dias se passou á fortaleza misser Hieronimo Catalão, que entre os mouros andava, o qual disse como queriam dar os mouros o combate ao dia seguinte, que era quinta feira, e que tinham para este dia apregoado o assalto por todo o arraial; e com esta nova se fizeram na fortaleza prestes para o combate, reparando o cavalleiro, e fazendo na estancia de Vasco Fernandes Homem um travez de pipas de terra plenadas para espingardeiros, que depois de Deus foi a principal causa do desbarate dos inimigos. Deitaram os mouros fama de combater á quinta feira por nos desenquietar, por que não vindo elles aquelle dia, cuidassemos que não viriam ao outro, e assim nos fossemos de dia em dia descuidando para que elles de improviso arremettessem e levassem do primeiro impeto o baluarte, e para mais nos assegurar mandaram de noite dizer á bocca da mina aos nossos arcabuzeiros, que nos queriam dar o assalto quinta feira com a maré vazia, por que haviam de pelejar com a baixamar com escadas por muitos logares. Isto disse um mouro algemado, fingindo-se christão, que desejava passar a nós com mais de duzentos eleches, e juntamente dizia que a gente miuda dos mouros morriam de fome, e fugiam para suas casas de vinte em vinte. Estas palavras do falso mouro fizeram toda a quinta feira estar a gente da fortaleza todo o dia em armas sem trabalhar nos reparos que então eram muito necessarios, e os

mouros se juntaram nas suas trincheiras e com bandeiras soltas que era signal de batalha, e como não fizeram mais que os outros dias, assentaram na fortaleza que os inimigos não ousavam acommetter até não terem derribado muito do muro, e assim passou aquelle dia; mas de noite trabalharam com grandissimo cuidado e pressa porque suspeitavam na fortaleza que os inimigos se chegavam ao combate. E assim disseram depois os mouros que se vieram fazer christãos, que a causa por que não combateram á quinta feira foi por certa desconfiança que se tivera dos elches, porque fôra achada uma carta escripta da fortaleza ao alcaide Logronho de que se tivera má suspeita, que foi industria de Christovão da Cunha, como homem que da guerra tinha muito grande experiencia, escreveu aquella carta fingindo ter já outras escriptas em que promettia muitos galardões aos elches que se passassem á fortaleza no tempo que entre elles estava concertado. Esta carta deitou Christovão da Cunha na estancia do alcaide Logronho, como que entre elles andava o concerto de muitos dias antes, o que foi causa de se deixar á quinta feira o combate, porque a sexta era dos mouros, como depois se viu. Parece que n'este logar tão propinquo ao combate se deve fazer menção das devoções que se faziam em Portugal por os da fortaleza, que ellas foram causa da salvação dos homens de guerra, e da victoria havida contra os inimigos da nossa santa fé. Assim que antes que chegasse a nova do primeiro assalto, se faziam em todos os mosteiros de frades e freiras muito devotas procissões, e nas egrejas se encommendavam muito nos pulpitos em Portugal e Castella, onde a rainha e a muito serenissima infanta D. Maria man-

davam muitas esmolas aos mosteiros, em especial a Guadalupe, para que os religiosos com suas orações ajudassem os cavalleiros que em Mazagão pelejavam pela honra de Deus; e depois que veiu a nova do primeiro assalto, em toda a cidade de Lisboa se não entendia em outra cousa, salvo em romarias, missas e devoções acompanhadas de muitas lagrimas com que regavam as egrejas, e diziam que a muito devota rainha D. Catharina, saindo do conselho muito tarde se recolhia a seu oratorio, onde perseverava a mór parte da noite em lagrimas de devoção; e andava tão desconsolada, que claramente em sua real pessoa se enxergava a grande afflicção que seu animo tinha, e juntamente mandava com grandissima diligencia fazer gente em Lisboa e outras partes, e assim provisões de mantimentos, e navios de vinho da ilha da Madeira. Assim mandou duas boticas larguissimas de todas as cousas necessarias para os doentes e feridos. Tambem mandou muitas munições de guerra, em tanto extremo que sobejavam, e no cerco não faltava cousa alguma, antes pareciam mais bodas e banquetes, que assaltos de guerra. Por onde lhe estão todos em muito grande obrigação á sua alma pelo bom soccorro, diligencia e amor que n'este cerco mostrou a seus vassallos; no que não digo mais por que o tempo o tem manifesto em todo o logar, dando-lhe a honra e premio de tão assignalada victoria.

Agora quero tratar do primeiro assalto que os mouros deram á fortaleza que foi de tanta confusão, que um pobre engenho como o meu não pode declarar senão confusa e desordenadamente o que ninguem fizera sem muito grande molestia, mas por honra da patria, todo o trabalho é bem empregado.

CAPITULO XIV

Do primeiro assalto, e combate que os mouros deram á fortaleza, e do que mais aconteceu

SEXTA feira, vinte e quatro dias de abril, em rompendo a alva os fidalgos cavalleiros e soldados, subidos no muro, se pozeram em ordem para a peleja, cada um em suas estancias esperando os mouros até o meio dia, e os que estavam ao pé do cavalleiro na estancia de Nuno Fernandes de Magalhães, e Vasco Fernandes Homem, onde esperavam se daria o assalto, estiveram de joelhos com as lanças baixas pegados ao parapeito que era de ceiras e ceirões cheios de terra, e tanto que apparecia alguma lança, logo era cortada dos arcabuzes contrarios; e os mouros começaram a atirar com sua artilharia com a furia com que os dias antes atiravam, derribando da parede do cavalleiro e baluarte, matando e ferindo homens, e como o general viu que a maré seria quasi cheia, e não vinham os mouros no termo que

prometteram, disse á gente que os que não tinham comido se fossem jantar, e tornassem, que os inimigos já por aquelle dia não acommetteriam, o que alguns fizeram por ser tarde, e fazer grande calma, e os que ficavam na guarda estavam seguros por as razões sobreditas; mas como os mouros viram que na fortaleza afrouxavam de atirar, e entenderam que haveria descuido, disparando sua artilharia de improviso arremetteram com quatro bandeiras de côres, com pomos dourados nas hastes, e um guião branco, que todas juntas pozeram na parte que do cavalleiro tinham que era quasi todo, porque da nossa havia uma pequena praça a mór parte feita no ar, fundada sobre madeira que o capitão Gaspar de Magalhães ordenou para alargar sua estancia, que era tão pequena que n'ella se não podia pelejar. Esta fortificou com pipas de terra plenadas, que defendiam as costas aos soldados da arcabuzaria inimiga. N'este tempo estava junta toda a cavallaria dos mouros com as bandeiras despregadas para entrar quando cumprisse, e juntamente saiu uma manga de arcabuzeiros da parte do norte com outras cinco bandeiras, umas brancas e outras de côres; e como chegaram junto do mar cravaram logo uma das bandeiras na praia, onde lhe mataram de cima do muro o alferes com outros sete turcos, ficando a bandeira cravada na areia até o fim da batalha, e por que tinham dito que se haviam de deitar na fortaleza trezentos elches, por esse respeito não mataram muitos mais, por que se não determinaram os da fortaleza, que davam a entender estes turcos que acommetteriam o baluarte S. Sebastião do norte, mas a verdade era que se atemorisavam, que por aquella parte saissem os

christãos a dar algum assalto; e isso os obrigou com tão conhecido perigo fazer um feito temerario que lhes houvera de custar as vidas a todos, mas logo se arrimaram á couraça que no fim da cava se junta ao baluarte, onde estando seguros dos nossos arcabuzeiros houveram de ser afogados com a maré, que, como cresceu, lhe dava a agua pela barba: assim estiveram até á noite que com sua sombra salvaram as vidas. Pois subidos os inimigos ao cavalleiro deram uma mui horrivel grita com tão grandissimos alaridos que parecia vir ali o inferno todo junto, deitando dentro na praça do baluarte uma grandissima tempestade de fogo, que prendeu em umas bombas de fogo, que estavam arrimadas a uma rodella que estava cheia de alcanzias de polvora, d'onde se queimaram alguns homens, e logo com grandissima pressa repicaram o sino do rebate onde acudiu a gente, que desarmada estava nas casas jantando por diversas partes correndo ao baluarte, uns vestindo as armas, e outros com lanças, e rodellas em calças, e em couras, como lhe tomou o som do repique. Mas quem contara os casos desastrados que no cavalleiro aconteceram! E verdadeiramente uma grandissima eloquencia ficara muda se houvera de pintar as mortes, as feridas, o fogo e sobretudo aquelle infernal estrondo de artilheria e arcabuzaria, que de ambas partes juntamente disparava, e assim a terrivel e barbara grita, os homens pedindo, uns alcanzias de polvora, e outros bombas de fogo, pedras, lanças, e juntamente se ouviam outros brados tão confuzos, que se não entendiam, e o espesso fumo, e fogo faziam tal espanto que verdadeiramente representava o dia de juizo, e quererem-se os elementos confundir uns

aos outros; repugnando cada um a seu contrario. Finalmente foi tal o estrondo da arcabuzaria d'aquelle dia, que nenhuma ave nem alimaria parou na terra, e mar, que não deixassem suas antigas moradas, e costumados pastos, fugindo sem apparecerem por muitos dias depois dos mouros idos. N'este tão grande conflicto estavam no cavalleiro trez capitães, convem a saber: Rui de Souza de Carvalho, capitão-mór da fortaleza; Fernão de Castro, capitão do baluarte; Gaspar de Magalhães, Bartholomeu Guerreiro, Christovam Guerreiro, seu filho, e o esforçado João de Mello, fidalgo do Algarve, que pelejou esforçadissimamente. E assim Ambrosio de Aguiar, Francisco da Cunha, Pero Lourenço de Mello, João Riscado, Bernaldim Ribeiro, e outros fidalgos, e cavalleiros e criados d'El-Rei, e alguma gente miuda que não lh'o vedando subiu ao cavalleiro, os quaes estavam tão apertados que não podia cahir pedra, dardo, lança ou pelouro, que não matasse ou ferisse homens. Esta foi uma das desordens d'este dia, principal causa de outras muitas, porque houve homens que não podendo soffrer tão espantoso fogo, saltaram abaixo por a escada feita de mui ralos páos, por onde ficavam metidos pelas pernas feitos ponte aos que desciam. Entre estes houve alguns esforçados soldados, que forçados do impeto dos que se retrahiam com a força do fogo cahiam do cavalleiro, outros empuxavam os que achavam diante, e todos juntamente cahiam abaixo, quebrando as pernas, e armas. Estava n'esta pressa o esforçado Ruy de Souza de Carvalho já todo queimado do primeiro fogo das bombas, o qual dizia: «ah! cavalleiros de Jesu Christo! soccorrei ao baluarte d'El-Rei Nosso Senhor; não digaes que não

morre diante o vosso capitão.» Certo que palavras eram estas para que todo o homem sem temor da morte em tal tempo as ouvira se arremessar dentro dos inimigos, como logo fizeram muitos que arremessando-se sobre o parapeito com grandissima furia não poderam escapar se os que presentes estavam os não tiraram. N'esta conjuncção o esforçado capitão Gaspar de Magalhães tomou duas lanças de fogo, e estando com ellas pelejando lhe deram grande pedrada na cabeça, que elle então não sentiu, mas correndo-lhe o sangue pelo rosto abaixo tomou mancheias de terra, e levantando a celada com a terra cegou a ferida tornando logo a pelejar com as bombas, e vendo arder uma rodella de alcanzias de polvora a levantou no ar para a deitar nos inimigos, mas veiu-lhe ao encontro uma panella de polvora dos contrarios, e dando-lhe no rosto cahiu sobre ella, com que se queimou mãos e rosto, de que lhe ficou a direita aleijada, e o rosto abrazado cheio de costuras, mas o muito esforçado capitão se levantou com muito acordo chamando a gente que estava na praça do baluarte. N'este instante prendeu o fogo em um barril de polvora que estava debaixo do cavalleiro, e verdadeiramente que pareceu como uma espantosa bocca do inferno, e ali se queimou este capitão, que as canellas das pernas se lhe pareciam nuas das carnes, das quaes jámais foi são. Este fogo o levantou no ar, e cahiu abaixo como morto, onde se lhe chegaram Gaspar da Cunha, Luiz Caiado com outros muitos fidalgos para o levantar, e tornando em si perguntou se o cavalleiro estava por El-Rei: ao que lhe respondeu Luiz Caiado que estava, e estaria. A isto respondeu este esforçado capitão: «agora morra eu quando

Deus fôr servido», e com estas palavras se aliviou, de maneira, que o poderam levar pelo seu pé á pousada, onde o deixaram por morto. Foi tal o impeto d'este fogo que o ar d'elle arrebatou Affonso de Torres, que estava na estancia de seu irmão Nuno Fernandes de Magalhães, e d'ali o levou ao fim da praça de madeira, d'onde cahira abaixo se se não pegara fortemente na propria madeira, porém ficou muito queimado no rosto, mão, e perna direita, de que esteve muitos dias em cura. Antes d'este fogo, chegou desarmado Marcos Vaz de Souza, esforçado mancebo, que pelejava com uma chuça tão descoberto que Gaspar de Magalhães o avisava que se cobrisse, que o não matassem; mas como n'este fidalgo fervia o sangue por mancebo, esforço, e honra, quanto mais temor lhe mostrava o capitão com tanta mór furia pelejava levantando-se sobre o parapeito, onde lhe deram uma arcabuzada de mosquete na cabeça com que cahiu juntamente morto sem mover nenhum membro, nem dar um pequeno suspiro, porque o pelouro seria do tamanho de uma noz, e lhe abriu um mui grandissimo buraco, por onde lhe saltaram os miolos fóra sobre as armas, e rostos dos que estavam junto e affastados d'elle. Tambem veiu desarmado ao baluarte Jorge Nunes de Liam, fidalgo experimentado nas guerras da India, o qual subido no cavalleiro pelejava sobre um feixe de piques arremessando dardos e lanças nos inimigos, onde mostrava seu grandissimo esforço: ali foi ferido na ilharga direita de uma arcabuzada, e na cabeça de uma zagunchada, de que em sua pouzada morreu; e posto que estava tão mal ferido não se sahia da peleja, mas como se dessangrava muito, perdida a vista dos olhos, o levaram muito

contra a sua vontade, e dizia que o deixassem morrer contente em serviço de Deus Nosso Senhor, e d'El-Rei, o que não quizeram consentir os piedosos companheiros, e assim já quasi meio morto o deixaram em sua pousada, onde falleceu, e em verdade que muitos homens lhe houveram inveja, porque foi de todos julgado de uma muito esclarecida morte, que junto com a opinião que de sua virtude se tinha deu causa a um commum consentimento, que tão esforçado e virtuoso cavalleiro era recebido dos santos na gloria. Estava no cavalleiro D. Diogo Manuel, e seu cunhado Pero Vaz da Veiga, muito esforçado fidalgo, que em todos os trabalhos e perigos se achou presente, assignalando-se em tudo muito estremadamente, que com os outros juntamente defendiam o cavalleiro. N'este tempo subiu ao cavalleiro um mouro negro despido, com uma grandissima grenha muito espantosa e feia, que de tres tiros que atirou com um arcabuz matou logo tres fidalgos; um d'elles foi aquelle valentissimo Pero Lourenço de Mello, que seu mui grandissimo esforço o matou, porque este esforçado fidalgo quiz emprehender um feito temerario. Quizera deitar mão de uma bandeira dos inimigos a tempo que o mouro negro atirava com o arcabuz que n'elle primeiro disparou, e cahiu sobre o logar em que tinha os pés, e diziam que por espaço de um credo esteve abrindo, e serrando a mão direita, digna de em guarda e estima ser posta como uma mui riquissima joia, e posto que nos combates morreram alguns esforçados fidalgos e valentes cavalleiros, este só foi mais sentido que todos, porque verdadeiramente era mui esforçadissimo, e mui chão, humilde e de branda conversação. Tambem este mou-

ro matou Francisco de Carvalho, e Jorge de Macedo, fidalgos de grandes animos, os quaes pelejavam com lanças. Este mouro e outro que o cobria com uma adarga foram derribados do travez do capitão Francisco Porto Carreiro, que os descobria pela banda do mar, e durando esta pressa ardeu o barril de que atraz fiz menção. E assim queimou mais um fidalgo chamado Lourenço de Sá, que todo seu corpo foi feito carvão, de que padeceu terriveis dores todo o tempo que viveu, o que se pode piedosamente dizer que foi seu purgatorio: tambem se queimou Bernaldim Ribeiro no rosto e pernas, de que esteve muito ao cabo, ficando-lhe o rosto muito abrazado, e cheio de costuras. Alvaro Dias Rebello, estando pelejando com lanças de fogo, foi tão queimado que era coisa piedosa de que lhe ficou o rosto abrazado, e a mão direita aleijada, e a esquerda, e uma perna mal tratada. Tambem foi queimado Simão Viegas, Gaspar Valente, alferes da bandeira real, Affonso Barreto, Bartholomeu Guerreiro, Domingos d'Almeida, Christovão Guerreiro, Gaspar de Medeiros, que, além de queimado, lhe deram uma arcabuzada na cabeça, e a Domingos Gonçalves deram outra arcabuzada que lhe atravessaram ambas as queixadas, e foi queimado no rosto, e João Gonçalves de Alcobaça foi tão queimado que sua vista fazia terror; assim o foi Vicente Alvares Ribeiro, e João Pires de Gavy, e Francisco Barriga, ferido de uma arcabuzada na garganta, e Francisco da Gama, ferido de um pelouro de bombarda, que já tinha dado no reparo, e morto um homem, e dando-lhe a elle na garganta lhe torceu a bocca á orelha. Tambem foram queimados Balthazar de Pumares, e Bartholo-

meu Cavallo, velho de setenta annos, mui valente, e esforçado cavalleiro, a quem aconteceram grandes trances de guerra com os mouros. A Domingos Vieira deram uma arcabuzada, que lhe passou a queixada e peito esquerdo, sahindo-lhe o pelouro pela espadua, e pelejando ainda assim ferido lhe deram outra arcabuzada na cabeça, com que por força o levaram a sua casa, das quaes feridas guareceu, e Antonio Ribeiro, pelejando com uma lança, lhe quebraram um olho. Antonio Mourão foi muito ferido de zagunchadas, de que esteve muito mal para morrer. Mataram João Vaz, Balthazar Affonso, Pero Fernandez de Pontevel, Gaspar da Costa, Pero Rodrigues, Gaspar Fernandes e Gaspar Rodrigues; estes todos eram cavalleiros da terra, de muito grande esforço, e valentia e experiencia, e além d'estes mataram alguns soldados de que se não faz menção. Pois passando adiante pelo combate no principio d'elle Fernão de Castro, capitão do baluarte, tanto que viu o primeiro fogo, se apartou d'elle para a escada, e visto a desordem dos homens os começou de envergonhar, dizendo, «arriba soldados! arriba cavalleiros! que vergonha é esta?» E elle mesmo se foi com uma lança e adarga contra os mouros, e vendo um d'elles vestido de escarlate, que com muito grandissimo atrevimento se levantava sobre o parapeito, para cortar as lanças dos christãos, lhe deu uma lançada com que passado pela barriga o derribou do cavalleiro dentro na cava, e d'ali por diante pelejou até o queimarem onde se foi curar. Pois estando a batalha n'esta muito grande e espantosissima pressa, pareceu a Isidro d'Almeida que era tempo de dar fogo á mina que tinha feito por baixo da estrada, por onde os mouros subiam

ao cavalleiro, que como fica dito, cabiam por ella ao largo cento e vinte homens em uma fileira. Esta mina foi mui difficultosissima de fazer, por ser por baixo de areia solta, pedras, e rama, e assim porque ainda ardia o fogo por baixo da lenha, o que remediavam com alguns colxões molhados para poderem muito seguramente fazer a obra, e andar com polvora em logar de tanto perigo, e, sem embargo d'este grande inconveniente, Isidro d'Almeida e Francisco da Silva, com boa industria e perigo, levaram a mina dentro no entulho dos mouros dez palmos, em que meteram dez barris de polvora, dos quaes arderam sete sumindo para dentro os turcos, e elches arcabuzeiros que em cima estavam: outros subiram por alto, outros ficaram cravados por baixo dos braços, que com muita força de homens os não podiam descravar sem ficarem desconjuntados, de modo que ficaram os vivos espantados. Arrebentou a mina por muitos logares, que foi causa de dar grande baixa á trincheira dos mouros, de modo que a nossa artilheria dos travezes jogava desempachadamente dando nos inimigos mortes crueis, os quaes estavam atonitos e espantados. N'esta conjuncção descia de cima do baluarte para os mouros um d'elles queimado que levava a camisa mourisca ardendo, e passando por onde os elches arcabuzeiros estavam tomando polvora, pegou o fogo logo n'elles muito em breve, com que se queimaram passante de trezentos, que os demais d'elles morreram, e os outros foram queimados de modo para nos combates não poderem pelejar, e diziam os mouros que aquelle fogo cahira do ceo em favor dos christãos. Aquella opinião ficou entre elles até o prezente. Tornando ao cavalleiro que todo

ardia em fogo, assim dos nossos, como dos contrarios, foi tão grandissima, e espantosa a confuzão dos inimigos, que se não souberam determinar, parecendo-lhe que tanto fogo era, ou do cavalleiro que estaria minado, ou algum ardil que os christãos teriam ordenado para os queimar, entrando elles no cavalleiro, e os nossos pareceu-lhes o proprio que os mouros tinham minado o cavalleiro, e por esta cauza no primeiro impeto, uns e outros se retiraram abaixo, ficando alguns fidalgos e cavalleiros defendendo os repairos com muitas infinitas mortes, e grandissimo perigo de suas pessoas. Toda esta gente se enganou por não ter experiencia, porque, nem os mouros haviam de pôr fogo á mina estando sobre ella, nem os christãos o deviam de fazer pela mesma causa. Mas tanto que foi entendido como o fogo era da nossa desordem, começaram os christãos de subir com muita pressa e determinação, e um dos que ficaram dentro foi Ambrozio d'Aguiar, fidalgo esforçado, que bem defendia seu logar com uma chuça, encontrando os inimigos que queriam entrar. Este fidalgo, além de sua valentia e esforço, se mostrou ser de grande animo, e para muito, assim nos continuos trabalhos, como nas vigias: n'este combate foi bem conhecido dos mouros, os quaes remessavam lanças, e dardos sobre elle, e sobre os que prezentes estavam pelejando, e assim pedradas com que matavam e derribavam os homens, e n'esta maneira de peleja tinham grande vantagem aos christãos, porque atiravam tantas pedradas, e com tanta força que a poucos homens davam, que não derribassem. Havia mouros que com os alfanges cortavam as lanças, e feriam os soldados, como foi um ferreiro de Mazagão a quem deram

tal cutilada sobre a cabeça que lh'a fenderam: diziam elles que muito maior era a guerra de fogo, que as lançadas, e muito maior valentia esperar a morte a pé quedo sem poder passar adiante ou tornar atraz, que andar escaramuçando, ou pelejar ás lançadas, e cutiladas, cousa que os dà fortaleza tanto desejavam: assim diziam os esforçados cavalleiros de Mazagão, que se tinham achado em escaramuças e pelejas de mui grandissimo risco, mas que aquella maneira de pelejar presente era a mais perigosa e triste, que nunca jámais viram; mas bem se mostrou n'este logar quanto esforço e valentia se viu em homens, assim fidalgos como cavalleiros e soldados, mas basta o que digo que é muito menos do que foi. Ficou tambem dentro Nuno de Brito, o qual foi muitas infindas vezes levantado do fogo, e logo se tornava a erguer pondo a lança nos mouros que queriam acommetter a entrada. Tambem estava no cavalleiro Francisco da Cunha, esforçado fidálgo, e outros que não soube o nome, e dos que subiram o primeiro foi Christovam da Cunha, onde lhe deram tantas pedradas que o derribaram, mas elle com esforço se levantava, e punha sua lança encontrando inimigos, ensinando os companheiros como haviam de pelejar e offender aos contrarios sem elles ficarem offendidos. Ali lhe deram uma zagunchada pela bocca que passou de largo cortando-lhe o buço como com thesoura. Eu louvo aqui levantarem-se os homens, quando das grandissimas pedradas cahiam, e não sem razão, porque o logar era muito apertado, e enlameado, e elles desatinados das mui furiosas pedradas, e arcabuzadas e zagunchadas, que eram tantas e tão bastas, que parecia verdadeiramente que choviam, e além

d'isso carregados de armas, que era mui grandissima maravilha levantarem-se tão depressa e com tanto acordo. Tambem pelejou mui esforçadissimamente Tristão Vaz da Veiga, ao qual deram na garganta uma arcabuzada, de que milagrosamente escapou. A Gaspar da Veiga, seu irmão, deram outra na barriga, de que se não teve esperança de vida, e guareceu muito tarde. Subiram a esta pressa Lopo de Sequeira, muito esforçado fidalgo, e Manuel de Mesquita, e João Lopes seu irmão, Vasco Fernandes Coutinho, Jeronymo Pestana, Manuel Rodrigues de Freixo, Miguel de Arnil, Pero Zuzarte, Gonçalo Ribeiro, Francisco do Zouro, João de Bairros, Gaspar Leite, Miguel Pestana, Duarte Luiz, Luiz Nicolau, Francisco Nicolau, Alvaro Rebello, Luiz Caiado, Manuel Landim, Antonio Velho, Bartholomeu de Vasconcellos, que no Brazil tomou a fortaleza no Rio de Janeiro aos Francezes, e assim pelejou mui valorosamente D. Diogo de Castello Branco, e querendo dar uma lançada a um mouro, lhe lançaram mão da lança, forcejando os mouros de fóra, e elle de dentro um grandissimo pedaço. Finalmente D. Diogo livrou a lança dos inimigos estando já desesperado, e desconfiado de a livrar, e determinado a se deitar com ella entre os mouros pela não perder senão com a vida. Tambem pelejou como bom cavalleiro D. Gonçalo de Castello Branco, D. Diogo Manuel, Pero da Fonseca, Sancho de Toar, Manuel Corrêa, Francisco Ferreira, e D. Antonio Lobo, que passando lhe disse o general: «muitos faltam no cavalleiro, que mostravam ser para muito», ao que respondeu D. Antonio: «se diz isso por mim, eu prometto como fidalgo e cavalleiro de não descer do cavalleiro, senão fôr

morto, ou com victoria», e logo subiu com grandissimo impeto e ira, onde fez mui grandissimos feitos, como de tal fidalgo e grandissimo cavalleiro se esperava.

Estavam n'este tempo no cavalleiro com as bandeiras muito rotas e queimadas, e já não soavam trombetas, nem tambores, tudo estava muito surdo, o que Francisco da Cunha mui esforçado cavalleiro não poude soffrer, e muitas infinitas vezes gritou, e bradou, que se remediasse logo muito depressa aquella grandissima falta, mas o general, que áquelle tempo estava junto ao canto do baluarte, disse a Luiz de Castro, que logo com grandissima pressa e cuidado levasse sua bandeira com alguns homens ao cavalleiro, o que elle logo fez com grandissima brevidade deixando a sua estancia que tinha, e subindo pelo baluarte arriba, lhe derribaram o alferes de uma mui grandissima arcabuzada, que deu com elle em terra, de tal modo que o levaram d'ali muito mal para morrer, e logo Gaspar Gato, que no rosto estava muito mal ferido, mas com tudo isto tomou a bandeira, e a teve um grandissimo pedaço mui valorosamente, e desconfiandose de estar muito occupado com a bandeira sem pelejar a deu a Pero Antonio, homem preto, que esteve bem junto ao parapeito como mui valente e mui esforçado soldado, e d'alí com a espada nua atirava mui grandissimos golpes mui denodadamente aos mouros que elles ficavam tão espantados que não sabiam que se dizer uns aos outros, e quando se mostravam, dizendo muitas infinitas vezes: «ah perros infames, viva El-Rei D. Sebastião!» D'este muito esforçado e valentissimo preto se disseram muito grandissimas cousas, e grandes aventuras, e

esforços, os quaes eram dignos de mui grandissimo louvor, mas esta foi mui grandissima causa para o louvarem d'esta maneira, mas todo este louvor mereceu quem tambem fez por se estimar. N'esta conjuncção deitaram os mouros outra tempestade de fogo, com que queimaram Gonçalo de Sequeira, Nicolau Rodrigues, e outros muitos que não nomeio, por lhe não saber os nomes. N'este tempo subiu Antonio Moniz Barreto, onde achou Luiz de Castro, mandando que tirassem debaixo dos pés um soldado que ainda alentava, que depois com boa cura viveu. Aqui disse Antonio Moniz: «ah senhor Luiz de Castro, parece-vos que são boas hortas de Alvalade estas!» ao que Luiz de Castro respondeu, que para o tempo tão boas eram aquellas como as de Alvalade, de modo, que estando tão rodeados de mortos, e esperando elles irem pelo caminho dos mesmos, diziam ditos e graças como se estivessem nas hortas em que fallavam. N'este tempo subiu ao cavalleiro Gomes Freire, fidalgo de mui grande esforço, a quem verdadeiramente se podia encommendar qualquer importante negocio de guerra, por seu grandissimo cuidado, e vigia, e boa diligencia. Ao tempo do repique, chegou D. Antonio d'Almeida: este mancebo vinha apressurado, e corrido por se não achar no cavalleiro, e porque então a gente se retirava do fogo quiz elle fazer força aos muitos que vinham recuando, e empurrado dos primeiros foi derribado do muro abaixo, altura de trinta palmos, e como estava armado, e cahiu de costas, teve-se por milagre não arrebentar como arrebentou um cavalleiro que cahiu sobre elle, mas o esforçado mancebo se desembaraçou debaixo do morto, e com o impeto deitou mão á espada, e uma

rodella embraçada subiu por outro logar ao cavalleiro, onde do fogo foi algumas vezes levantado, e lhe deram muitas pedradas e zagunchadas, de que Nosso Senhor o guardou como da queda. Fallo tantas vezes nas pedradas, por que se hade saber que todos aquelles bodreiros, que cá chamamos gastadores, ao tempo da peleja atiravam todos com grossas fundas que deitavam pedras tão grandes que o homem em que davam, se o tomavam desarmado, o derribavam, e eram as pedras tantas, e em tanta quantidade que parecia que choviam, e era cousa que mais espanto punha aos do baluarte, que todas as outras invenções de armas, porque davam logo trez, quatro pedras em um homem, que redondamente o derribavam, e a não estarem muito bem armados, muito mais gente se matára com as pedradas que de arcabuzadas. E em toda a distancia de tempo que o combate durou, que foram quatro horas, estiveram dois frades de S. Francisco com um crucifixo levantado contra os mouros, que dava muito esforço, e animo aos christãos para pelejarem sem nenhum temor, nem receio, e muita confiança. E emquanto aconteciam estas cousas no cavalleiro, estavam nas estancias de Nuno Fernandes de Magalhães e Vasco Fernandes Homem alguns fidalgos, e criados d'El-Rei, e cavalleiros da terra postos de joelhos esperando quando por ali entrariam os mouros, por ser lugar mais aberto, e aparelhado para entrarem, que outro nenhum, mas como na estancia de Vasco Fernandes Homem estavam os arcabuzeiros de João de Mendonça mui destros, e valentes homens, que atiravam com tanta pressa e ordem, nunca os inimigos ousaram entrar por logar tão aberto, e chão. Aqui esteve

Vasco da Cunha, Antonio Carvalho, Vasco Fernandes Homem, Ruy Dias de Souto Maior, João de Sousa, João de Teive, e outros muitos, onde Fernão Vieira disparava as lanças, e bombas de fogo nos mouros, com que os afastava, e elles o serviam com muitas pedradas e arcabuzadas, com que mataram dois arcabuzeiros nossos, e todos os fidalgos que ali estavam se tinham por mortos por terem suspeita que aquelle lanço do baluarte estava minado, porque os dias antes picavam os mouros por baixo, e metiam celhas dentro, que se podia presumir serem de polvora. Aqui aconteceu entre outros um caso estranho, que estando Vasco Fernandes Homem com uma mão posta sobre uma pipa lhe meteram um pelouro de arcabuz por entre a manga da camisa e a carne até o sangradouro sem lhe fazer mais que um pequeno vergão, de que todos se maravilharam. Tambem aqui deram uma arcabuzada a Ruy Dias de Castro, de que esteve propinquo á morte. Tambem deu um pelouro de uma bombarda no cavalleiro, e cahiu sobre Nuno Fernandes de Magalhães sem perigar; assim como Deus guardou este, guardou outros muitos que estavam no cavalleiro; porque estando no muro duas bombardas assestadas e apontadas ao cavalleiro, carregadas com pelouros, e dados para se em tal caso succedesse que os inimigos entrassem disparassem as bombardas n'elles, veiu um soldado, bisonho e desatinado, com grandissima pressa a pôr fogo ás duas bombardas, e, se não fôra Vicente Carvalho que estava presente que lhe tomou o morrão, o desastre se effeituava, onde ao menos poderam ser mortos mais de cem fidalgos, e cavalleiros. E tornando ao combate, no principio d'elle,

João Riscado, esforçado cavalleiro, que do principio do combate perseverava na peleja e defensão do cavalleiro, entendeu que detraz do parapeito, junto á estancia de Nuno Fernandes de Magalhães, estavam alguns mouros escondidos, porque muitas vezes via d'aquella parte levantar braços, e arremessar dardos, e como entendeu o que suspeitava, lançou com grandissimo perigo de sua pessoa a cabeça, e viu como estavam juntos alguns inimigos, e logo pediu uma panella de polvora, e acaso lhe deram uma jarra d'ella, a qual quebrou, e acesos os murrões a deitou entre os mouros, com que os queimou, de modo que nunca mais ali tornaram, mas em recompensa lhe deram uma arcabuzada na cabeça, que ao soslaio lhe fez uma perigosa ferida, e assim lhe deram outra de zaguncho, e muitas pedradas, tão furiosas, que dando-lhe na cabeça que tinha armada o faziam tornar a traz, e torcer o rosto sobre as costas o que poucos homens poderam soffrer, mas como era dos forçosos homens d'aquelle tempo, com força e coração esperava taes golpes, e assim pelejou até se não poder ter, do que lhe foi forçado ir-se a curar, e em seu logar subiu Pero Carvalho, que logo foi queimado de mãos e rosto que não via cousa alguma. Que diremos de Pero de Goes, que estava na sua estancia, mandando atirar a sua bombarda, a qual deixou com a grandissima furia com que um nobre e esforçado coração arrebenta nas injurias recebidas? E com esta arremeteu ao cavalleiro, onde do fogo e pedradas foi algumas vezes derribado, e dando-lhe uma pedra na face o derribou, saltando-lhe a cellada da cabeça que elle tomou, e levantando-se com presteza, pelejava muito esforça-

dissimamente: logo lhe deram outra pedrada na cabeça com que o derribaram, e d'esta, perdido o sentido, andava pelo chão por entre as lanças quebradas, e dos pés enlameados da muita grande quantidade de agua que tinham deitado para contra o fogo. D'esta se não poude levantar, e se o não ergueram muito depressa, ali acabara os seus dias, pizado da muita grande multidão de gente que no baluarte estava.

N'este tempo Sebastião de Brito estava na porta do mar, que lhe era encommendada por ser homem muito esperto e valoroso, de que se podia fiar tal cargo, como era o que tinha que era mui importante. Pois estando este fidalgo recolhendo as munições que dos navios vinham, vieram a elle correndo alguns homens muito espantados, dizendo que o cavalleiro fôra dos inimigos minado, e eram queimados quantos n'elle estavam, e que já estava entrado dos mouros, mas Sebastião de Brito estava tão indignado com tal nova que cerrou a porta reprehendendo-os com palavras mui injuriosas dignas de quem elles eram, e se foi com mui grande pressa ao cavavalleiro onde subiu, e se encarregou das alcanzias de polvora, que foi mui grande causa de não haver mais nenhuma desordem, e chegando ao espigão ante o parapeito tomava as alcanzias, e, quebrando-as, as dava a Nuno da Cunha e a Fernão Rodrigues, que as deitavam aos alferes das bandeiras dos proprios nossos inimigos com que os queimavam, do que vinha remudarem-se muitas infinitas vezes. Ali foi muito ferido Nuno da Cunha, e queimado, estando ainda a batalha em pezo, pelejando uns e outros com mui grandissima pressa, pediu Pero de Goes que vies-

sem arcabuzeiros que assentou onde lhe pareceu, fazendo-lhe mui grandissimas promessas, os quaes começaram a derribar nos alferes dos inimigos com tanta pressa que, não podendo já soffrer tantas mortes, desampararam a praça, e com toda a pressa possivel se desceram vencidos e tristes, e, como foram nas suas trincheiras, dispararam toda a sua artilharia, com que mataram um só homem que muito valente e esforçadissimamente tinha pelejado aquelle dia. Ao qual levou um pelouro a cabeça fóra dos hombros muito longe, ficando o corpo em pé por um pequeno espaço. Acabado o combate ficaram uns e outros tão surdos e quebrantados, que bem se mostrou o damno recebido, e a cauza que para chorar os mortos tinham, e posto que a victoria foi dos portuguezes, perderam alguns esforçados fidalgos, e valentes cavalleiros dignos de eterna memoria, que se deviam muito sentir. Eu não poderei deixar de fazer n'este logar, que coração de pedra haverá em humano peito que soffra com piedosos ouvidos as mortes de tão esforçados, e valentes fidalgos, e cavalleiros, que não rompa em lagrimas com Jeremias pedindo a sua cabeça uma fonte de agua para chorar, não a destruição dos muros de Jerusalem, mas os esforçados portuguezes, que de tão terriveis mortes, dadas d'aquelle infernal artificio inventado da malicia do demonio! Basta que nunca o inimigo do genero humano iuventou mais apressurada e desapiedada invenção de morte do que foi esta dos tiros e artificios de polvora, que de um trato, e em um momento aparta a uma alma de um tão amado corpo, que ainda áquelles que por virtudes, e graça de Deus tem certa a sua gloria, tão caro é o apartamento. Assim o disse o glorioso

S. Paulo, se ser podesse não queriamos ser despedidos d'este corpo peregrino, mas desejavamos vestirmos sobre elle o habito da gloria. D'este genero de morte de artilharia morreram os que tanto custaram a suas piedosas mães, que não tiveram tempo de se despedir de seus amados parentes, nem de pedir remedios de nossa salvação, mas como os virtuosos e catholicos christãos entram nas batalhas armados da fé de Christo, cumprindo os saudaveis mandamentos da santa madre egreja, de crêr é que estam na gloria com os santos, pelo qual respeito se não devem chorar os christãos que morreram nas guerras feitas contra infieis, porque bemaventurados são os que morrem no Senhor. Assim o entendeu o mui prudente fidalgo Lourenço de Sousa, que não fez extremos por seu amado filho Martim Vaz de Sousa, mas mandando-o a rainha consolar a elle e a sua mulher, responderam que elles estavam muito consolados, porque Martim Vaz morrera em serviço de Deus e d'El-Rei; que o filho herdeiro que lhe ficava estava prestes para ir servir sua alteza em Mazagão, ou em qualquer parte que El-Rei fosse servido. O mesmo aconteceu a Bastião de Macedo fidalgo virtuoso que tomou com muita paciencia a morte de seu filho herdeiro Jorge de Macedo, cavalleiro de muito preço, e valentia. Assim aconteceu á muito honrada e virtuosa Izabel de Avellar, a quem no animo nenhuma lacedemonia fez vantagem, quando a rainha a mandou visitar e consolar pela morte de seu filho Jorge Nunes de Lião, a qual respondeu que já lhe tinham nas guerras da India mortos quatro filhos, que muito a quebrantaram, e muito mais este que muito amava, mas que ainda lhe ficava

outro que era sua derradeira consolação, o qual ao presente estava fazendo prestes para mandar a Mazagão em serviço de Deus e d'El-Rei. Isto não consentiu a rainha, mandando-lhe dizer quanto lhe agradecia seu tão honrado offerecimento, o qual lhe satisfaria com assignaladas mercês; como logo mostrou, por que vagando umas principaes casas por morte de Jorge Nunes de Lião, e pedindo-as um fidalgo muito privado lhas negou, dizendo que Jorge Nunes não era morto, nem o seria jámais diante dos reis de Portugal para d'elles receber mercês. Pois tornando ao combate, no fim d'elle, já quasi noite, onde o general estava armando cavalleiros a alguns que o queriam ser, aconteceu um caso muito gracioso, e digno de se saber para escarmento de outros muitos que já póde ser, que corridos e avisados d'este, e outros muitos que aqui conto, não commettam baixesas em logares tão publicos. Foi que um mancebo bem disposto, e muito melhor armado, rico, que em cousas de gastos se avantajava dos outros homens, o qual no fim do combate se armou logo cavalleiro, e como amanheceu logo determinou embarcar-se, ou por amor de sua mulher com que devia de ser casado de pouco, que é honesta desculpa, ou por temor de outro tal dia como o passado; finalmente se foi á porta do mar, onde então fazia a guarda Sebastião de Brito, o qual, como viu o mancebo querer-se embarcar lhe disse não podia ir-se com armas, que deixasse a celada, a qual era guarnecida de seda e ouro: o mancebo desconfiou, dizendo que chegava ao navio por dinheiro, que logo tornaria, o que lhe não valeu com Sebastião de Brito, porque era homem que se não enganava de ligeiro, assim que

visto que o não deixavam ir deu a celada, e querendo-se partir lhe foi pedida a espada dourada que elle tambem deu, e o que mais é de notar que um soldado que estava presente fingiu que elle lhe devia certo dinheiro, de que o mancebo se esconjurava que tal dinheiro lhe não devia, mas como o navio estava para partir por não ficar em terra lhe foi forçado pagar o que não devia, e dera muito mais por se vêr fóra do perigo que já tinha experimentado, e não se pode querer, que nenhum homem faça cousa tão vergonhosa senão por amores, os quaes sujeitam tudo a si, e é verdade que houve outro homem tão saudoso e namorado de sua dama, que se lhe fôra possivel passar a nado para a ir vêr o fizera, tanto cega o sentido este a que todos chamam cego, obrando varios effeitos nos que por seu respeito são cegos, por que uns perdem a vida em muito grandissimos perigos por suas damas, e outros por ellas as poupam, o que não fazia D. Diogo Manuel, mas antes quando lhe davam as bombardadas no cavalleiro, onde estava depois que se alimpava da terra, que sobre elle com muito grandissimo perigo cahia, dizia que por amores de sua dama soffreria muito maiores trabalhos, e considerando isto a muito discreta rainha D. Izabel de Castella, quando el-rei D. Fernando seu marido foi cercar a cidade de Granada, foi ella tambem ao cerco levando comsigo todas suas damas, por cujo respeito os fidalgos fizeram mui grandissimos feitos de armas contra os mouros, trazendo a suas damas as cabeças e despojos dos que venciam, o que se conta por cousa muito virtuosa. Acabado o combate, sobreveiu a noite muito triste, e escura, e surda, sem folias nem trombetas, o que

de antes todas as noites se fazia ao contrario, o que considerado por um soldado velho que estava de vigia lhe pareceu que em tal tempo se devia mostrar maior alegria que as noites passadas para entristecer os inimigos que tambem estavam surdos, e ao tempo de mudar as guardas não tangeram seus tambores, como o tinham de costume, e deixando este soldado a vigia encommendada aos que estavam com elle se foi a Luiz de Castro, que estava na sua estancia dormindo armado e quebrantado, ao qual disse que por não cuidarem os mouros que estavamos mais vencidos, que vencedores, devia sua mercê logo mandar chamar sua folia para festejar sobre o muro; que vissem os inimigos que estavamos victoriosos, e os despresavamos; o que logo Luiz de Castro poz por obra, mandando chamar sua folia, com que bem se festejou todo o quarto da modorra, e parte d'alva, e no fim se recolheu a dormir. O mesmo fez com João Rodrigues de Torres que estava na sua estancia, tambem dormindo armado, que logo se levantou, e mandou os seus trombetas ao baluarte, onde tangeram alegremente, e assim foram por todo o muro tangendo, o que fizeram até que queria amanhecer, que os trombetas do general começaram a tanger como o tinham de costume, e tanto que amanheceu tornaram os da fortaleza a pôr-se em armas esperando o segundo assalto, que logo lhe pareceu que se desse, e como viram que os mouros trabalhavam na sua trincheira que nossa mina abaixou, tambem se pozeram ao trabalho com grande diligencia, reparando o cavalleiro, e o mais que parecia que convinha. Esta diligencia faziam os homens fidalgos, e cavalleiros, os quaes não sómente pelejam nas guer-

ras, mas servem de gastadores e trabalhadores como os mais robustos homens, que de trabalho se acham; uma das finezas que os portuguezes nobres tem muito para estimar, e blasonar com grandes louvores.

CAPITULO XV

De um conselho que se na fortaleza teve se sahiriam a dar assalto nos inimigos, e do que mais aconteceu.

Aos vinte e seis dias do mez de abril, se tomou conselho sobre se sairiam fóra a dar nos mouros, que com grandissima pertinacia, e desprezo batiam o muro picando debaixo da estancia de Nuno Fernandes de Magalhães, o que muitos não soffriam tomando cada um por sua aquella affronta, assim que juntos em conselho houve muitos votos que saissem por o logar por onde os mouros subiam, e que dando-lhe de improviso a hora de meio dia se faria uma boa jornada, e poderia succeder que ganhassem a trincheira e artilharia, e, quando assim não fosse, reconheceriam se os inimigos minavam o baluarte por haver suspeita que todo estava picado, e por esta causa no conselho se affirmava que podiam sair fóra, e porêm que seria pela baixamar de noite pela parte do norte com uma encamizada de quinhentos homens, e se estes viessem

defronte do logar do combate sairiam outros quinhentos arcabuzeiros por a porta do mar contra os bastiões dos mouros, e assim todos juntos com grande estrondo de trombetas se faziam senhores do bastião e trincheiras, e poderiam encravar a artilharia ou derribal-a na cava. Este conselho estava mais posto em razão julgando a causa de dentro da fortaleza, mas a verdade era que se saiam por qualquer via todos se perdiam, porque se tomassem a trincheira e o bastião que estava junto á cava, ficavam-lhe dentro outras trincheiras muito, altas, e fortes com artilheria que estava assestada ao muro, com que podiam matar a gente que estivesse no bastião, e se quizessem passar estas primeiras trincheiras todos se perdiam nas muitas cavas, valos, e traveses, que os mouros tinham nas suas estancias. Assim que Deus desviou este conselho, e não quiz que houvesse outro senão o da sua misericordia, como o fez com el-rei Ezechias quando lhe mandou dizer por Isaias propheta, que não temesse a multidão dos assirios, que sobre Jerusalem estavam, porque pelo caminho que vieram por elle tornariam, e que elle guardaria a cidade por amor de si, e de David seu servo, o que se cumpriu em Mazagão, que guardou Deus a fortaleza por honra da sua fé, e das muitas orações dos seus fieis, e aconteceu que por o caminho que os mouros vieram com grande soberba, por o mesmo tornaram vencidos, e destroçados. Esta noite de conselho saiu Izidro d'Almeida por a mina do baluarte, e viu o que os mouros faziam, e fallando em castelhano aos que estavam de guarda, lhe disse, «ah cavalleiros, parece-vos que estaes seguros», e logo se recolheu. Outra noite saiu pela mina Cleo

Fasgil muito esforçado, e viu o que faziam os mouros da guarda, os quaes dormiam de modo que podera matar um par d'elles, mas muito caladamente subiu pela sua estrada, e veiu ter ao nosso baluarte, o qual deu tal sobresalto aos nossos, que vigiavam que appellidaram arma! arma! e houve repique á meia noite que acudiu toda a gente da fortaleza, onde o general mandou que se tivessem no canto do baluarte por não ser a praça de madeira, e assim se cumpriu, por que D. Diogo de Menezes, e Sebastião de Brito com o comedimento de bons fidalgos não quizeram passar a diante, o que foi exemplo para que toda a outra gente não passasse, e, visto o que era, se tornaram ás suas estancias. A outra noite seguinte se offereceu Gaspar de Medeiros, mui determinado mancebo cavalleiro de Mazagão, o qual disse ao general que elle sairia fóra a vêr todas as obras que os mouros faziam, de que o general se alegrou, e lhe deu logo licença parecendo-lhe que faria o que dizia, e saindo fóra pela mina viu largamente o que queria, e se tornou com a informação ao general, o qual não ficando satisfeito o mandou outra vez fóra, o que o valente mancebo não duvidou, e tornando fóra tomou um feixe de lenha dos inimigos, com que cobriu a cabeça, em que trazia uma arcabuzada do combate passado, e subiu na trincheira dos mouros e viu o que faziam, e o em que fallavam, com que logo tornou ao general que se teve por satisfeito.

Havia n'este tempo na fortaleza grande trabalho em alevantar os repairos que sobrelevassem os dos inimigos para que, senhoreando suas obras, ficassem as nossas superiores, e com vantagem, e por esta causa cada um imaginava algum ardil. N'esta

investigação de novos ardis era Christovam da Cunha muito occupado, e um dia, passando pela pousada de Antonio Coelho capitão de uma companhia, lhe disse que fossem vêr se achavam modo de damnificar os inimigos, e chegando sobre a porta da villa, se subiu sobre umas pedras estando Antonio Coelho de traz sustentando-o, que não cahisse. N'este tempo dispararam os mouros uma bombarda que deu na muralha que logo caiu sobre o dito Christovam da Cunha e Antonio Coelho, que logo morreu, e Christovam da Cunha que estava enterrado debaixo da muita pedra, que foi desenterrado meio morto, e levado em braços á sua pousada, de que depois esteve muito tempo que se não movia de um logar, e para o moverem de uma parte a outra era com grande resguardo, por que todo o seu corpo foi moido, e pizado. Havia dois dias antes que se tomara com elle e com um italiano conclusão em fazer um travez de madeira sobre a praça do baluarte, o qual se deixava de fazer por sua ausencia, e sabido de Christovam da Cunha se fez levar ao muro em uma cadeira, e fez dar principio á obra que era muito necessaria. Ao outro dia, parecendo-lhe que estava são, se foi ao baluarte Santiago para ordenar algum modo de damnificar os inimigos, e passando por entre umas pipas lhe deram uma pellourada de arcabuz na cabeça que lhe passou o chapeu e o barrete dobrado na testa, rapando-lhe o cabello junto ao casco da cabeça, da qual arcabuzada caiu no chão onde acudiu seu irmão Vasco da Cunha, que lhe tinha dito que não passasse por ali, o qual disse «mataram-n'o», «mataram-n'o», ao que elle levantando-se tornou a dizer: «não mataram», «não mataram», e assim se

tornou para a pousada, onde do ar que lhe deu sobre a pizadura, tornou a recair, de que esteve alguns dias tolhido, como fica dito.

CAPITULO XVI

De uma saida que fez por mar Pero Paulo, esforçado capitão de uma galé, e do aviso que se teve do segundo combate

Ao outro dia, que foram vinte e oito de abril, Pero Paulo, capitão de uma galé, homem de grande esforço, e ditoso em muitas emprezas que honradamente emprehendeu contra mouros, pediu licença ao general para tomar lingua dos inimigos que então muito importava, e havida a licença tomou comsigo em um batel Domingos Gonçalves, Pero Fernandes, Gaspar Pires, Antonio Ferreira, Manuel Real, João Domingues, Domingos Fernandes, Belchior Gonçalves, Francisco Martins, homem pardo, todos valentes homens de Mazagão, com os quaes ante-manhã se foi contra Tite, cidade deserta, e meteu o batel em uma calheta, e elle com os cavalleiros e soldados se poz em salto junto ás tendas do alcaide Safim, e como amanheceu veiu por aquella parte um mouro de cavallo, e chegando ao mar para se

lavar poz os olhos no ceo contemplando as estrellas e a manhã, no qual tempo arremeteram a elle, e o abarcaram sobre o cavallo, e encarando-lhe um arcabuz aos peitos ao que não fallou palavra, e logo o tiraram da sela sem rumor e o metteram no batel, ao que acudiram alguns mouros a tempo que o batel estava de largo, d'onde atiraram uma arcabuzada ao cavallo, que dando um pequeno gemido caiu morto. Chegando Pero Paulo com esta ditosa preza, toda a gente da fortaleza foi sobre elle, do que o mouro muito se espantava, porque em lugar estreito os homens armados fazem corpo de muita gente. Este mouro foi perguntado por muitas vezes e sempre disse uma cousa, e era que ainda os mouros dariam outro assalto, e que se não tomassem a fortaleza não dariam outro, porque se partia a gente uns a suas searas, e outros fugindo aos perigos e fome que entre a gente miuda fazia terrivel guerra. Esta mesma noite correu um raio, ou refulgente cometa de sobre a fortaleza contra Azamor, o qual era muito largo e espantoso, que viu muita gente, de que muito se maravilharam. N'este tempo se fazia o nosso travez de madeira sobre a praça do baluarte, porque os inimigos levantaram tanto sua obra que nos foi forçado egualar com elles. Já d'antes Izidro d'Almeida e Domingos Pereira muito a seu perigo tinham levantado sobre a ameia do muro um reparo de faxina e terra que custou a vida a um homem, mas sem embargo do perigo se levantou para reparo dos arcabuzeiros que ali fizeram guerra no segundo combate como o fizeram no primeiro no travez de pipas (como fica dito). Este mesmo dia deram os mouros uma grande bataria de bombardas no cavalleiro, e baluarte com que derribaram

muita da muralha. Estavam então de guarda Francisco da Cunha, e Pero Zuzarte, e seu irmão com outra gente, e assim Lourenço Marques, que com algum perigo andava reparando com sacos de terra um portal que com a artilheria se abriu, e levando um forçado sacos de terra um pelouro de bombarda matou o forçado que Lourenço Marques tirou pelos pés e o cobriu com um seirão, e tomando elle só o saco de terra o arrimou ao portal, que n'aquella sezão era alvo dos arcabuzeiros turcos. Achou-se n'esta briga João Picouto, um muito valente e esforçado cavalleiro, que não trazia outras armas senão um cesto com que acarretava terra, e pelejando com alcanzias deu uma bombardada no reparo, que matou um homem, e dando-lhe o impeto da terra e madeira, caiu como morto. Logo Ambrozio d'Aguiar o cobriu com um seirão, e tornou a reparar o damno que fez a bombarda, pondo elle e outros os pés sobre João Picouto que tornou em si, e levantando-se com mui grandissima furia como homem desatinado perguntando, porque o cobriam com seirão como morto, e injuriado de estar tanto tempo amortecido tornou com cólera a deitar alcanzias de polvora nos inimigos em vingança da bombardada de que o Deus guardou. Este cavalleiro era notado na fortaleza de muito denodado, porque se arremessava aos maiores perigos desarmado sem nenhum temor, que muitas vezes lhe custava caro. N'esta conjuncção estava na mina de cima Miguel Pestana, que ficou enterrado na mina, e dizia que não soubera quem o tirára debaixo da pedra d'onde saiu muito pizado. Tambem se achou n'esta bataria Duarte Luiz, esforçado cavalleiro, que andava desarmado, e por rodella uma cortiça, que com seu bom cora-

ção lhe servia de arnez dobrado. D'este cavalleiro se podera fallar mais largo, porque foi homem que em todos os logares mais perigozos o achavam, ou enterrado debaixo de pedras e terra, ou pelejando com alcanzias de polvora. Tambem andava desarmado com um cesto na cabeça Simão Pires, que em todos os perigos e combates se mostrou muito esforçado. Um d'estes dias vieram ao cavalleiro tanto numero de abelhas que faziam admiração: isto foi notado d'aquelles que então tinham a guarda de aquelle dia que o contavam como grande maravilha. Estas abelhas se levantaram todas juntas, e caminhavam para contra Azamor, e sendo o vento muito contrario seguiram seu caminho que levavam sem torcer a nenhuma parte. Tinha dantes escripta uma carta um elche castelhano, e deitada na fortaleza atada em um chumbo, da qual carta a substancia era que os mouros queriam dar o assalto á sexta-feira o primeiro dia de maio, que pelejassem como liões, pois que o eram, que o fizessem como no primeiro combate que venceriam os inimigos que estavam temerosos. Isso tinham determinado os mouros, e assentado em conselho, mas como viram que chegava soccorro, determinaram-se á quinta feira antes por não pelejarem com a gente de sete navios que então chegavam. E Pero Mariz diz em seu livro que a rainha determinou mandar vinte mil homens de soccorro, e emquanto se ficavam fazendo mandára diante Francisco Barreto, que foi governador da India, com uma armada de quatro mil homens, em a qual ia o galeão S. Sebastião que trazia trezentas e sessenta peças de artilheria, da qual armada chegaram á fortaleza oito navios, e que os mouros com esse receio deram logo o assalto, antes

que a gente da armada desembarcasse, o qual teve muito fraca informação, porque nem a rainha determinou mandar tal soccorro, nem Francisco Barreto foi com tal armada, mas a verdade é que foram os sete navios de que arriba fiz menção, em os quaes chegou Francisco Henriques com duzentos e cincoenta soldados, e alguns fidalgos que a rainha mandou de soccorro, assim que o derradeiro dia de abril em amanhecendo se pozeram todos em ordem para esperar o combate como faziam os dias antes, e no cavalleiro se teve melhor ordem que no combate passado, porque não subiram senão certos homens, e alguns arcabuzeiros, de que no combate primeiro houve muita grandissima falta, e estando esperando quando os inimigos subiriam passante das onze horas deu signal um trombeta que estava no baluarte S. Pedro, que a cada mouro que subia fazia um signal, e a estas horas fez muitos signaes, e mettiam-se debaixo do muro, onde tinham cavado, logar em que cabiam alguns homens, mas como os mouros estavam juntos com as bandeiras despegadas, e mostraram escadas como que as determinavam arrimar ao muro, mostrando quererem dar assalto por todas as partes, teve-se por certo o assalto, que logo se deu pela ordem seguinte.

CAPITULO XVII

Do segundo assalto, e do que mais aconteceu.

TINHA neste dia a guarda do cavalleiro Luiz de Faria um fidalgo de mui grandissimo esforço e valentia, e tão fragueiro que nenhuma cousa se fez nesse cerco, assim de trabalhos como de vigias e perigos em que se elle não achasse, tornando sempre ao baluarte S. Pedro, que era sua estancia, donde por seu bom esforço e diligencia receberam os inimigos notavel damno, que lhe não custou pouco de sua fazenda, que com os bombardeiros gastava, pois estando este fidalgo na guarda do cavalleiro com sua companhia, e Sebastião de Brito, Manuel Rodrigues de Freixo, Gaspar Leite, Artur de Brito, e outros que ao todo seriam dezoito, pareceu-lhe que já os mouros por aquelle dia não viriam combater por ser já tarde, e a maré já cheia que era o mais final que se poderia ter dos inimigos não polejarem, e por esta cau-

sa todos se queriam ir a jantar, porque era tempo de mudar as guardas, mas Manuel Rodrigues de Freixo, cavalleiro de muito recato, olhando por entre umas pipas, viu estar junto ao bastião dos mouros toda a sua cavallaria, que estava ouvindo alguma falla ou sermão que os cacizes costumam fazer. Isto entendido, disse a Gaspar Leite que visse como os inimigos estavam promptos e calados, que se não fossem jantar até não verem em que parava aquelle silencio, e estando ainda praticando deram os mouros uma grandissima grita no fim da falla do caciz, e logo dispararam o seu tiro maimona, rompendo o parapeito de dez palmos de largo, que matou tres soldados e Bastião da Silveira, abrindo no parapeito um portal de dez ou doze palmos de largo, e como os mouros dispararam sua artilheria subiram com tres bandeiras de cores, uma dellas amarella descompassada de grande, e com sua tão costumado grita deitaram no cavalleiro muito maior tempestade de fogo que no combate passado, por terem entendido que aquelle modo de pelejar era com que mais crua e terrivel guerra faziam, de modo que deitaram panellas de polvora, e sevadeiras, e camisas, sapatos cheios della, com que abrazaram toda a praça do cavalleiro, e os que estavam dentro n'ella, e não sómente usavam d'esta manha, mas deitavam muita polvora solta para alimentar o fogo. Vinha com este ardil um mouro com um saco de polvora rolando o sacco pela estrada acima para d'ali o deitar aos punhados no cavalleiro. Tambem esta era boa cegueira e desordem, e visto de Duarte Barreto, cabo de esquadra do capitão Fernão de Castro, pôz fogo a uma bombarda, e com ella pelo portal do parapeito investiu

o mouro que tão ignorantemente diante de si trazia sua morte, e assim ardeu o saco da polvora, e o mouro que o trazia com outros que juntos estavam, ao que deram uma grandissima grita, e os mouros outra; juntamente tornaram a deitar muito mais polvora daquella tempestade. Toda a mór parte da gente se retirou, e os arcabuzeiros que em lugar seguro estavam se deitaram a baixo com agrão forçado fogo. Neste tempo tocaram a repique com mui grandissima pressa, e os tambores e trombetas tocavam e tangiam com muito grande pressa sem cessar, de modo que isto junto com o estrondo da artilheria e arcabuzeria e a grita da gente era cousa muito. espantosa, e tal foi o estrondo da artilheria que houve homens que por muitos dias nenhuma cousa ouviam, tão surdos ficaram do grandissimo estrondo. Antes de começar o combate estava o vento sul, e havia dias que cursava. Este vento era contra a fortaleza em tempo que toda a batalha havia de ser de fogo que todo o seu fumo e flamma estendida nos portuguezes com que os segurava, e o fogo podéra queimar a faxina de que estavam feitos os reparos no baluarte, a qual com o grandissimo sol estava tão seca que muito facilmente prendera o fogo nella desbaratando os arcabuzeiros do travez de madeira que todo estava cercado de lenha, mas nosso senhor que favorece nas móres pressas aos seus, rodeou o vento em pouca distancia de tempo que se tornou contra os inimigos, de sorte que todo o damno que os christãos houveram de padecer cahiu sobre os mouros, e verdadeiramente que este foi um grandissimo milagre á vista de todos, que bem incredulo será aquelle que o negar, assim que ao tempo da batalha o fumo desatinou os mou-

ros, por onde não viram o portal feito no cavalleiro, e os poucos que o defendiam. Já a nossa gente tornava a subir muito determinadamente, e os primeiros que subiram foram Diogo de Vasconcellos, e Domingos Pereira, Manuel Rodrigues de Freixo, que tinha cahido a baixo com a furia e impeto da polvora, e assim Gaspar Leite, João de Sousa, Diogo Moniz, Simão Alvares da Cunha, que foi muito queimado. E logo subiram outros muitos, onde deram ao sargento de João de Mendonça uma pedrada com que lhe lançaram os miolos pelos ouvidos fora, a quem não valeu a celada que em meio lhe guardava a cabeça, e o mesmo capitão João de Mendoça pelejou muito valentemente, e assim o fez Fernão Ortiz, Gaspar Leite, Francisco Ferreira, Francisco de Bairros, Vasco Fernandes Homem, Antonio Soares, Francisco de Moura, Antonio Botelho, Ruy Dias de Souto Maior, Jeronymo Botelho, capitão da armada, que foi ferido, e queimado, e assim foi Luiz Pestana, que foi muito mal ferido, e Martins Fernandes, muito valente soldado, e queimaram Jorge Prego, e feriram de zanguchadas, e estando-se curando em sua casa lhe deram pela janella, outra de pellouro perdido em uma perna, e assim feriram outros que não vieram á minha noticia. Pelejaram neste combate os fidalgos que no primeiro assalto fizeram prova de suas pessoas, dos quaes aqui não farei menção, salvo dos que queimaram e foram feridos: o primeiro foi Sebastião de Brito, que com muito esforço tornou a seu costumado jogo das alcanzias, onde lhe queimaram o rosto e mãos, e tambem foi queimado mãos e rosto o adail Francisco de Figueiredo, esforçado cavalleiro que se poz no portal que a bombarda abriu, e dali defendia o que não via com os

olhos que os tinha cegos e queimados, e estando em tal logar lhe deram uma forte pedrada, com que o derribaram, e andava debaixo dos pés tão pizado que o poderam matar; dali o levaram a sua pousada donde guareceu, assim da vista, como do mais. Tambem foi queimado D. Pedro de Menezes de alcancias quebradas, e algumas vezes as deitava nos inimigos, e assim mesmo pelejou Gomes Freire junto ao parapeito, o qual foi queimado, e assim o fez segunda vez Miguel Pestana que com bombas, e lançar de fogo pelejava onde o queimaram, e juntamente Fernão de Reboredo. E aconteceu neste combate um grande desastre a João de Mello, esforçado fidalgo do Algarve, o qual, saindo ferido e queimado no fim do combate, se recolheu a uma tenda de João Rodrigues de Torres, e estando descançando sobre um catre lhe caiu um pelouro de trabuco sobre os pés, e um delles lhe espedaçou, e do outro lhe cortou ambas as solas da bota como um trinchete, e a ser os pés recolhidos quatro dedos, tiveram que contar ao perigo salva a vida, mas depois alguns dias falleceu do pé de que foi martyrisado, porque na primeira cura lhe cortaram os dedos sobre um almofariz com grandissimos golpes, ao que o esforçado fidalgo não fallou palavra. Neste segundo combate foi ferido e queimado Ambrosio d'Aguiar e Nuno de Brito, e outros muitos, e durante ainda o combate entendeu Izidro d'Almeida que era tempo de dar fogo á mina, que para o segunda assalto tinha feito, vendo os mouros que estavam juntos e apertados sobre a estrada, por onde subiam, mandou dar fogo á mina, a qual fez mor effeito que a passada em que tinha desanove barris de polvora, e por esta causa arrebentou por muitas partes, refi-

nando para cima os inimigos, e sorvendo para baixo outros, o que deu muito grandissimo espanto aos mouros que estavam a cavallo vendo o combate, e virando os cavallos com muito grandissima pressa se retiravam atraz cuidando que onde estavam afastados os alcançaria a mina, e foi tanto o espanto dos inimigos que cessaram de subir, e se o faziam era com temor das mortes que lhe davam seus alcaides, matando com terçados os que não queriam subir. Esta mina, rebentando por muitas infinitas partes, abaixou a trincheira que os mouros tinham feita por reparo de sua estrada, tanto que houve logar por onde a nossa artilheria jogasse. Basta que era maravilha os furiosos tiros cheios de dados, e cadeias de ferro fazendo tal estrago nos mouros que era cousa terrivel e espantosa de ver, porque iam voando pelo ar corpos, pernas, mãos e braços de homens e adargas, e bedens, que muito longe arremessava a furia da polvora de que os inimigos ficaram atonitos e pasmados, de modo que se não boliam de um logar, e se algum muito aventureiro queria soccorrer os seus alferes que estavam em mui grandissimo trabalho eram derribados dos arcabuzeiros e artilharia dos travezes, que muito desembaraçadamente disparavam. Estando o combate nesses termos Pero Paulo foi com mui grande diligente á porta do mar para ir aos navios que então chegavam de soccorro, e p rque a porta estava cerrada, e Sebastião de Brito tinha a chave, e estava no cavalleiro todo queimado, foi forçado que assim como estava fosse abrir a porta, do que se espantavam os que o viam por ir tão disforme que metia espanto. Finalmente que a porta, foi aberta, e Pero Paulo fez logo que todos os bateis que estavam no porto

fossem a bordo desembarcar os soldados. De modo, que o capitão Francisco Henriques juntamente se desembarcou com toda a sua gente a tempo que seria meio combate passado, e quando chegou ao muro foi muito bem recebido com os olhos e a vontade que a tal soccorro, e a tal tempo se pode imaginar, e verdadeiramente pareceu uma das grandissimas aventuras que se contam em livros fabulozos. E porem, sendo esta tão certa e verdadeira, com muito mais ousadia que nos taes livros pintam os grandes cavalleiros andantes. Subiu Francisco Henriques no cavalleiro com sua bandeira levantada onde feriram e mataram alguns homens, e perseverou até fim da peleja. Aqui aconteceu uma muito grande valentia a Hipolito Zuzarte, alferes desta companhia, que assim como vinha desarmado em calças e coura se poz com a bandeira no portal, que no cavalleiro estava aberto, onde foi muito queimado, e teve-se por milagre não o matarem de arcabuzadas que em logar tão aberto davam. Muito se espantavam os mouros em grande maneira, quando viram que a um mesmo tempo pelejavam os christãos em uma parte, e por outra lhe entrava tal soccorro. Isto lhe fez perder o coração, de sorte que já pelejavam mais por cumprimento, que por vontade. Neste mesmo tempo um bombardeiro, que estava no travez de Pero de Goes, fez um estremado tiro na ponta do espigão do baluarte, onde estavam as bandeiras dos mesmos mouros, e levando uma com seu alferes em pedaços, e mais juntamente derribaram os arcabuzeiros as outras, posto que logo foram levantadas, donde os christãos com grandissimo alvoroço gritaram, victoria! victoria! o qual appellido foi tão alegre nos ouvidos dos portuguezes

como triste nos dos mouros, que não podendo já sofrer o combate e morte dos seus, se desceram abaixo com toda a pressa arrastando os pedaços das bandeiras que lhe ficaram nas hastes. Viu-se logo a grandissima perda que os mouros receberam, porque toda a cavallaria que estava á mira do combate se foi tão surda e triste como acontece aos que similhante perda e vergonha recebem. Logo despararam toda a sua artilharia, que nenhum damno fez em nenhuma parte senão em a muralha, com que então os mouros se contentaram muito em grande maneira. Emquanto durou o combate estiveram os dois frades do bemaventurado S. Francisco com o Crucifixo levantado como o fizeram no combate passado, e junto a elles o general, em parte que todos os esforçados cavalleiros podiam ver o Crucifixo, com que muito se animavam para pelejarem muito esforçadamente, como o fizeram, o que não foi muito pois as mulheres o faziam, por que em todo o tempo dos combates, primeiro e segundo, andaram as mulheres velhas e moças servindo com agoas e pedras aos homens que pelejavam, e algumas deixavam os vazos nas mãos dos que bebiam, e arremessavam pedras nos inimigos. Isto não é novo nas mulheres portuguezas, porque muitas vezes se acha pelejarem varonilmente, e uma mulher de Mazagão por nome Paulina Fernandes tomou uma chuça com a qual se poz na escada do muro, e com ella defendia que ninguem decesse abaixo, e aos que subiam com brandas palavras amimava á peleja. O mesmo fez o esforçado Ruy de Sousa de Carvalho, que estando na cama muito queimado se levantou, e posto na escada do muro com uma espada na mão fazia tornar alguns homens que se queriam ir

ás suas pousadas. Tambem se levantou João Riscado da cama, e lhe foi mandado pelo general que se tornasse para casa, o que elle não fez, mas chegando-se a um barril de polvora o repartiu com os arcabuzeiros que haviam mistér, o que lhe custou arejar-se-lhe a ferida, de que esteve muito arriscado á morte. Assim o fizeram outros cavalleiros que estavam feridos e queimados, e se levantaram a pelejar não como doentes, mas como bons portuguezes, e no fim do combate vieram algumas mulheres ao baluarte a bailar de terreiro, onde cantavam algumas cantigas alegres, com que deram a todos muito alivio e contentamento, e acabando estas, vieram alguns homens com guitarras cantando alguns villancetes a seu modo, que os mouros bem ouviam, e fazendo muitas danças até que chegaram as folias e trombetas, que toda a noite tangeram com muito grandissima festa e alegria, dando mui grandissimos louvores a Deus que lhe deu victoria contra seus inimigos.

CAPITULO XVIII

Que trata de como os mouros deram a entender que queriam dar outro combate, e de como se partiram para suas terras.

Ao outro dia, amanhecendo, tornaram os mouros ao trabalho, e os chirtãos a fazer-se prestes para quantos combates lhe quizessem dar, porque já com a experiencia que os homens novos na guerra tinham do primeiro e segundo combate nada estimavam os perigos. Tinham já de antes Isidro d'Almeida e Francisco da Silva feito outra mina tanto dentro nos mouros que se tornaram a dar outro assalto lhe fariam grande damno: nisto e noutras cousas se conhece quanto estes dois cavalleiros foram proveitosos no cerco, e quanto serviço fizeram a el rei. Ao outro dia seguinte cavaram os mouros e desenterraram os mortos que a mina sumiu, e d'ali por diante sempre trabalhavam para nos darem a entender, que ainda tornariam ao combate. O mesmo faziam na fortaleza, porque Isidro d'Almeida se temeu que os

mouros buscariam a nossa mina, avisados dos soldados bisonhos, que do muro diziam que tornassem os perros ao combate que elles cairiam em outra peor mina, que as passadas, e por este respeito ordenou, quando meteu a polvora na mina, deixar de cada barril um cordel que chegava á fortaleza, onde ordinariamente estavam vigiando soldados aos quartos com os cordeis nas mãos, para que, tantoque sentissem bolir ou tocar nos barris da polvora, darem fogo á mina, e queimar ao menos os que andassem descravando os barris, mas os inimigos não tiveram tal cuidado, salvo desenterrar seus mortos e trazer infinidade de lenha com que cobriam suas trincheiras, porque, determinados de se partir, queriam pôr fogo á lenha, para que á sombra do fumo passassem sem perigo, como depois fizeram. Passado este derradeiro combate estiveram os mouros no campo oito dias, sempre trabalhando e desenterrando os mortos e armas que ficaram debaixo da mina, e juntamente atirando muitas arcabuzadas com que feriam e matavam alguns homens na fortaleza, onde o trabalho não cessava de dia e de noite, porque esperavam outros combates, porquanto os mouros de novo com tanta lenha coroavam todos seus reparos. Quinta feira dia da Ascensão de Nosso Senhor pozeram os mouros fogo á sua lenha, que foi notavel cousa de vêr, de cuja flamma sahiam tão grandissimas nuvens de fumo, que todo o campo era coberto, e se o vento fôra contrario a fortaleza houvera grandissimo temor, cuidando que os inmigos vinham á sombra do fumo subir por todas as partes, o que era facil de fazer, mas os mouros, que de antes tinham levado sua artilharia, partiram cubertos com este fumo, e não foram vistos senão no fim das suas trincheiras

contra Azamor, os quaes levavam as bandeiras levantadas e despregadas tremulando ao vento, umas brancas, outras vermelhas e brancas em barras atravessadas, e outras todas vermelhas, de modo que, indo vencidos, se davam a entender irem vencedores. Pois como da fortaleza viram os mouros caminhar lhe deram gritas e apupadas, e despararam do baluarte Santiago uma mui furiosa bombarda, que deu dentro em um esquadrão de mouros com que o rompeu, mas logo os inimigos se juntaram levando os espedaçados, feridos e mortos entre si, e caminhando em ordem levaram o caminho de Azamor, que era o que trouxeram, e a gente de cavallo andou com muito grande diligencia buscando e revolvendo todas as suas estancias por lhe não ficar algum elche escondido, e esta foi a causa por onde se não foram de noite, e no fim de tudo caminharam sem ser vistos por causa do fumo. Aconteceu n'esta partida um desastre que foi ferirem Cleofas Gil, aquelle muito esforçado cavalleiro que saiu pela mina fóra vêr as obras dos mouros, que em todo o tempo do cerco andou desarmado, e na partida dos mouros quiz vêr como caminhavam, onde lhe deram uma arcabuzada no peito que foi a derradeira que os inimigos atiraram, da qual falleceu dando com sua morte tristeza aos fidalgos e cavalleiros da fortaleza.

Morreram em todo o cerco vinte e cinco mil e tantos inimigos, segundo a conta que deram os mouros que se tornaram christãos, e segundo outras informações foram muito mais, e dos christãos falleceram pelejando noventa e oito, e outros morreram de desastres e doenças, que fizeram o numero de cento e dezesete, e feridos e queimados que guareceram foram duzentos e sessenta. Parti-

dos os mouros, se fez uma solemne procissão por toda a villa acompanhada do general e fidalgos e cavalleiros e quatorze sacerdotes cantando o Te-Deum laudamus, e alguns psalmos conforme a tal victoria. Acabada a procissão, se recolheram todos a suas pousadas dando muitas graças ao Senhor pelas mercês que lhe fizera em lhe dar a victoria não esperada do esforço e valentia de suas pessoas senão da grande mizericordia do proprio Senhor, a quem não cessavam de dar graças e louvores, levantando as mãos ao ceo dizendo «bento e louvado seja, Senhor, o Vosso Santissimo, Nome que fostes servido por vossa grandissima mizericordia e piedade dar-nos victoria contra tanta multidão de inimigos da vossa santa fé. Estas e outras exclamações faziam ao Senhor pedindo-lhe se quizesse lembrar das almas dos amigos e parentes, que n'aquella guerra morreram por honra da sua santissima fé, e juntamente com isto passavam o tempo em tratarem dos successos milagrosos que n'aquella guerra succederam, atribuindo tudo ás grandissimas mercês que o Senhor por sua grande piedade foi servido fazer-lhe em tempo de tanta necessidade, o qual por sua santissima mizericordia e piedade se queira lembrar de todos os que n'esta guerra morreram, e a nós nos tenha tão firmes e perfeitos na sua santa fé que de continuo estejamos promptos e aparelhados a morrer por ella. Amen.

CAPITULO XIX

De um desafio que um mouro de Azamor teve com um cavalleiro de Mazagão a par do cerco

PASSADOS alguns dias, vendo os da fortaleza que os mouros estavam já quietos e partidos cada um a suas provincias e terras, determinou Alvaro de Carvalho, capitão geral, com os mais fidalgos e cavalleiros que ao soccorro foram, virem-se ao reino descançar em suas casas dos trabalhos passados ficando por capitão-mór da fortaleza Ruy de Sousa de Carvalho, mui esforçado capitão em Africa, que no cerco foi muito queimado, e assistiu na fortaleza até o mez de novembro, que com licença de El-Rei se veiu ao reino ficando por capitão-mór Francisco de Bairros de Paiva, esforçado fidalgo que a rainha mandou a Mazagão, o qual com quatro companhias de soldados que na fortaleza ficaram, e muito poucos cavalleiros fazia guerra aos mouros de Azamor. Aqui cabe agora dar conta de um de-

safio que um mouro da cidade de Azamor teve com um cavalleiro de Mazagão, o qual não teve effeito por culpa do mouro, mas contarei o successo que é muito para notar. Havia n'aquelles dias na cidade de Azamor uma moura muito nobre, bem aparentada e de bom parecer, a qual namorava um mouro esforçado cavalleiro, e como andando o tempo, proseguindo o mouro seus amores, e a moura lhe não desse vento, determinou contractar com ella quizesse cazar-se com elle, que lhe promettia a cabeça do mais esforçado cavalleiro que houvesse na fortaleza de Mazagão, ao que a moura deu por resposta, que sendo caso que elle tal fizesse, e lhe levasse a cabeça do cavalleiro que em sua promessa dizia, sendo morto pelo esforço e braço de sua pessoa, que em tal caso lhe promettia, e dava sua palavra casar-se com elle, o qual com a resposta de sua dama com grandissimo alvoroço se foi ao alcaide e lhe disse que elle se queria matar com um cavalleiro da fortaleza de Mazagão, e lhe pedia lhe quizesse dar licença para entrar com elle em desafio, e juntamente lhe pedia o quizesse mandar dizer ao capitão da fortaleza, e desafiar em seu nome um cavalleiro dos mais esforçados que na fortaleza houvesse, porque além da honra que esperava ganhar determinava trazer-lhe a cabeça, da qual tinha feito promessa á sua dama. Ouvidas estas soberbas palavras do arrogante mouro, o alcaide com grandissimo alvoroço e brevidade mandou um alfaqueque com recado ao capitão Francisco de Bairros, em que lhe fazia saber que tinha um cavalleiro que se queria matar com outro da fortaleza, que se lá houvesse algum que se quizesse aventurar e sair ao desafio, levaria

muito gosto, e que do proseguido lhe pedia mandasse logo resposta. Pois chegando o alfaqueque ao sitio onde os taes alfaqueques costumam pôr-se quando vem com recados e contractos, que se tratam entre os alcaides de Azamor e capitães da fortaleza, e dando sua embaixada, se achou prezente Domingos Gonçalves, esforçado mancebo que no cerco lhe passaram as queixadas com um pellouro de arcabuz, como na historia atraz se faz menção, o qual logo acceitou o desafio, pedindo ao capitão fosse servido dar-lhe licença para se matar com aquelle soberbo mouro que esperava em Deus lhe daria victoria contra aquelle inimigo da sua santa fé. Ouvidas estas palavras do cavalleiro pelo capitão Francisco de Bairros não ficou menos alvoraçado com o seu cavalleiro acceitar o desafio do que ficou o alcaide com o seu mouro o commeter, e, confiado no favor de Deus e esforço do seu cavalleiro, lhe deu licença, e respondeu ao alfaqueque dissesse ao alcaide que esses poucos cavalleiros que na fortaleza tinha eram taes que cada um por si queria acceitar o desafio do seu cavalleiro, mas que para esse effeito estava prestes Domingos Gonçalves, que os seus cavalleiros bem conheciam, e, que para isso elle podia assignalar o sitio e lugar com as mais condições que entre os desafiados havia de haver. Pois ido o mouro com a resposta se effeituou logo entre o alcaide e capitão o dia e sitio em que o desafio havia de ser, e foi d'esta maneira o contracto que os desafiados se haviam de matar na praia junto á fortaleza, onde os alfaqueques costumam pôr-se, que será um tiro de arcabuz do mesmo logar e sitio onde o capitão havia de estar com sua gente, que com a maré vazia es-

praia o mar mais de quinhentos passos ficando a areia tão teza, e dura que escassamente se enxergam as ferraduras dos cavallos quando por ella correm, e ali se haviam de fazer dois riscos em espaço de cincoenta passos, dentro do caes se haviam de matar os desafiados, e não levariam mais armas offensivas nem defensivas, que em cima de seus cavallos com suas lanças, e espadas, nem levando sobre si arma alguma defensiva, e que o alcaide poderia vir com sua gente, e pôr se á vista do dito desafio, e depois dos desafiados se encontrarem um contra o outro não poderiam sair-se cada um de seu risco retirando-se cada um de seu contrario, porque em tal caso o que fóra saisse ficaria vencido, e captivo de seu contrario sem contradição, nem embaraço de porfia. Pois chegado o dia assignalado entre elles, veiu o alcaide com toda a sua gente de pé e de cavallo, e se poz no sitio que lhe era limitado, d'onde mandou recado ao esforçado capitão Francisco de Bairros, que logo se fez prestes, e saindo fóra com toda a sua gente mandou ao condestable que tivesse toda a artilheria assestada, e apontada, e estivesse com muito grandissima vigilancia pondo-se pegado ao baluarte Santo Espirito com sua gente posta em ordem, e o cavalleiro armado com as armas de christão que para tal tempo convinha se despediu do capitão e mais cavalleiros, parentes e amigos tão contente e risonho, como se verdadeiramente fosse entrar em algumas festas, ou torneios, e se foi de seus padrinhos acompanhado pôr em seu risco, e logo o mouro, despedindo-se com muito grandissima brevidade do alcaide e da mais gente, acompanhado de seus padrinhos, se foi pôr em seu logar, e pos-

tos os cavalleiros ambos em suas estancidas, sairam os padrinhos mouros a vêr o nosso cavalleiro que armas tinha, o qual acharam que não tinha mais vestido, nem armas que a camiza e calções com os braços regaçados, e sua espada de tiracolo á mão direita, e a lança na propria mão, cousa que ao mouro pôz em muito grandissima confusão ver-lhe as armas ambas postas a um lado, e a causa era, porque o cavalleiro jogava de ambas as mãos, e em similhantes tempos se ajudava d'este ardil, por ser de sua natureza esquerdo, que foi causa por onde o mouro o temeu muito, e além d'isso estava em camisa, para dar a entender ao mouro a pouca conta que d'elle fazia e quão pouco o temia, pois visto o nosso cavalleiro dos seus padrinhos, ficando posto em seu logar se partiram, e em sua companhia os padrinhos do cavalleiro christão, chegando ao cavalleiro mouro que em seu lugar estava posto, e buscando-o se tinha algumas armas defensivas lhe acharam em cada ilharga um tilli, que é á maneira de nomino do tamanho de um livro missal em que trazem escripto o alcorão do seu Mafamede, que elles o tem em grande veneração, e por grandissima reliquia, os quaes são tão fortes, que bem terão mão em uma lançada, o que visto pelos padrinhos christãos lhe dissseram que devia tirar os tillis, pois via muito bem que o seu cavalleiro não tinha sobre si cousa alguma, ao que o mouro respondeu que os não tiraria, porque aquillo não eram armas, mas eram reliquias que elle muito estimava em grandissima maneira, e replicando-lhe os seus proprios padrinhos os tirasse, que era grandissima vantagem que tinha ao christão, e quando os não tirasse o desafio não te-

ria effeito; ao que o mouro respondeu, que por nenhum caso os tiraria, que eram reliquias santas, que tirando-as as ficava desprezando, o que seria causa d'elle ficar vencido do cavalleiro christão. Ouvida a resposta do mouro, os padrinhos christãos se tornaram a dar conta do que passava ao capitão, o qual logo mandou dizer ao alcaide mandasse ao seu cavalleiro tirasse os tillis, que não vinha conforme ao contracto do desafio. Ouvido pelo alcaide o recado, mandou aos padrinhos mouros que fizessem tirar os tillis ao cavalleiro mouro, e que não os querendo tirar, que pelo mesmo caso não entrasse com o christão em desafio. Ouvido pelo Melehude, que assim se chamava o mouro, o mandado do seu alcaide, disse que por via alguma os tiraria, nem entraria sem elles em desafio, mas a verdade era que tanto que o mouro viu o christão em camisa com os braços arregaçados, que seria mancebo de trinta annos, de boa estatura, robusto, côr morena, cabello negro e crespo, e além d'isso espada e lança á mão direita, o ficou temendo, de maneira que me parece que ainda que no desafio o mandassem entrar com os tillis o não fizera, buscando outra qualquer escusa por onde não houvesse effeito. E visto pelo cavalleiro christão, que em sua estancia estava, a dilação e recados que havia de parte a parte, informado do que passava, disse que não fosse a escusa dos tillis parte para o desafio não haver effeito, que elle era contente e lhe aprazia pelejar com o mouro com aquella vantagem dos tillis, e se lhe aquelles não bastassem pôdesse pôr outros dois, o que sabido pelo alcaide mandou dizer que elle não era contente ainda que o christão quizesse que o seu mouro entrasse com

os taes tillis em o desafio, e se os logo não tirasse não houvesse effeito ficando com o cavalleiro christão a palma da victoria, mas nem isso foi bastante para o emperrado do mouro tirar os tillis, mas antes cuido se acharia por bem afortunado levar comsigo escusa tão sufficiente para não haver effeito desafio que elle de commetter tão arrependido estava, o que visto pelo alcaide mandou que o mouro fosse apeado do cavallo, e assim a pé fosse diante de toda a gente até Azamor, que está duas leguas da fortaleza, os quaes se partiram mui tristes e injuriados, levando o mouro a pé com muitas pancadas, e com toadas, dizendo-lhe palavras de grandissimas affrontas, o que visto pelo capitão Francisco de Bairros mandou logo tocar suas trombetas, e tambores com as bandeiras arvoradas tremolando ao vento, dando grandissimas baterias de arcabuzeria, e logo disparando toda a artilharia da fortaleza deitando seus pellouros, que assobiando iam por cima do esquadrão dos mouros, e sobretudo os cavalleiros da fortaleza escaramuçando pela praia com grandissimas festas, e os moços com outra gente que de cima do muro estava á mira do desafio que lhe davam muito grandissimas gritas e apupadas, de que foram mui affrontados, e abatidos, e tão tristes que verdadeiramente parecia que os proprios seus cavallos iam sentindo a falta do seu cavalleiro. Pois chegados a Azamor, foi o mouro Melehude metido em prisão, e d'ahi foi desterrado para nunca mais tornar a Azamor, que era sua patria, posto que alguns cavalleiros de Mazagão d'ahi a alguns annos se encontraram com elle em algumas pelejas, e escaramuças, e lhe viram fazer couzas de muito esforço. Agora jul-

guem os affeiçoados a suas damas, e que por ellas lhe parece que fariam grandissimas aventuras de guerras, qual este amante poderia ir pelas ruas de sua patria, e portas de seus parentes e amigos, e principalmente de sua dama, tão affrontado e aniquillado com muitas pancadas, dizendo-lhe mil blasfemias e injurias, se lhe fôra mister arriscar a vida, e morressem mortes em poder não digo eu d'aquelle cavalleiro, contra o qual o podera favorecer a ventura, mas contra toda a fortaleza, antes que chegar a tão miseravel estado, aos quaes encommendo muito nunca prometam cousas difficultosas de fazer a suas damas, porque lhes não aconteça caír em similhantes affrontas, e juntamente julguem os valorosos e esforçados fidalgos, e cavalleiros o premio que ficava merecendo este valoroso e esforçado africano, o qual foi remunerado de El-Rei D. Sebastião, que n'este tempo reinava deitando-lhe o habito de Christo com boa tença fazendo todo o tempo que viveu cousas de muito esforço e valentia, o qual foi morto no campo de Mazagão de uma espantosa pelourada de arcabuz, o qual Nosso Senhor tenha na gloria. Amen.

Não será razão, que de um capitão tão celebre e victorioso como foi este general Alvaro de Carvalho se não contem algumas victorias notaveis que contra mouros emprehendeu, e em mais de trinta annos, que foi capitão, antes em muitas batalhas e escaramuças, que contra os mouros teve sempre ficou vencedor, desbaratando-os por muitas vezes com grandissimas victorias assignaladas, que Nosso Senhor foi servido dar-lhe contra estes infieis, ficando sempre campo por elle e seus cavalleiros. Era este

capitão homem de meã estatura, barba rala, olhos grandes, quando tomava alguma paixão se lhe faziam umas veias sanguineas nas alvas dos olhos que o faziam temeroso, gastava muita parte do dia e noite em passear, tomando só comsigo conselho do que havia de fazer nos actos de guerra. E uma tarde succedeu que mandando chamar o almocadem para mandar escutas fóra, andando passeando na sua ante-camara, chegando a uma porta, levantou uma guarda porta de panno de rás, e viu andar na sala passeando de proposito um menino de edade de quatro annos, e andando fallando só comsigo se deixou estar para vêr a determinação do menino, e escutando o que dizia lhe ouviu dizer com muito grande determinação como se fôra homem de cincoenta annos: «eu não hei de mandar hoje escutas fóra, porque estão os mouros no campo, e tomar-nos-hão.» Estas palavras d'este menino o metteram em tal confusão que determinou por aquelle dia não mandar escutas fóra. N'esta conjuncção chegou o almocadem que elle tinha mandado chamar, ao qual disse que se tornasse que quizera mandar escutas para ao outro dia tomar campo, mas que tivera outro conselho, que já por aquelle dia o não tomaria. Ao outro dia pela manhã mandou ao adail, que não tomasse mais campo que o redor dos vallos para o gado poder pascer e sahindo as atalayas descobrir os postos que o adail lhe tinha mandado, seguraram o campo e, tendo-o seguro, a horas de meio dia sairam de um posto, a que chamam Palmarinho quatrocentos mouros de cavallo, porque este era um dos postos que o capitão determinava mandar descobrir, e vendo que os mouros saiam da cilada lembrando-lhe o dito e consideração de uma criança de tão tenra edade, teve o caso por

milagroso, e com toda a instancia mandou saber de aquelle menino, e trazendo-lh'o lhe fez muitas perguntas a seu modo, a que o menino respondia como homem de muita edade, d'onde veiu tomar-lhe tanta affeição, que todos os dias o mandava buscar a horas de comer, e levantadas as mesas, se punha a praticar com elle, perguntando-lhe, que póstos mandaremos amanhã tomar, respondendo-lhe este menino tanto a proposito, como se fôra homem de muito entendimento, basta que diziam que todos os successos de guerra que emprehendia este capitão eram guiados por ordem divina. Era homem de grandissimo conselho: muitas vezes tomava pareceres de alguns cavalleiros, mas sempre se guiava pela sua opinião, como n'este cerco claramente se viu, que se assentou que saissem fóra a dar assalto nos mouros, mas guardando para si seu parecer não referia ao que em conselho se determinava, porque sem duvida se perdiam todos, como atraz fica dito. Era este capitão muito temido dos mouros; tinha muita brandura com seus cavalleiros, e soldados, estimava-os muito, tanto que não consentia que nenhum fidalgo lhe dissesse que havia na India soldados muito esforçados que elle logo não replicasse que seriam muito esforçados, mas que mais que os seus que os não havia no mundo, e estando um dia com seu irmão Ruy de Sousa de Carvalho em grandes differenças sobre os soldados de Mazagão e os das galés, lhe disse seu irmão: «são senhor os soldados das galés tão esforçados que pelejando a pé quedo se lhe matam o companheiro com os pés sobre elle pelejam:» ao que elle respondeu que era verdade, mas que os de Mazagão eram mais que soldados, porque eram filhos que pelejavam com seu pae, ao que o capitão

Ruy de Sousa de Carvalho não replicou palavra alguma. Pois assistindo este general em esta fortaleza que era sua por mercê de El-Rei, e fazendo guerra aos mouros de Azamor e da terra de Duquella, succedeu que um dia da bemaventurada Santa Luzia pela manhã fez mui grandissima nevoa, por o qual respeito a gente da fortaleza não saiu ao campo, e ao meio dia aclarando o tempo mandou o adail a um cavalleiro chamado Francisco Affonso das Neves fosse descobrir um posto que estará meia legua da fortaleza a que chamam Pedralvinho, e indo o cavalleiro descobrindo, lhe sairam de uma cilada duzentos mouros de cavallo, ao que logo accudiram alguns homens de cavallo que estavam com o arraial a favorecer o seu cavalleiro, d'onde se travou uma grande escaramuça, e atirando uma peça de artilheria do baluarte Santiago, ou em toda ella derribou um cavalleiro chamado João Gonçalves de Azamor e dando os mouros volta para o tomar aos christãos que seriam vinte e cinco, vendo os mouros sobre elle acudiram para lh'o tirar, como tiraram. N'esta conjuncção chegou Ruy de Sousa de Carvalho que seria mancebo de vinte e cinco annos com outros vinte e cinco de cavallo que por todos seriam cincoenta, e dando Santiago nos mouros, accudiu o capitão nas suas costas a favorecel-os com a mais gente de cavallo, que por todos eram cento e cincoenta, e vendo os mouros que se ia o capitão chegando se pozeram em fugida: o alcaide, sentindo fraqueza nos seus, arrebentou da cilada onde estava com suas bandeiras e trezentos de cavallo mais, que por todos seriam quinhentos, vendo o capitão que se embaraçavam com sua gente accudiu com muita grandissima pressa. A nossa dianteira, vendo o seu

capitão comsigo, apertaram com os mouros de feição que, não podendo o alcaide aguardar o grandissimo impeto dos christãos, se poz em fugida. E indo seguindo o alcance um cavalleiro por nome Domingos Fernandes Ribeiro chegou ao alcaide e lhe deu duas lançadas, e outra no cavallo com que o derribou, e vendo os mouros o seu alcaide deram volta com grande pressa embaraçando-se com os nossos de feição, que um filho seu por nome Bady, se apeou e deu o cavallo a seu pae em que se salvou, e tomando o de outro mouro em que cuidou salvar-se carregaram sobre elle quatro cavalleiros, cujos nomes eram Fernão Vieira, Affonso Rombo, Duarte Luiz, Alvaro Vaz o Adibe, e não tão sómente tomaram Bady, filho do alcaide, mas mataram-lhe dois cunhados, e captivaram um e d'alli foram segindo seu alcance, matando e ferindo muitos até chegarem ás portas de Azamor, onde se recolheram com muito grandissima perda dos seus. Chegado o capitão que ia favorecendo os seus cavalleiros, se poz em um outeiro chamado o outeiro de Mazagão, que estará da cidade de Azamor um tiro de bombarda. A este tempo chegava a soldadesca que ia na sua esteira seguindo o capitão, e chegando com as suas bandeiras, onde estava, e nosso guião, foram vistos dos mouros que na cidade estavam, os quaes com muita pressa quizeram passar o rio que ia de monte a monte, que foi causa de se afogarem muitos dos seus, mulheres e meninos, pois vendo o capitão como os mouros se dispunham a despejar a cidade, mandou que se juntasse todo o gado que por o campo andava, e alguns mouros, e mouras que ficaram de fóra, o que se fez com muito grande brevidade, onde se acharam perto de tres mil cabeças de gado vaccum

e do meudo, ovelhas, carneiros e cabras, passaram de oito mil, e porqne se vinha chegando a noite com muita abundancia de agua foi necessario virem-se recolhendo logo á fortaleza com determinação de ao outro dia irem tomar a cidade, e para esse effeito determinaram de levar escadas e peças de artilheria para entrarem a cidade, e isto por parecer de muitos, mas o capitão o determinou muito ao contrario, porque o seu parecer com o de alguns cavalleiros antigos que na terra havia determinaram que indo accommetter a cidade podia succeder accudir muita gente dos aduares que estavam sete leguas da cidade da parte da Xauhia como da terra da Duquela, e fazer-se uma má jornada, por onde acharam que não era bom conselho, pois lhe Deus tinha dado tão grande victoria, e por este respeito se deixou de fazer, e vindo recolhendo chegaram á fortaleza com esta ditosa presa ás dez horas da noite com grande abundancia de chuva, dando graças a Nosso Senhor por lhe dar tão assignalada victoria, por intercessão da bemaventurada Santa Luzia, cujo dia era, e por que na fortaleza não çabia a preza do gado ficou fóra nos revelins, fugindo aquella noite muito do gado miudo que os mouros outro ao dia andavam juntando, e do vaccum se não foi nenhum por causa das tranqueiras com que se fecham os revelins. Esta foi uma das ditosas presas que houve nos logares de Africa, e mais foi muito festejada, por que d'este dia até o prezente se guardou e guarda o dia d'esta bemaventurada Santa, fazendo-se por cima de todo o muro em roda uma solemne procissão, levando n'ella quatro bandeiras que aquelle dia tomaram a Abdala Belcoche, que assim se chamava o alcaide.

CAPITULO XX

Outra victoria em dia de S. Jorge

D'ESTE santo dia a tres annos pouco mais ou menos, dia do bemaventurado S. Jorge, deu Deus outra victoria assignalada a este capitão, que irei contando assim como me forem lembrando os successos d'ella pela relação que alguns cavalleiros antigos me d'ella deram. Tinha por costume el-rei de Marrocos mandar todos os annos a Mazagão cortar os pães e derribar os vallos, para o qual effeito mandava alguns alcaides de dentro de Marrocos, que está vinte e quatro leguas da fortaleza, com muita gente, e toda a alarvia, que reside na serra verde que está doze leguas de Mazagão, e muita de Xauhia, que os mouros chamam os algarves, e de toda a terra da Duquella. Esta gente tinha por costume trazer todos os seus gados aos campos de Mazagão comer as hervas, onde se juntavam pas-

sante de dez mil homens de cavallo, e os de pé passavam de trinta mil, os quaes costumavam estar n'aquelle campo todo o mez de abril até á entrada de maio, e este dia do bemaventurado S. Jorge, estando toda esta gente toda espalhada pelos campos de Mazagão, determinaram de balroarem com o capitão e toda a sua gente até ás portas da fortaleza, porque posto que no campo estava tanta multidão de infieis, não deixava o capitão de sair todos os dias com sua gente de pé e de cavallo, e trariam os mouros mais de dois mil escopeteiros de pé, e tres mil besteiros, e a mais multidão de pé vinham com dardos e azagaias, de maneira que cobriam todo aquelle campo, que era uma mui bella vista. Pois estando o capitão fóra com sua gente, começou de se travar a nossa arcabuzaria com a sua, e andando os nossos soldados n'esta pressa rebentou a sua cavallaria por todas as partes, de modo que foi necessario a nossa, que era muito pouca, acudir a favorecer os nossos soldados, que andavam desmandados, donde foi forçado travarem-se de uma e outra parte toda a gente de pé e de cavallo, e parecendo-lhe aos mouros, que a nossa gente de pé e de cavallo lhe ficava de fóra, deram uma terrivel grita, apertando com grande impeto com os nossos, que entre elles pareciam um pequeno garfo, mas o bemaventurado S. Jorge quiz ali bem mostrar seu poder, e assim diziam depois os mouros que o viram andar em um cavallo branco com uma espada na mão em favor dos christãos, e foi a briga de feição que se matou muita copia de mouros e cavallos, de maneira que houve soldado que tomou a lança das mãos de um mouro de cavallo, que indo para o lancear lhe deitou mão da lança, e deitando mão

á espada, foi-lhe forçado ao mouro largar a lança, basta que foi tal a mortandade, que um homem muito principal, por nome Bernardo Azevedo, dentro no revelim, achando-se aquelle dia elle mesmo a pé matou um mouro mui cruelmente ás estocadas. Foi esta uma das muito assignaladas victorias que Nosso Senhor deu em toda a Africa, porque alem de Nosso Senhor defender de tão grande multidão de infieis, ficaram os nossos senhores do campo deitando os inimigos fóra com muita perda dos seus, não havendo nos nossos mais perda que Gonçalo de Castro sargento de uma companhia, que de uma pelourada que lhe deram na cabeça o mataram, e dois homens feridos com mais cinco cavallos. Esta foi a perda que os nossos tiveram aquelle dia. Passado este cerco, teve este capitão tantas victorias que seria largo querel-as aqui contar, mas não deixarei de relatar aqui uma mui assignalada, que teve com o alcaide Muça, que depois d'ahi a alguns annos se veiu a este reino com sua mulher e filhos.

Este alcaide Muça era em Barberia grande senhor, alcaide, e justiça mór de Marrocos; era muito querido do rei e temido do povo. Succedeu que, gabando-lhe os cavalleiros de Mazagão; se dispoz a querel-os experimentar, e para este effeito juntou mil mouros de cavallo e quinhentos espingardeiros, e vindo caminhando suas jornadas chegou á cidade de Azamor, onde lhe fizeram grandes festas, e, como os cavalleiros de Mazagão souberam que elle era chegado, ficaram mui alvoraçados com a sua vinda, não sabendo quando havia de ser o dia que se haviam de encontrar com elle, e porque havia dias que era chegado, e não corria, andavam os cavalleiros da fortaleza mui enfadados, porque assim o tem de

costume todas as vezes que os mouros fazem tardança em virem correr o campo, porque todo o seu passatempo está em jogarem as lançadas, e parece que era dom que Deus tinha promettido a este capitão, que com quantos mais mouros pelejava, mór victoria alcançava, pois estando este alcaide descançando do trabalho do caminho, determinou vir armar ao campo de Mazagão, e veiu-se metter em uma cilada, que está pegada aos vallos, que chamam a cova do Picouto, dia do bemaventurado S. Vicente, e saindo o adail fóra depois de missa, mandou descobrir este posto por um cavalleiro chamado Gonçalo Fernandes da Rosa, e, indo descobrir, lhe derribaram os espingardeiros de pé o cavallo, o qual se não poude salvar que o não captivassem, porque acudindo a sua cavallaria, que estava muito perto, o tomaram ás mãos sem os companheiros lhe poderem valer por os mouros passarem de mil, e quinhentos de cavallo, a que logo deram rebate na fortaleza, e acudindo a nossa gente a tempo que os mouros já vinham de volta com o nosso adail pelas ruas dos vallos dentro, onde se travou uma grande escaramuça, que durou passante de uma hora de relogio, sem de nenhuma das partes se conhecer vantagem alguma, os nossos não soffrendo andarem tanta distancia de tempo na peleja sem mostrarem o esforço de suas pessoas aos novos hospedes apertáram com elles de feição que com perda de alguns mouros os deitaram fóra do logar. A este tempo vinha chegando a nossa arcabuzeria em favor dos cavalleiros, e investindo fortemente com os inimigos acudiu a sua arcabuzeria, que detraz de um vallo estava, e passavam de mil escopeteiros por se juntar a arcabuzeria de Azamor com os quinhentos que comsigo trouxe de Mar-

rocos, entre os quaes e os nossos soldados, que seriam duzentos e cincoenta, se travou uma tal peleja que toda aquella parte do campo em que a briga se fazia com a mais parte onde a cavallaria pelejava se não via cousa alguma com a grande fumaça que de uma e outra parte se levantava, tanto que foi forçado apartarem-se as cavallarias de ambas as partes, e porem-se á mira vendo os seus soldados com quanto esforço e impeto accommettiam uns aos outros, mas como os nossos eram soldados velhos de muitos annos de Africa, que os mais d'elles se tinham achado n'este cerco, apertaram com os mouros de tal feição que a tiros certos matavam e feriam nos mouros contrarios, e foi tal o impeto d'estes bons portuguezes, que não o podendo os inimigos aguardar, largaram o logar levando comsigo os mortos e feridos. Quando a nossa cavallaria viu os seus escopeteiros irem desbaratados e postos em fugida, não apertou menos com os seus de cavallo, de feição que dando com elles fóra lhes foi forçado tomarem os seus de pé nas ancas dos cavallos, recolhendo-se com toda a pressa ficando os nossos no campo victoriosos fazendo ponte de prata ao inimigo, que retirando se ia. Basta que os trataram de maneira, que se tornou este alcaide pelo caminho, por onde veiu á cidade de Marrocos, mui triste e desconsolado, arrenegando de Alboreja, que assim chamam á fortaleza na sua arabia, e nunca mais tornou ao logar onde o tão bem receberam. Este Cidemuça se veiu depois alguns annos caminho d'este reino com sua mulher e filhos, fugindo de el-rei de Marrocos que lhe quizera cortar a cabeça e tomar-lhe a fazenda pelo vêr muito poderoso e rico, que este é o galardão e paga que elles dão a quem os tão bem

serve, e estando aposentado na cidade de Lisboa mandou matar uma moura de sua casa, que se quizera tornar christã, pelo qual respeito o desterrou El-Rei D. Sebastião, que n'este tempo reinava, para a cidade de Evora, onde de ahi a algum tempo morreu, ficando seus filhos n'este reino até que com licença d'El-Rei se foram a Barberia.

CAPITULO XXI

Outra victoria em dia de nossa Senhora da Luz

sete dias do mez de setembro vespera de Nossa Senhora da Luz, fugiram os cavalleiros que estavam captivos em Azamor, e como vinham carregados de ferros não podiam caminhar, e adiantando-se um que abriu os ferros chegou á fortaleza meia hora ante manhã ao dia de Nossa Senhora, e abrindo-lhe as portas disse ao capitão que eram fugidos todos os captivos que estavam em Azamor, os quaes não poderam abrir os ferros, pelo qual respeito não podiam caminhar, que devia de os mandar favorecer. O capitão Alvaro de Carvalho, ouvindo a nova dos captivos fugidos, com grandissimo alvoroço mandou alguns cavalleiros a soccorrel-os, ao que sairam alguns parentes e amigos, emquanto o capitão com a mais gente se ficavam aviando para irem nas suas costas, e foi tão grande a pressa d'estes tão bons e leaes amigos que os

mais d'elles foram desarmados , parecendo-lhe, que se tardassem um momento corriam perigo tornarem-n'os a captivar, por serem já horas que os podiam ter achado menos, e por lhe parecer que estariam já perto que logo os achariam, mas os captivos, como vinham aferrolhados, não caminharam aquella noite mais que uma legua, e estavam outra da fortaleza, e como o alcaide soube que os seus captivos eram fugidos despediu logo trezentos mouros de cavallo que fossem até as portas de Mazagão em busca d'elles. Os nossos cavalleiros, tendo caminhado meia legua da fortaleza e vendo que os não achavam, e tendo vista dos trezentos que vinham em busca dos captivos, se pararam aguardando pelo capitão, e com determinação se os mouros achassem os captivos de morrerem todos sobre elles. A este tempo vinha já o capitão chegando com obra de cento de cavallo, e chegando a um posto que chamam as palmeiras da Cooceparo, porque a este tempo vinha já o alcaide dando costas aos seus trezentos mouros, que vinham na deanteira trazendo comsigo setecentos de cavallo, e oitocentos de pé, e chegando á vista da nossa gente se parou mandando recado á sua deanteira que em se elle abalando se passassem da parte da villa para que a nossa gente lhe ficasse no meio, e com suas bandeiras arvoradas representou batalha ao capitão. A este tempo sairam da nossa dianteira doze cavalleiros a escaramuçar, a que logo sairam da sua cincoenta, e travando-se uns com os outros lhe feriram os nossos cinco dos seus, e porque ao capitão lhe pareceu que aquella gente era muito mais que seiscentos de cavallo que Azamor tinha de ordenança, mandou chamar o captivo, e fazen-

do-lhe pergunta se vinha ali alguma gente nova, lhe respondeu que o dia de antes era chegado um alcaide chamado Alelix, neto de um elche, com duzentos atiradores de espingardas, e bestas, e que da parte de Xauhia devia de vir tambem gente, e como a força era mui grandissima, e com muito grande força de fogo determinou o capitão não lhe dar batalha por estar muito afastado dos vallos e abalando-se a nossa gente para tomar a praia arremetteu muito depressa a sua deanteira com mui grandissimo impeto, e pondo-se da parte da villa acudiu Pedro Alvares de Carvalho com setenta homens de cavallo, e arremettendo com grande furia com o rosto á fortaleza contra os mouros que d'aquella parte estavam, deu n'elles com tão grande impeto que do primeiro encontro lhe derribaram muitos mouros e cavallos, e n'aquella volta nos mataram dois cavallos e feriram um homem. A esta pressa acudiu o alcaide com sua gente feita em duas batalhas a encontrar-se com o capitão, onde se travou uma tal escaramuça que em pouco tempo se encheu o campo de cavallos e mouros mortos, e chegando um mouro ao capitão lhe atirou uma lançada, e elle despresando-se de dar no mouro com o ferro traçou a lança, e lhe deu tão grande pancada que o fez dar de focinhos no pescoço do cavallo. A este tempo acudiram trezentos soldados nossos que a tiros certos derribavam nos mouros. Pedro Alvares de Carvalho, filho morgado do capitão, mancebo muito esforçado, andando entre os mouros como um leão, fez tanto da sua parte com os seus setenta cavalleiros, que poz os mouros em grande aperto, pois o capitão com a sua gente trataram o alcaide com os seus de feição

que lhe fizeram largar o campo com grande perda dos seus, basta que foi a victoria d'aquelle dia, tal que mostrando a Senhora da Luz, cujo dia era, seus santos milagres, davam os pellouros nos homens e recuavam atraz, e não ponham duvida n'isto, porque sem falta assim passou, e foi tão grande o accommettimento e forças dos christãos este dia, que cuido verdadeiramente se os mouros foram muito mais não deixaram de os desbaratar conforme denodados andavam os nossos, e assim largaram o logar tão quebrantados e tristes, que ficando-lhe os captivos no caminho os não buscaram, que sem falta lhe não poderam escapar, porque estando embrenhados estavam tão perto do caminho que lhe viram ir chorando os mouros, e os mouros recolhidos se vieram os nossos recolhendo com a liberdade de seus captivos, e os inimigos se foram com perda de mais de duzentos mortos e feridos, ficando o campo semeado de cavallos mortos, e dos nossos feriram tres homens, e mataram um: mataram mais quatro cavallos, e cinco feridos. Esta foi a perda que os nossos houveram aquelle santo dia: durou a peleja das nove horas do dia até á uma depois do meio dia. Estas e outras victorias teve este capitão todas em dias assignalados, e verdadeiramente que tinham as mais d'ellas por milagrosas, porque parecia impossivel tão poucos christãos desbaratarem tanto numero de infieis: mais tinha este capitão que, por grandes victorias que houvesse, sentia tanto um christão que lhe matavam que não festejava a victoria como tinha de obrigação, e quasi que se não tinha por victorioso, sentindo muito a falta de um cavalleiro ou soldado, e dizia que mais queria a vida de um dos seus cavalleiros

ou soldados que a morte de duzentos mouros, que tanto os amava, e queria este capitão. Adoeceu de uma doença muito perlongada, e assim enfermo venceu ainda algumas vezes os mouros, e por mal que estivesse não queria estar em cama, e falleceu assentado em uma cadeira, conhecendo sua morte, despedindo-se de todos: foi muito sentido, e chorado de seus cavalleiros e soldados.

LAUS DEO

INDEX

INDEX

Pag

Capitulo xix [1]

Capitulo xx

Capitulo xxi

---

(1) Estes tres ultimos capitulos não vem numerados no original, mas julgamos mais conveniente fazel-o.

HENRIQUE CORREIA DA SILVA

Documentos para a historia de um governador de Tanger

Como a *Historia do Cerco de Mazagão*, de Agostinho Gavy de Mendonça, désse apenas onze folhas de impressão, e como este livro ficasse pouco volumoso, deliberámos accrescentar-lhe alguns documentos originaes, que dizem respeito a Henrique Correia da Silva, que foi governador d'aquella praça, nos principios do seculo XVII.

Na Bibliotheca d'Ajuda existe um volume em manuscripto sem titulo ou folha preliminar elucidativa, contendo diversos documentos originaes, que dizem respeito a Henrique Correia da Silva. Segundo nos parece, deveriam acompanhar algum memorial, em que o supplicante, apresentando a folha de seus serviços, pedisse a mercê correspondente, ou se desagravasse, com as provas dos seus feitos, de qualquer injustiça commettida para com elle.

A serie de documentos consta de cartas regias e de attestados de diversas procedencias. Publical-os na integra seria talvez um serviço historico, mas nem a sua extensão, nem a indole d'esta obra o permittiam. Escolhemos de preferencia as cartas regias e um ou outro documento mais importante e aqui os revelamos pela primeira vez a publico, como um addicionamento curioso, e como um subsidio inédito para os annaes da historia de Mazagão. Quem um dia fizer a historia das nossas praças d'Africa, historia tão movimentada, tão gloriosa e tão instructiva ao mesmo tempo, não deixará de os consultar com algum proveito.

Henrique Correia da Silva, segundo vimos da Historia Genealogica (T. XI — 849) era alcaide-mór de Tavira, irmão do conde da Castanheira. Foi casado com D. Thereza de Noronha, filha de Francisco de Mello de Castro.

Henrique Correia foi a Tanger com o prior do Crato, D. Antonio, e acompanhou D. Sebastião na segunda jornada d'Africa, indo com seu pae a Mazagão por mandado do monarcha.

Partidario de Philippe, embarcou-se na armada do marquez de Santa Cruz, que foi combater aos Açores a de Filippe Strozzi. N'esta sangrenta batalha pelejou valentemente, sendo dos primeiros que assaltou a capitania inimiga, sendo ferido d'uma arcabuzada na cabeça junto de uma orelha.

Foi um dos oito fidalgos da creação de D. Sebastião, a quem D. Filippe incumbiu de ir buscar o cadaver de D. Sebastião ao Algarve e de o conduzir a Belem.

Na praça de Mazagão tinha em sua companhia filhos, sendo um d'elles Martim Correia da Silva.

que captivou uns mouros, pelo que el-rei lhe mandou os agradecimentos (Carta de 24 de janeiro de 1611).

Em 30 d'agosto e 2 de dezembro teve peleja com os alcaides de Azamor e da Aduquella, em que ficou bem succedido (carta 20).

Em 1616 (?) veiu para Portugal, trazendo no navio 40 captivos resgatados em Marrocos. N'esta occasião encontrou se com cinco navios de piratas turcos, bem guarnecidos de gente e artilheria, aos quaes aguardou o seu navio, em que trazia apenas 20 mosqueteiros e arcabuzeiros. Ajudava-o apenas um navio flamengo, mas a disporporção das forças não o fez desanimar. A lucta foi renhida e o inimigo não só sentiu a força da resistencia mas o vigor do ataque. A abordagem estava imminente, mas o inimigo retirou-se com grande damno. Tudo isto narra Fr. André d'Albuquerque, trinitario, em certidão datada de Lisboa a 11 de janeiro de 1617 (documento 33).

Estes são os dados fugitivos da biographia de Henrique Correia da Silva, que, se não foi um capitão de primeira ordem, foi todavia, ao que parece, um militar valente. Os documentos que apresentamos foram escrupulosamente copiados pelo sr. Rodrigo Vicente d'Almeida, zeloso e intelligente official da Real Bibliotheca d'Ajuda.

DOCUMENTOS

10

Henriqᵉ Correa da Silua— Ev El-Rey uos enuio m.to saudar, Dos meus g.res soube, quam bem uos despusestes o ano passado, com o auiso e Recado, q̃ de minha parte uos mandarão, na ocasião das novas, que ouue da Armada Inglesa, que uos agradeço, E por q̃ tambem agora ha outras, que delles sabereis, inda q̃ se pode nellas fazer diferente discurso, vos encomendo, que esteis prestes, para o que uos ordenarem, em lisboa, ou em qualquer outra parte, E estando fora, acudaes para isso loguo a ella, com seu Recado, como de uos confio, Escrita em lisboa a 8 de Junho de 1596 — Rey. — Para Henriqᵉ correa da silua — (*sobrescrito*) Por El Rei — A Henrique Correa da Silua — condeixa — *(In dorso, por lettra differente mas coeva)* — q̃ acuda a lisboa 8 de junº de 96.—

Orig. folh. 151-152 v.

2º

Henrrique correa da silua—Amigo. Eu ElRey Vos emuio muito saudar. Tenho emteedido que os nauios de cossarios qne andão leuantados de diferentes partes pretendem fazer hua fortaleza no porto da mámora com yntento de a sustentarem e de darem sayda por aquela uia as prezas que fizerem, E que ya a tem prencipiado e posto nella perto de quarenta peças de Artelheria. Emcomendouos façaes todas as deligençias que vôs pareçerem neçessarias p.ª alcançar o que nisto ha, e auizarmeis do que achardes p.ª conforme a isso mandar acudir com o Remedio neçessario.

Escrita em Agilafuente a 22 de setembro de 1610 — Rey. — O Mq.ᵉˢ de Salinas Duq de francauila—Para o cap.ᵃᵐ de Mazagão—(*Sobrescrito*) Por ElRey A Henrrique Correa da silva do seu cons.º capitão geral e governador da villa de Mazagão.

Orig. folh 32-33 v.

3.º

Henrique correa da sílva amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Reçeberãosse duas cartas Vossas de 17 de settembro, e folguey de entender por ellas, que hauieis chegado a essa força e ficaueis ja entendendo nas cousas da obrigação de uosso cargo, em que tenho por certo q̃ haueis de proceder de maneira, que me deua eu hauer por muy bem seruido. Sobre o que auisais que he necess.º prouerse a essa fronteira tenho mandado escrever ao Viso Rey, e encarregar-lhe que a tudo faça acudir com muita breuidade, e em particular com trigo. Na obra do desentulho da cava vos encomendo que vos empregueis com todo cuidado, e que procureis que se faça quanto mais brevemente puder ser, e com a menos despesa que for possivel; E como os mil cruzados que para isso levastes se acabarem mo auisareis, e do que conforme ao que com elles se ouuer feito será necess.º para o mais; E por muy encarregado uos hey de me irdes sempre auisando de tudo o que se ouuer mister para que essa praça esté da boa guarda e defensão que conuem, E que tenhaes toda Vigilancia sobre a gente que ficaua nesse campo, procurando entender o intento com q̃ ahy está ha tanto tempo, e andando sempre muy de auiso para qualquer

acontecimento que ouuer; e das nouas que por essa parte se derem das cousas dos Xarifes me auisareis pelas vias que se offerecerem, Escrita em são L.^{so} a 3 de Nouembro de 1610.— Rey . O Mq.^{es} de Salinas Duq de francauila — Para Henrique Correa da Silua g.^{or} de Mazagão (*Sobrescrito*) Por ElRey — A Henrique Correa da Silva do seu Cons.^{o} Governador e Capitão Geral de Mazagão.

Orig. folh. 28-29 v.

4.º

Henrique Correa da silva amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Reçebeusse a Vossa carta de 14 do mes passado e folguey de entender o que nella dizeis açerca da mamora, e do estado das mais cousas dessas partes, e uos agradeço muito o cuidado q̃ tiuestes de me enuiar estas nouas, encomendandouos que sempre o façais de todas as de que entenderdes que conuem ser eu auisado; E em quanto ao offerecimento que fizestes ao Alcayde d'Azamor, certo estou que a tenção que nisto tiuestes foi a com que proçedeis nas cousas de nossa obrigação em meu seruiço: porem no que toca a lhe dar armas por nenhum caso o façais nem lhas offereçais ainda que seja para mo averdes de auisar, E esperae sobre isso ordem minha; E quando convier que em matteria desta qualidade se faça algua cousa eu volo mandarey auisar. Escrita em Madrid a 30 de Dez.ro de 1610. Rey. — O duque de Villahermosa Conde de ficalho. Para Henrique Correa da Silua (*sobrescrito*) Por elRey A Henrique Correa da silva, do seu Cons.º G.or e Capitão g.l de Mazagão.

Orig. folh. 30-31. v.

5.º

Henrique correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio m.to saudar. Tendosse respondido a duas cartas Vossas de 6 e 12 do mes passado, se reçeberão outras duas de 15 do mesmo em que auisais do que de nouo tinheis entendido a cerca das cousas dos xarifes e do que em matteria disto se uos hauia ditto polo Alfaqueque d'Azamor de parte do Alcayde daquella Cidade, E eu fico vendo o que a cerca disto dizeis, e vos aggradeço o cuidado que tendes de me auisar do que se offereçe, E vos encomendo, e encarrego muito que assy o façais.

A particular relação que fazeis do estado dessa fronteira no que toca a sua fortificação folguey de ver, e muito Vos encomendo que com todo cuidado uos empregueis na obra do desentulho da Caua, hauendo que me terey por muy bem seruido de toda a deligencia que nisto puserdes, como cousa que tão necessaria he a deffensa desse lugar.

Receby contentamento de ver o que auisais do bom proçedimento dos fronteiros que ahy seruem, assy lho podeis significar, E que terey lembrança de lhes fazer merçe por seus seruiços, E a vossos filhos dareis graças da minha parte do bem que procedem e em particular a Martim Correa da silua polo suçesso dos mouros que catiuou, E espero que continuarão este bom procedimento de maneira que folgue eu de lhes fazer m.ce no que ouuer lugar.

A cal que tendes pedido para as obras que ahi se hão de fazer ordeno que se Vos enuie com toda breuidade, E que se frete para isso um nauio sem

sẽ esperar por a Carauela, E que se tenha particular cuidado com o prouim.[to] dessa praça, E auisarmeeis do que em tudo isto se fizer, e do mais que for necess.[o] Escrita em Madrid a 26 de Janeiro de 1611.—Rey. — O duque de Villahermosa Conde de ficalho.—Para Henrique Correa da silua Capitão de Mazagão.— *(Sobrescrito)* Por ElRey — A Henrique Correa da silua do seu Conselho, Gouernador e capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 26-27.

6.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Receberãose quatro cartas Vossas de 15 e 16 de feuereiro, e do primeiro e 22 do mes passado; E Vos aggradeço muito o cuidado que tendes de procurar nouas do estado das cousas dos xarifes, e de me auisar dellas: E com tudo, ou seja para effeito de as saberdes, ou para qualquer outro, Vos hey por muy encarregado que procedais com grande tento e resguardo nas saydas cumprindo nisto inteiramente Vosso regimento, por que he o de que me hauerey por milhor seruido e o que conuẽ para seguridade dessa praça que he o que principalmente está a Vosso cargo.

Do que escreueis a cerca de prouimento de trigo, e concerto da artilheria, e da que pedis que se proueja de nouo, mando avisar ao Viso Rey, e ordenarlhe que a tudo faça acudir e prouer com o cuidado, e breuidade que conuem.

O salario que tendes com esse cargo he o que se deo atte agora aos Gouernadores passados; E allem de que não ha bastante razão para se haver de fazer de presente nouidade nisto, não esta minha fazenda (como sabeis) em estado para estes acrecentamentos.

Folguei de entender que se hia trabalhando no desentulho da caua, encomẽdouos muito que conforme a importancia de que sabeis que esta obra he, a vades proseguindo, e auisando do que se fizer, e no que toca ao dinheiro que o Contrattador deue a gente dessa fronteira agradeçouos o que a cerca disto lembrais de que fico advertido, E com

a breuidade que puder ser se uos auisará da resolução que ouuer por bem de tomar. Escrita em Aranjoez a 19 de Abril de 1611.—Rey, — Mq.es de Salinas Riv.o Duq de francauila — Para o governador de Mazagam — (*Sobrescrito*) Por ElRey — A Henrique Correa da Silua, do Con.o G.or E Capitão g.l de Mazagão.

Orig.olh. 24-25 v.

7.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos eniuo muito saudar. Pela Vossa carta de 9 de março passado, entendi como se ficava ja trabalhando na obra do desentulho da caua, de que reçebi contentamẽto, E Vos aggradeço muito o cuidado e aplicação com que attendeis a isto; E sobre as cousas que dizeis que faltão para se poder ir continuando esta obra, e se trattar das mais que são necessarias tenho mandado escreuer ao Viso Rey que Vos enuiem sem nenhũa dilação. Tambem se lhe tem escrito sobre a artilheria, e á cerca do que o Contrattador deue de dinheiro a gente dessa praça, para que em hũa e outra cousa faça prouer com toda a breuidade.

Aos que Vos ajudarem em leuar ao mar o entulho que se tira da caua e em o acomodar em outras partes, que for necessario Vos encomendo que aggradeçais de minha parte, significandolhes, que me haverey nisto por bem seruido delles, E em suas informações, E certidões, se fara menção deste seruiço para se ter a elle respeeito em seus requerimentos. Escrita em Aranjues a 3 de Mayo de 1611.— Rey. — O duque de Villahermosa Conde de ficalho.— Para Henrique Correa da Silua— (*Sobrescrito*) Por ElRey.— A Henrique Correa da Silua do seu Cons.º Gouernador e Capitão geral de Mazagam.

Orig. folh. 22 e 23 v.

8.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Receberãose tres cartas Vossas de 15 e 16 de fevereiro, e do primeiro de março passado, e uisto o que nellas dizeis, e auisais das cousas dos Xarifes, e dessas partes me pareceo aggradeceruos (como faço) o cuidado com que enuiais estes avisos, e encomendaruos que sempre que ouuer occasião o façais, E sobre tudo Vos hey por mui encarregado de estardes com toda a Vigilancia sobre a guarda dessa fronteira. Escrita em Madrid a 31 de Mayo de 1611.— Rey. — O duque de Villahermosa Conde de ficalho.— Para o Gouernador de Mazagão. — *(Sobrescrito)* Por ElRey. — A Henrique Correa da Silua do seu Cons.º Governador e Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 66-67 v.

9.º

Gouernador amigo Eu ElRey uos enuio muito saudar. Receberãose duas cartas uossas de 24 d'Abril, e 16 do passado, e muito uos agradeço, assi as novas que em ambas me dais das cousas dessas partes, como o cuidado com que as procurais, e assi o fareis sempre, porem sem arriscar por isso nenhũa cousa, attendendo sobre tudo á guarda dessa fronteira, que he o que mais importa, e o que principalmente esta a uosso cargo. E em quanto aos prouimentos de que dizeis que hauia falta de crer he, que se terão já enuiado, conforme á ordem que sobre isto está dada, e á obrigação do Contrattador; E com tudo de novo o tenho mandado encarregar ao Viso Rey, e que faça logo prouer as mais cousas que para de ordinario se não podem escusar nessa fronteira, por que as mais que para ocasião de cerco podião ser necessarias, não parece que no estado em que as cousas dessas partes estão se podem por hora hauer mister, E com tudo sempre ireis auisando do que em matt.ª disto entenderdes; E muy conneuiente sera trattarse, sem se dexar perder tempo, da obra do molle, pois he tão importante; a do desentulho da caua uos hey por muy encarregada, e uos agradeço o cuidado com que a fazeis continuar, e assi a relação que enuiastes do monstruo que foi uisto no mar junto a essa fronteira, que he caso muy particular. Escritta em Madrid a 22 de Junho de 611 — Rey. — O Conde de miranda — Para o Gou.or de Mazagam. (*Sobrescrito*) Por ElRey — A Henrique Correa da silua do seu Cons.º Gouernador e Capitão geral de Mazagam. Obrig. folh. 34-35 v.

10.º

Henrique Correa da Silva amigo Eu ElRey vos enuio muito saudar. Por auer muitos annos que se não visitou essa fronteira, e ter entendido que conuem a meu seru.º fazer-se este seru.º n'ella e nas demais, encarreguei d'este neg.º Antonio Pereira do meu Cons.º, capitão-mór da minha armada d'esta Corôa tendo por certo, pella confiança que faço de sua pessoa, e por sua experiencia que me seruira n'elle a toda a minha satisfação e que o mesmo farão outros ministros meus que vão em a sua companhia para lhe assistir de que tambem a tenho posto que em tudo hão de proceder conforme ao Regimento que lhe mandei dar de que me pareceo auisar-nos por esta como faço, para que saibais, e encomendouos muito que tanto que ahi chegar, e receberdes esta lhe deis toda a ajuda necessaria no que para bem d'esta materia elle Vos pedir de minha parte assistindolhe em tudo de maneira que ella se possa proseguir, e acabar com a mor breuidade que puder ser, e que por falta d'isso se não dilate como tenho por certo de Vos, que o fareis, polo que conuem a meu seruiço, conforme ao procedimento que sempre tivestes nelle e ao que de Vos se espera. Escripta em Lisboa a 10 de setembro de 1611.—Rey. O Conde de Miranda.—Para Henrique Correa da Silua—(*Sobrescripto*) Por El-Rey— Henrique Correa da Silua, do seu cons.º Governador e Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 40-41 v.

11.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Receberão se as tres Cartas Vossas de 2 e 4 do mes passado. E pareceume agradecer-uos o cuidado com que procuraes entender, e auisar do estado das cousas de Berberia, E encommendaruos (como faço) que o continueis assy, por que de o fazerdes me auerey por bem seruido. E aos mais particulares de que trattão estas uossas cartas Vos mandarey responder com breuidade. Escrita em Ventusilla a 27 de Outtubro de 1611.—Rey. O duque de Villahermosa Conde de ficalho. —Para Henrique Correa da Silua Capitão de Mazagam (*Sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu cons.º Governador e Capitão geral de Mazagam.

Orig. folh. 36-37 v.

12.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Por outra minha carta se uos diz o negocio a que a Antonio pereira vay por meu mandado a essa fronteira, e ás mais. E se uos encarrega que lhe assistais e deis toda ajuda que comprir para o poder fazer como conuem. E posto que tenho por certo (pollo que de uossa pessoa, e zelo de meu seruiço confio) qua assy o fareis, me pareceo com tudo por esta carta em particular dizeruos, e encommendaruos (como faço) que não haja de Vossa parte cousa nem respeito algum proprio que o impida, antes toda boa correspondencia para o que cumprir ao bom effeito do que leua a cargo, e assy o espero eu de uos; E elle vay aduertido, e encarregado de proceder n'esta mesma conformidade. Escrita em Madrid a 30 de Novembro de 1611.—Rey.—O Conde de miranda—Para Henrique Correa da Silva Capitão de Mazegão. —(*sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da Silva, do seu Cons.º Governador E Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 42-43 v.

13.º

Henrique Correia da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Receberãosse as Vossas cartas de 25 de feuereiro e 12 de março e por ellas entendy o que de nouo tinheis sabido das cousas de Berberia, e o cuidado com que procurais alcançar o que n'ella passa para mo auisar, que uos aggradeço muito E uos encomendo que assy o continueis por todas as vias entendendo que me hauerey d'isso por bem seruido. Escripta em Aranjoez a 22 de Maio de 1612.—Rey.—O duque de Villahermosa Conde de ficalho.—Para Henrique Correa da Silua G.or de Mazagam—(*Sobrescrito*) Por ElRey A Henrique Correa da silua do seu cons.º Governador e Capitão Geral de Mazagão.

Orig. folh. 44-45 v.

14.º

Henrique Correa da Silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Por a Vossa carta de 31 de Março entendy como prouocado do dano, que ahy se reçebia dos Mouros d'Azamor lhes fostes correr o campo, e o bom succesço, que teue a entrada; E pareceome aggradeçeruos o como nella proçedestes, de que me hey por bem seruido, e encomendaruos (como o faço) que assy a uossos filhos, como aos outros fronteiros aggradeçais tambem de minha parte o que fizerão nesta occasião; E posto que tenho por çerto que nella guardarieis a forma de uosso regimento e sem auenturar os fronteiros, e soldados dessa praça cuja segurança tanto Vos tenho encarregado; todavia Vos encomendo de nouo que assy proçedais sempre, porque he o que mais conuem a meu serviço, e de que terey mayor satisfação. Escrita em S. L.ºº a 13 de Junho 1612.—Rey.: — O Conde de miranda. — Para Henrique Correa da Silua g.or de Mazagam. — (*Sobrescrito*) — Por ElRey — A Henrique Correa da silua do seu Cons.º Gouernador e Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 38 — 39 v.

15.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Reçeberãose as Vossas cartas por que me auisastes do suççesso que teue a Batalha entre o Muley Zidam, e o Caçis leuantado, e das mais nouas que tinheis sabido das cousas de Berberia; e aggradeçouos muito o cuidado, que tiuestes de o fazer; E por que o estado das cousas dessas partes, e as mudanças qne cada dia succedem, obrigão a se ter agora mayor cuidado na guarda dessa fortaleza, estando tão vezinha a Azamor e Çafim, e tão rodeada de enemigos, Vos hey por muy encarregado que estejais com toda vigilancia, procurando que se não cometta desordem, nem haja descuido de que possa resultar dano algũ; E do que de nouo entenderdes me hireis auisando por todas as vias que ouuer lugar. Escrita em Madrid a 11 de Julho de 1612—Rey.: O duque de Villahermosa Conde de ficalho—Para Henrique Correa da silva Capitão de Mazagão.—(*Sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu Cons.º—Governador e Capitão geral de Mazagam.

Orig. folh. 46—47 v.

16.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey vos enuio muito saudar. Receberão se tres cartas Vossas do primeiro do mes passado por que auisastes das nouas que então hauia de Berberia, e dos mantimentos que se tinhão enuiado de Lisboa, lembrando a paga do que se deve do contratto do ano passado, e que se enuie o necessario para acabar o desentulho da caua, E aggradeçouos muito o cuidado que tendes de auisar do que ha de nouo, e uos encomendo que o uades continuando, e estejais vigilante attendendo somente a defensão dessa fortaleza sem exceder de uosso regimento nas sahidas e guardas largas; E do que toca aos prouimentos e desentulho da caua fiquo aduertido para mandar que em tudo se proueja com o cuidado necessario. Escrita em Madrid a 2 de Abril de 1613. —Rey. : Marq.os de Saliuar y Riv.º Duq de franca uila—Para Henrique Correa da silua—(*Sobscrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu Cons.º Gouernador geral de Mazagão.

Orig. folh. 52-53 v.

17.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar, Receberão se duas cartas Vossas de 5 de Abril, e aggradeçouos muito o cuidado que tiuestes de me enuiar os auisos do que passa em Berberia, de que tratta hũa dellas, como Vos encomendo que o uades fazendo do que entenderdes de nouo, E quanto ao que pedis para prouimento dessa fortaleza, e desentulho da caua, e para mudar a terra que della se tirou do lugar em que agora está, tenho mandado escreuer a Lisboa, que se uos enuie logo tudo se ja se não ouuer feito, E estou çerto que de uossa parte procurareis que o desentulho se continue com todo cuidado.

Vy o que me lembrais acerca das praças que Antonio pereira deixou riscadas nessa Villa, e hey por bem que com os moradores della se faça nesta matteria o mesmo que ultimamente mandey ordenar acerca dos de Tanjere e Ceita. Escrita em Madrid a 14 de Maio de 1613.—Rey.:—Marq de Salinas y Riv.º Duq de francauila.—(*Sobrescrito*)—Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu Cons.º Governador e Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 50-51 v.

18.º

Henrique Correa da suilva amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Recebeusse a Vossa carta de 24 d'Abril por que me auisastes dos dous recontros que tiuereis com os Mouros, e do bom succeso que Deos foi seruido de uos dar nelles, e pareçeome augradeceruos o como em tudo proçedestes, que he o que de uossa pessoa se espera; e encomendaruos (como o faço) que de minha parte deis as graças aos fronteiros que se sinalarão naquella occasião; E por que a segurança dessa fortaleza e das pessoas que nella me seruem importa tanto como sabeis Vos encarrego muito que attendais a isto particularmente, como por uosso Regimento se ordena, entendendo que será o de que me haverey por mais seruido. Escrita em S. L.^ço a 10 de Julho de 1613.—Rey.:—O duque de Villa hermosa, Conde de ficalho.—Para Henrique Correa da suilva Capitão de Mazagão.—(*Sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da suilva do seu Cons.º Gouernador e Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 64-55 v.

19.º

Anrrique Correa da Sylua Amigo Eu ElRey uos enuio muito saudar: das cartas que me Escreuestes sobre o resgate dos captiuos que estão no R.no de Marrochos entendy a importancia delle e quanto conuem a seruiço de Deus e meu effectuar se pella necessidade que disso ha: E porque esta he hũa das cousas de major obrigação minha e a que por todos os Respeitos dezejo attender uos tenho em seruiço as lembranças que fizestes que são muy conformes ao que de Vos espero e confio. E tenho por çerto que para se conseguir o effeito deste resgate na forma que desejo, dareis toda a boa ordem e fauor necessario aos Religiosos da Sanctissª Trindade que me pareceo enuiar a elle com Aluaro morejra por thr.º e que fareis inteiramente comprir o Regimento e prouisõis que levão e vos presentarão, na forma das quais se ordenará o resgate sem se alterar cousa algũa contra o que dispõe: E pelo que conuem a meu serviço e segurança dito do resgate e boa expedição delle uos mando que nessa fortalesa façais despejar hũa casa conueniente em que se ponha com segurança o cofre delle e onde uos possais ajuntar todos os dias com os Religiosos e thr.º a tratar o negocio do dito resgate: E hauendo na fortalesa comodidade para serem agasalhados os ditos Religiozos ordenareis que assy se faça, e não a auendo os accomodareis em aposentos conuenientes de modo que fiquem iunto á dita fortaleza, pois auendo de tratar sempre com vosco os particulares deste resgate conuem que fiquem em parte onde com façilidade o possão fazer, por quanto tenho por meu seruiço que todos os dias

asistais com os ditos Religiozos no neg° do dito resgate, por que com Vosso pareçer e voto confio que se possa conseguir o que se pretende e effectuar com mais expediencia: E por que poderá acontecer ir o thr° Aluaro morejra a terra de mouros tratar deste resgate, uos mando que pareçendo assy conueniente lhe aiais a segurança delles necessaria, e lhe deis o fauor e aiuda que cumprir como tenho por sem duvida que fareis pelo zello com que tratais o dito resgate sobre o quoal me fareis todas as lembranças e aduertencias neçessarias para em tudo prouer como tiuer por mais conforme a meu seruiço: Escripta em Lisboa a 6 de Agosto de 1613—O Bpo do p°—Dõ francisco de Castro.—Carta para Anrriq̃ Correa da sylua.—(*Sobrescrito*) Por El-Rey—A Anrrique Correa da sylua do seu Conselho capitão geral e governador da villa de Mazagam.

Orig. folh. 48-49 v.

20.º

Henrique Correa da silua amigo Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Receberão se tres cartas Vossas de 28 de settembro passado e por ellas entendy os auisos que atte então hauies tido das cousas de Berberia, do que de novo for succedendo Vos encomendo muito que tenhais cuidado de auisar com a particularidade que atte gora fizestes. Tambem entendy o que passou nas pelejas que em 30 de Agosto e 2 de settembro tiuestes com os Alcaydes d'Azamor, e da Aduquella; E posto que recebi contentamento de saber o bom successo que em ambas foi Deos seruido de uos dar; e hey por bem que de minha parte aggradeçàis aos fronteiros o como naquellas occasiões se sinalarão; todavia por que a seguridade de suas pessoas e dessa força he o que sobretudo deueis attender, Vos encarrego muito que proçedais com o resguardo e prudençia neçessaria sem exçeder o regimento que uos mandey dar, nem fazer sahidas largas, e em que possa aconteçer algũa desgraça.

Do succçessor que se uos ha de enuiar se fiqua trattando, e procurar se ha, que a sua hida se effeitue o mais breuemente que for possiuel; para que possais com tempo vir trattar do remedio de uossa enfermidade. Escrita no Pardo a 13 de Novembro de 1613.—Rey.:—Marq de Salinas y Rivº Duq de francauilla.—Para Henrique Correa da silua Capitão de Mazagão.—(*Sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu Con.º Gouernador E Capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 56-57 v.

21.º

Henrique Correa da silua amigo, Eu ElRey Vos enuio muito saudar. Recebeosse a Vossa carta de 16 de Nouembro passado, e por ella entendi o estado em que ficaua o desentulho da caua dessa fortaleza, o dinheiro, que nelle se tem despendido, e o que poderá faltar para que se acabe de todo; E pareceome dizeruos que estou com particular satisfação do soruiço que nisto me fizestes, e volo agradeço muito, e encomendaruos que procureis se trabalhe com todo o cuidado, assi no desentulho, como em tirar a terra, que se lançou sobre as estradas cubertas, para o que se hirá prouendo de Lisboa o dinheiro necessario, por que assi o tenho mandado ordenar. Escrita em Madrid a 18 de fevereiro de 1614—Rey.:—O C.de de uillanoua—Para Henrique Correa da silua.—(*Sobrescrito*)—Por ElRey—A Henrique Correa da silua, do seu Cons.º Gouernador e Capitão Geral de Mazagão.

Orig. folh. 58-59 v.

22.º

Henrique Correa da silua amigo, Eu ElRey uos enuio muito saudar. Recebeosse a uossa carta de 18 de janeiro passado por que auisastes do estado das cousas de Berberia de que fico aduertido, e uos encomendo muito que assi o uades continuando, e attendaes a boa guarda e segurança dessa força com o particular cuidado que pedem as cousas presentes, como por outras uezes se uos tem encarregado; E quanto ao resgate dos cattiuos, por outra minha carta de 19 do passado, hauereis entendido o que ey por meu seruiço que nelle se faça, em cuja execução espero que entendereis com toda a pontualidade necessaria, e de nouo uolo encarrego muito, e que me auizeis do que fizerdes, na primeira occasião que para isso se offerecer. Escrita em Madrid a 7 de Abril de 1614—Rey.:—Pedra luarez Pereira.—Para Henrique Correa da Silua. —(*Sobrescrito*) Por ElRey—A Henrique Correa da silua do seu Cons.º seu Capitão mor e gouernador de Mazagão.

Orig. folh. 60-61 v.

23.º

Henrique Correa da Silua Amigo. Eu ElRey vos enuio muito saudar. Por via do Duque de Medina Sydonia tenho entendido que essa fortaleza ficaua muy falta de mantimentos, e Muley Zidão se lhe auia chegado com sua Almahala, e que hũ barco que com estes auisos enuiastes a Larache se perdeo antes de chegar, e nelle as vossas cartas escapando cinco homens que referirão o estado dessa Praça: E posto que tenho por certo que de Lisboa se auerão enuiado nouas prouisõs com que se remediase a falta que se padecia, e que se ella se continuase, recorrereis ao Duque de Medina, como se vos tinha ordenado, todavia lhe mando escreuer agora, que entendendo que he assi necessario vos soccorra brevemente: e de Lisboa mando que se enuiem mantimentos cõ a mayor pressa possiuel, E ainda que elles tardem, e sobreuenha algũ nouo accidente, confio de voz, e do cuidado, e zelo com que vos empregais no comprimento de vossa obrigação que essa força estará sempre segura, e bem deffendida; e para o conseguir assi vos encõmendo muito, e mando, que façais lançar logo fora, e afastar dos muros, e desse contorno quasquer mouriscos que ahi aja, e executar inuiolauelmente os bandos lançados sobre elles, procedendo no comercio, e entrada dos mouros e Judeus (em que sou informado que ha descuido) com tanto tento, e resguardo, como pede o estado das cousas de Berberia, que não permitte procederse com a facilidade que auia em outros tempos. Espero que me auiseis que se faz assi, com o mais que ouuer de nouo. Escritta em Madrid a 8 de Abril de 1614. — Rey. —

Pedraluares Pereira. — Para Henrique Correa da Silua. — (*Sobrescripto*) — Por ElRey — A Henriqne Correa da silua do seu Cons.º gouernador e capitão general de mazagão.

Obrig. folh. 161-162 v.

24.º

Henrique Correa da silua amigo. Eu ElRey vos enuio muito saudar. Receberãose duas cartas vossas de 3 do mes passado, e por ellas entendi o estado em que ficava o resgate dos cattivos que se faz por via dessa fortaleza, em que vos encõmendo, que façais continuar conforme as ordens que para isso se derão pela mesa da Consciencia, e cõ os mouriscos que por qualquer modo vierẽ, se procederá em comprimento do bando lançado sobre elles, e do que ultimamente se vos tem auisado sobre se vos enuiarem provisões, escrevo de nouo a Lisboa apertadamente, para que se execute com effeito o que acerca disto tenho mandado por differentes vezes. Escrita em Madrid a 4 de Junho de 1614. — Rey. — O Conde de Miranda. —Para Henrique Correa da Silua — *(Sobrescrito)* — Por ElRey — A Henrique Correa da Silua do seu Cons.º Governador, e Capitão geral de Mazagão.

Obrig. folh. 64-65 v.

25.º

Henrique Correa da Silua Amigo Eu ElRey vos enuio muito saudar. De hũa carta vossa de 4 de Junho entendi como o Duque de Medina Sydonia vos enuiou soccorro de trigo, e o que antes auia chegado de Lisboa, e de novo mando ordenar que se tenha muito cuidado com a prouisão dessa praça, e se enuiẽ panos para se vestirẽ os soldados, e os sessenta mil rs. que dizeis que faltão para acabar de pagar aos homẽs que trabalhão no desentulho da caua; E muito vos aggradeço o cuidado com que procurais se coutinue; e por que sendo tão grande o dano, que se poderia reçeber de ficar a terra que se tira della sobre as estradas cubertas, conuem que se procure remediar logo, leuando-se a outra parte, vos encõmendo, que vejais a forma em que se podera fazer, e o que para isso será necessario, e mo aviseis particularmente, e com breuidade. Escritta em S. Lourenço a 29 de Julho de 1614.—Rey.—O duque de villahermosa Conde de ficalho.— Para Henrique Correa da Silua.— *(Sobrescrito)* — Por ElRey. — A Henrique Correa da Silua do seu Conselho governador e capitão geral de Mazagão.

Orig, folh. 62 63 v,

26.º

Henrrique correa da silua amigo. Eu ElRey Vos envio muito saudar. Hauendose entendido que Mulei Zidão daua aos olandeses o Porto da Mamora para que se fortificassem, e que por esa causa ficaria o partido de Muley Abdalá com menos força, visto ser hũa ladroeira de Cosarios. Mandey a Dom Luis fajardo que o tomase e se fortificase nelle assy porque se escusasem os roubos e excesos de que se me queixauão, como por fazer milhor visinhança a Muley abdalá da que lhe farião os olandeses; E sendo elle com quem eu tinha feito tregua, tenho entendido que ha mandado que se não guarde, e que nesta conformidade ha recolhido o Almocadem Anecasis sua gente, e o Marquez de Villa Real a sua e que se podem temer algũs jntentos que sobre esas praças podem ter os mouros. E para qualquer caso que se ofereça, me pareçeo avisaruos (como faço por esta) que tenho ordenado ao Duque de medina sidonia que com todo o necesario socorra esa praça com a força e cuidado possiuel; e por que poderia ser que fosse necesaria gente experimentada para algũa precisa necesidade, Ordeney tambem ao Duque que se ouuer chegado a ocasião vos escreua em meu nome que ha parte e com o numero de gente que elle Vos dirá (sem replica nem dilação algũa) ordeneis que se acuda logo. E remetendomè as que o Duque vos escrever somente Vos digo que me terey por muy seruido de Vós em que sem perder hũa ora de tempo o ponhaes em execução. Escripta em Madrid a 27 de Agosto de 1614—Rey.:—Marq̃ de Salinas y Rivº Duq̃ de fraucauila.—Para o Capitão

geral de Mazagão.—(*Sobrescripto*)—Por ElRey—A Henrique correa da silua do seu Cons.º e seu Capitão geral em Mazagão.

Orig. folh. 163—164 v.

27.ª

Henrique Correa da Siluo amigo. Eu ElRey vos enuio muito saudar. Por se hauer roto a guerra cõ as fronteiras por parte de Muley Abdala, e se affirma que Muley Zidão se uinha chegando a ellas; convem que se attenda daqui em diante com mayor cuidado que nunqua á sua boa guarda, e deffensão, e estejão tão preuenidas que não possão receber dano, e posto que confio de uos qne assi o procurareis, pelo que toqua a essa Villa, todauia me pareceo encomendaruolo muito, e dizeruos que se succeder algũa nouidade, para que entendais que se requerem mayores forças das ordinarias, recorraes ao Duque de Medina Sidonia, e ao governador do Algarue, que tem ordem minha para uos soccorrerem, com gente, e o mais que for possiuel, tanto que tiuerem auiso uosso, para o que uos correspondereis com elles, e me hireis dando conta do que uos for necessario, que se prouera, o mais breuemente que ouuer lugar, e ja tenho mandado escreuer ao Viso Rey que faça enuiar logo ahi mantimentos, armas, e munições em abastança para que se não possam sentir faltas. Escritta em Ventosiha a 23 de Outubro de 614.—Rey.; Marq. de Salinas Riv.º Duq de francauilla—Para o capitão geral de Mazagão—(*Sobreescrito*)—Por ElRey A Henrique correa da Silua do seu Cons.º gouernador e capitão geral de Mazagão.

Orig. folh. 165-166 v.

28.º

Certefico que dos fidalgos que S. M.de mandou buscar o corpo d'ElRey Dom Sebastião que ds tẽ a Faro, foĩ hũ o sñor. Anrique correa da silua, ꝺ qual o acompanhou até o Mosteiro de Belẽ, como nos foy mandado. A 15 de m.ço de 94 —Fr.co barr.º de lima pr.ª

O Doutor simão soares de carualho do conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço e juis das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos que a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escriuão que está subscreueo a certidão acima ser asinada por Fran.co barreto de lima pelo que a ey por justificada de que mandei pasar a presente por mim asinada em lisboa aos dezaseis de outubro de seis centos e vinte e nove anos pagou desta quarenta reis e de asinar quarenta reis Valentim de saa a fis escreuer. — simãa soares.— *(Na margem superior, por lettra coeva)* — justifiada com o juram.to de Ruy da Silua a f— 159. *(documento 38.º)* e passada antes da ley. — *(In dorso por lettra de Henr. Corr. da Silva)* — Sertidão de fr.co barreto de lima.—

Orig. folh. 94

29.º

Sñor. — Emcomenda Sua M.de a V. m. q̃ se venha a esta cidade dentro deste mes de abril, com os caualos que puder trazer, e tem por certo que V. m. o fara asy como delle se espera, e os s.res gover.res me ordenarão que de sua parte o significase por esta a V. m. Nosso s.or etc. de Lisboa a 12 de abril de 1595. — Beijo as mãos a V. m. — Lopo Soares. — Soares. — *(sobrescrito)* — Ao muito Ill.e S.or o S.or Henrique Correa da Silua etc. meu S.or — Coimbra. — *(In dorso por lettra de Henrique Correa da Silva)* Esta carta me derão aos 21. de Abril as 3. da tarde de 95. pera uir a lisboa. —

Orig. folh. 97-98 v.

30.º

Sor — ElRey nosso s.or escreue a V. m. sobre os auisos que ha da armada de Inglaterra e lhe encomenda que nesta ocasião proceda como V. m. o fez o anno passado o que S. M.de lhe agradeçe na mesma carta, e por que ella não he inda vinda e os s.res Gou.res tiuerão agora outros Euisos cõ que se não pode deixar de ter conta lhes pareçeo acudirse a tudo o que p.a isto fosse necess.ro com mais deligencia. de que auisão V. m. por esta minha carta conforme a ordem que para isso tem de S. M.de p.a V. m. estar prestes assy como o fez o anno passado, no lugar onde este auiso o tomar e depois lhe ira outro se for necess.ro p.a V. m. se vir p.a esta cidade, se nella então não estiuer: nosso s.or etc. de lisboa a 11 de Junho de 1596. — Bejo as mãos a V. m. —Lopo Soares (*Sobrescrito*) Ao muito Ill.e Sõr Henrique Correa da Silua etc. meu s.or —Condexa — *(In dorso por lettra de Henr. Cor. da Silva)* — de lopo soares q̃ esté prestes 11 de jun.º de 96. os g.res —

Orig. folh. 155

31.º

Ruy Lourenço de Tauora etc. certefico que Anrrique Correa da Silua Alcayde mor da çidade de Tauira de quatro annos a esta parte, assistio sempre na dita çidade, em sua alcaydaria, comprindo com suas obliguacõins; assi no que toca aos alar-dos, e aos vigias, como a tudo o mais que conuinha ao seruiço de S. Mg.de cõ todo cudado e diligencia: dandome sempre os auizos neçessarios, e acodindo a todos os rebates, e ocaziõons de imigos, que na ditta çidade e na costa della se offereçião em todo o dito tempo. e nelle se tomarão por sua ordem duas carauelas d'Inglezes, que naquella costa fazião muito dano, e depois de uindo ouuy dizer, que tomára hũa lancha tambem d'Inglezes, e por me pedir esta sertidão lha mandey passar na uerdade, por my assignada, e selada cõ o sinete de minhas armas. Esteuão Voguado a fes aos 24 de marso de 603.—Ruy L.co de Tauora.

O Doutor Simão Soares de Carualho do conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço, e juis das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos q̃ a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escrivão que esta sobescreueo a certidão atras ser asinada por Ruy Lourenço de Tauora pelo que a ey por justificada de que mandei passar a presente por mim asinada Em lisboa aos dezaseis de outubro de seiscentos e vinte e noue anos Pagou desta quarenta reis e de asinar quarenta reis Valentim de saa a fis escreuer: — Simão Soares — (*Na margem superior por lettra coeva)* — Passada antes da ley. Orig. folh 95.

32.º (1)

Antonio Pereira lopez de Berredo do conss.º del Rey nosso sñor e seu Capitão geral perpetuo da Armada de alto Bordo do Mar Occeano da coroa de Portugal etc. Certifico que uindo por mandado do ditto sñor vezitar os lugares de Africa, achey neste da villa de Mazagão por gouernador e cap.am geral a Anrrique correa da silua ao qual dey hũa carta de S. Mgde em que lhe mandaua me adsistisse em todas as cousas que tocassẽ a seu serviço pera que com mor breuidade se fizesse a vezita a q̃ me mandaua e que per sua causa me não detiuesse nella, o que elle fez muy cumpridam.te, e pera que assy conste lhe mandey passar esta sob meu sinal e sinete de minhas armas. Em Mazagão em 9 de Outubro de 1612.—Antº pr.a

O Doutor Simão Soares de Carualho do Conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço e juis das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos que a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escrivão que esta sobescreueo a certidão a tras ser asinada por Antonio Pereira Lopez pelo que a ey por justificada de que mandei pasar a presente por mim asinada em lisboa aos dezaseis de outubro de seis centos e vinte e noue anos pagou desta quarenta reis e de asinar quarenta reis—Valentim de

(1) Sousa na *Hist. Genealog. da Casa Real* tom X., pag. 893, faz menção de Antonio Pereira de Berredo, e diz (entre mais noticias) que—*El Rei D. Filippe II o mandou visitar todos os logares da Costa d'Africa, o que fez com admiravel diligencia, etc.*

saa a fis escreuer. —Simão Soares.—(*Na margem superior por letoa de Henr. Corr. da Silua.*)—Cõpri cõ o q̃ S. Mg.de mandou neste particular. —(*In dorso*). Sertidão de Ant.º P.ra

Orig. folh. 76.

33.º (1)

Frej Andre de Albuquerque religioso da ordem da Sactissima Trindade, Certifico que mandandonos Sua Mg.de a mj E ao padre frej Manoel do spũ Sancto a Villa de Mazagão pera com o Capitão della que então era Anrique Correa da Silua fazermos resgate dos captiuos Christãos que estauão em Marrocos E Aduquella; o ditto Capitão se conformou sempre cõnosco e foj fauorauel entudo o tocante ao ditto resgate mostrando muito zello do seruiço de Deos E de Sua Mag.de que lho encarregou por carta Sua que nos lhe damos, por maneira que com o muito que nos aiudou e fez por sua parte se resgatarão sincoenta pessoas em que entrarão des crianças de sete annos de jdade a maior dellas, E se resgatarão muitas mais se no tempo em que se trataua o ditto resgate não socederão grandes guerras E alterações por aquella parte de Berberia E em sua companhia do ditto Capitão me mandou Sua Mag.de uir cõ os captiuos resgatados E recebi delle em toda a viagem muito bom tratamento, na qual soçedeo encõtrarmos cõ sinco nauios de turcos E piratas cõ muita gente e Artilharia E cõ ser mu-

---

(1) Fr. André d'Abuquerque foi descendente de nobilissima familia, terceiro neto do grande D. João de Castro. Pela sua muita abnegação empregou parte da sua vida na redempção de captivos, pelo que com muito trabalho e não menos perigo conseguiu por tres vezes que lhe foi incumbida esta missão resgatar 871, entre elles homens muito notaveis. Fazem d'elle menção varios escriptores, e mais desenvolvidamente a *Hist. Chronologica da... SS. Trindade*, por Fr. Jeronimo de S. José (Lisboa 1789-1794) tom. II. pag. 10.

to pouca a do nauio em que vinhamos embarcados que não chegavão a vinte mosqueteiros e arcabuzeiros não tendo mais aiuda que a de hũ navio flamengo cõ pouca gente e artilharia, o ditto Capitão os aguardou e cõ todos pelejou andando sempre en sima da cuberta dando ordem aos que com elle pelejando como os mais, por maneira que por sua boa ordem e diligencia e pelo esforço que mostrou se animarão todos e pelejarão tão valentemente, que os enemigos recearão estando muito perto e quasi abordados, e pelo que vi e iulguei entendi que cõ muito dano seu e sem algum nosso, o que me pareçeu milagre respeito da muita gente e vantajẽ que os jnimigos nos tinhão e por esta causa cheguei a esta cidade a salvamento cõ corenta captivos homẽs molheres e meninos cõ que parti de Mazagão onde ficarão oito por serem da mesma terra e dous mortos, e ouui dizer ao dito Capitão que não quizera desembarcar en tavilla donde he Alçaide mor e estivemos a uista por não desemparar os captivos que Sua Mg.de por elle e por nos mandara resgatar, E por tudo passar na uerdade o affirmo in uerbo sacerdotis por esta por mim feita e assinada. Em Lisboa a 11 de janeiro de de 1617—Fr. Andre dalbuquerque.

Sebastião machado tabaleão do publicuo de notas por ellRey noso S.r nesta cidade Lx.a conheso a lletra e sinall da certidão asima que é de frei andre de albuqurque e nella conteudo oie desaseis de outubro de mill e seis sentos e vynte noue anos.

O doutor Simão Soares de Carualho do conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço e juiz das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos que a presente certidão virem que a mim

34.º

Certefico eu domingos fereira tabaliam do publico judiciall e das notas nesta villa de mazagão ẽ como he verdade que coamdo ho senhor amrrique correa da sillua do consselho de sua magestade alcaide mor e capitão mor da sidade de tauilla veo por capitão e gouernador ha esta uilla estaua o porto ffexado e auia muitos dias que não vinhão judeus ha ella e por sua jndustria uierão no mes de desembro do ano de mil e seis centos he onze com muito proueito de sua magestade pelos direitos q̃ de amtão pera qua tem paguo ha sua allfandega como cõsta dos autos e test.[as] juradas ha os samtos heuamgelhos muitas e de callidade em hum estrumento q̃ tenho em meu poder ha que me rep.[to] em ffee do coall pasey o presente ẽ masagão des dias do mes de junho do ano de mill he seis centos he desaseis e asiney de meu publlico sinall q̃. tall hee — *(segue-se o signal.)* — *(Na margem superior da sertidão:)* — de como trouxe os judeos cõ provejto da fazenda del Rey — *(In dorso por lettra coeva)* do tempo em q̃ uierão Judeos a mazagão.

Orig. folh. 99.

35.º

Dom João de Castro etc. certefico que ElRey Dom Fellippe que Deos tem estando no Reyno de Portugal. Mandou oito fidalgos dos da criação de ElRey Dom Sebastião a buscar a sua ossada a çidade de faro no Reyno do Algarue pera a leuarem a Lix.ª ao Mosteiro de Bellem e passarão por Almeirim e leuaram a de ElRey Dom Henrique que ahy estaua com outro acompanhamento e forão todos em companhia a Bellem aonde S. Mag.de as estaua esperando, e no do Algarue se achou Henrique Correa da silua que era hũ dos oito que fez a Jornada com muita despesa, e por me achar nella me foi pedida esta certidão que mandej passar por mim asinada e sellada com o sello de minhas armas Gregorio Barreto a fez em Lagos a 25 de Julho de 1617 — dom João de Castro.

Esta sertidão e sinal he do s.or Dom João do Castro e o sertefico asi e iuro aos s.tos euangelhos em Lx.ª a 6 de out.ro de 1617. — C.do Luis de Castro p.ra— *(Na margem superior por lettra coeva:)* Justificada com o juram.to de Ruy da silua f. 159 — *(Docum. 38.º)* — *(In dorso por lettra de Hnr. Cor. da Silva)* — Certidão de dõ J.º de Castro sobre a jornada de faro e ossada delRey dõ Sebastião. —

Orig. folh. 82

36.º

Sertefiqo eu dõ n.º mazs (*D. Nuno Mascaranhas*) q̃ martim Corea da silua foi com dom amt.º prior do Crato a tajere e q̃ era do numero dos comselheiros q̃ lhe elRey deu e foi a segunda uez com elRey dom sebastiam q̃ o mãodou a masagam co filho do jarife e nestas jornadas o acompanhou seu f.º amriqe Corea o q̃ sei por pasar ambas as uezes co dito Rey e os uer la e q̃ moreo em tomar eleito gouernador da casa do siuel estãodo naqela uila ulRey q̃ esta em grolia fazendo Cortes nas quais tão bem me achei. feito em lisboa a 26 de setembro de 617. — dõ n.º mazs.

An.to galuam t.am de notas por Sua mg.de na cidade de lx.a sertefico a letra e sinal asima ser de dom nuno masquarenhas nela conteudo lx.a quinze de out.ro de seis sentos e uinte e nove annos. (*segue o signal*)

Orig. folh. 90.

37.º

Dom dioguo de meneses do Conselho de S. mg^de^ certefiquo q̃ he uerdade q̃ mandando el Rey dom sebastião a dom Ant.º q̃ foi prior do crato a tangere, mandou em sua companhia e por seu comselheiro a Martim correa da silua e a outros fidalgos paj de amrique Correa da Silua. q̃ oje viue o qual foi com o dito seu paj nesta jornada, e esteue em tangere ate q̃ elRey dõ Sebastião q̃ ds tem passou a dita cidade, e esteue nella todo o tempo q̃ o dito sõr Rey esteue nella e em Seita.

E quando a seg.^da^ ves o dito sõr Rey pasou afriqua em fauor de mulej amete mandou diante, o dito martim Correa a seita asestir com o dito Rey mouro e daii o trouxe a arzilla e a tangere, e o dito Rey dõ Sebastião o mandou com mulej xeque, f.º de mulej amete pera mazaguão com gente de guerra a fazer sombra aos mouros de maroquos e a mulej maluco pera q̃ asi temese o emtrarem por aquella parte, e coisto lhe fose forsado apartar seu poder e deixar naquella parte gente q̃ lhe guardase as costas. e o dito amrrique Correa acompanhou seu paj em toda esta jornada e por me ser pedida esta sertidão, a dei na verdade e o juro pelo abito de xpo q̃ tenho, em lx.ª oje 28 de setembro de 617 sellada com o sinete de minhas armas — dõ diº de meneses.

O Doutor Simão Soares de Carualho do conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço e juis das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos que a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escriuão que esta sobescreueo a certidão atras ser

asinada por Dom dioguo de meneses pelo que a ey por justificada de que mandei pasar a presente por mim asinada Em lisboa aos dezaseis de outubro de seiscentos e vinte e noue anos pagou desta quarenta reis e de asinar quarenta reis — Valentim de saa a fis escreuer. — Simão Soares.

Orig. folh 92

38.º

Ruy da Silua Alcaide mor da Cidade de Silues do Cons.º destado del Rey nosso s.or e Veedor da sua faz.da etc. Certefiquo que Henrique Correa da Silua Alcaide mor da Cidade de Tauilla se embarcou neste Porto de Lisboa com o Marques de Santa Crus. na Armada com que desbaratou a de ElRey de França nas ilhas terceiras de que era general felipe estros: E com o ditto Marques tornou a este portto estando nelle ElRey Dom felipe nosso s.or o Prim.ro desta coroa, e segundo minha lembrança pareçe que foj o Anno de mil e quinhentos oitenta e dous E asy mais certefico que o ditto Henrrique Correa da Silua foj hu dos noue fidalgos que o ditto s.or Rey mandou desta cidade a de faro. no Reino do Algarue, para dahi trazerem e acompanharem o Corpo del Rey Dom Sebastião que Deos aja como fizeram atee o mostr.º de Bellem adonde foi sepultado, e nesta companhia foi tambem fran.co Barretto de Lima Veedor da Caza del Rey, e por hũa e outra cousa paçar na verdade o juro pelo habitto de Cristo que recebi, e a pedim.to do ditto Henrique correa da silua pasej a prezente feitta por Gaspar de Vilhalbos e asinada por mim e sellada com o signeite de minhas Armas em Lisboa a des de outubro de 629 Annos.—
—Ruy da Silua.

O Doutor Simão Soares de Carualho do conselho del Rey nosso senhor seu desembargador do paço e juiz das justificações de sua fazenda etc. faço saber aos que a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escriuão que esta sobescreueo a certidão atras ser

asinada por Ruy da Silua pelo que a ey por justificada de que mandei passar a presente por mim asinada em Lisboa aos dezaseis de outubro de seis centos e vinte e noue anos pagou desta quarenta reis, e de asinar quarenta reis Valentim de saa a fis escreuer. — Simão Soares.

Orig. folh. 159.

38.º

Rux da Silua Aloaide mor da Cidade de Silues do Cons.º destado del Rex nosso s.ºr e Veedor da sua faz.da etc. Certefiquo que Henrrique Correa da Silua Alcaide mor da Cidade de Tauilla se embarcou neste Portto de Lisboa com o Marques de Santa Crus. na Armada com que desbaratou a de El-Rex de França nas ilhas terceiras de que era general felipe estros: E com o ditto Marques tornou a este portto estando n'elle El Rex Dom fellipe nosso s.ºr o Prim.ro desta Coroa, e segundo minha lembrança pareçe que fox o Anno de mil e quinhentos oitenta e dous E asx mais certefico que o dito Henrrique Correa da Silua foj hũ dos noue fidalgos que o ditto s.ºr Rex mandou desta Cidade a de faro. no Reino do Algarue, para dahi trazerem e acompanharem o corpo del Rex Dom Sebastião que Deos aja como fizerão atee o mostr.º de Bellem adonde foj sepultado, e nesta comptnhia foj tambem fran.co Barretto de Lima Veedor da Caza del Rex, e por hũa e outra cousa paçar na verdade, o juro pelo habitto de Cristo que recebi, e a pedim.ao do ditto Henrrique correa da silua pasej a prezente feitta por Gaspar de Vilhalbos e asinada por mim e sellada com o signeite de minhas Armas em Lisboa a des de outubro de 629 Annos. — Rux da Silua.

O Doutor Simão Soares de Carualho do conselho del Rex nosso senhor seu desembargador do paço e juiz das justificações de sua fazenda etc. faça saber aos que a presente certidão virem que a mim me constou por auto que fica em poder do escriuão quc esta subscreueo a certidão atras ser asinada por Rux da Silua pelo que a ex por justificada de que mandeĩ

passar a presente por mim asinada em Lisboa aos dezaseis de outubro de seiseentos e vinte e noue anos pagou desta quarenta réis, e de asinar quarenta réis Valentim de sua a fis esereuer. — Simão Soares.

Orig. folh. 159.